

Comércio de coco movimentou R\$ 24,3 milhões ao ano na PB

Respondendo por 71% da produção nacional, Nordeste coloca o Brasil em 5º lugar nas exportações do fruto. [Páginas 17 e 18](#)

Foto: Evandro Pereira

Entrevista



Coronel Euler Estratégias da Polícia Militar da Paraíba servem de modelo para o país. [Página 4](#)

Geral

Campanha lembra resistência das mulheres negras na PB

Iniciativa do governo tem caráter informativo e conscientiza a população sobre a luta e resistência das mulheres negras latino-americanas e caribenhas. [Página 3](#)



Pesquisa em CG produz água a partir da umidade do ar

Iniciativa desenvolvida no Instituto Nacional do Semiárido utiliza equipamento com tecnologia israelense para transformar o ar atmosférico em água potável. [Página 20](#)

Paraíba

Voluntários levam comida e esperança à população de rua

Em tempos de pandemia, ONGs, coletivos e grupos de amigos dedicam ainda mais tempo para aliviar as dores e saciar a fome da população mais vulnerável. [Página 7](#)

Colunas

// Vivemos sempre sendo cobrados por nossa consciência. E estamos, a todo instante, procurando respostas que nos permitam ter um bom relacionamento com a realidade ao nosso redor. // [Página 2](#)

Rui Leitão

// Sou completamente bandeiriano. O mestre do lirismo, 'o poeta menor', com sua grandeza surpreendente, me deu lições de partir na convicção absoluta de que a poesia está em tudo. // [Página 11](#)

Hildeberto Barbosa Filho

// Resolvi reouvir algumas guarânias que insistem em ficar gravadas na minha memória musical. Em sendo assim, não havia como não retornar à dupla que impulsionou o gênero no Brasil". // [Página 27](#)

Professor Francelino Soares

Foto: Ortilo Antonio



A Itália presente nas edificações de João Pessoa

Engenheiros e arquitetos italianos, ou brasileiros de origem italiana, como Hermenegildo di Lascio e seu filho, Mário Glauco di Lascio, projetaram alguns dos mais famosos prédios e casas da capital paraibana. [Página 25](#)

Foto: Valécia Estrela/Divulgação

CIÊNCIA E TECNOLOGIA



Expedição Pesquisadores do Brasil e EUA estão na PB estudando o risco de extinção de certas espécies por causa das mudanças climáticas. [Página 15](#)

“

O pensamento de Celso Furtado nos dá linhas para o longo prazo e médio prazo até, mas não para essa crise imediata”

Cristovam Buarque Em entrevista exclusiva, professor fala sobre o legado deixado pelo economista paraibano, Nordeste e Educação. [Página 9](#)

Foto: Reprodução/Rede Social

Foto: Miriam Jeske/COB



Olimpíadas de Tóquio Paraibano Edval Marques, o Netinho, entra hoje no tatame para fazer história e defender o Estado pelo ouro no taekwondo. [Página 21](#)



Editorial

Bloqueio à Chauvin

O substantivo feminino “união”, direta ou indiretamente, ancorou os discursos do então candidato e, posteriormente, presidente eleito e empossado dos Estados Unidos da América, Joe Biden, do Partido Democrata. Harmonia entre os estadunidenses, para reparar as fissuras ideológicas provocadas por Donald Trump. E confluência entre as nações, para superar contendas históricas, de modo a humanizar a ordem mundial com os eflúvios da paz.

Não foi preciso muito tempo para se constatar que os Estados Unidos são sempre os Estados Unidos, ou seja, a megapotência econômica e militar que joga pesado, muito pesado, também no campo político, na defesa de seus interesses imperialistas. Só as lideranças latino-americanas incautas ou bajuladoras baixam a guarda àquele país, considerando-o - santa ingenuidade! - “O Grande Irmão do Norte”, ou outro absurdo qualquer.

Pois bem, tão logo desfez as malas e emprestou seus toques pessoais à decoração da Casa Branca, Biden tratou de posar como líder da nação mais poderosa do planeta, embora haja controvérsias. Mas não deu demonstrações de força contra os arqui-inimigos de seu país, a exemplo de Rússia, China e Coreia do Norte. Escolheu, para bater, um desafeto mais fraco, do ponto de vista bélico, ainda que, de moral bastante elevada.

E o que fez Biden? Seguindo o mesmo mal caminho de Trump, o democrata arrochou ainda mais os já apertadíssimos nós do bloqueio imposto a Cuba pelos Estados Unidos, lá se vão quase 60 anos, tentando, com este embargo criminoso - dezenas de vezes condenado pela Organização das Nações Unidas (ONU), em seus momentos de lucidez -, enfraquecer ou quebrar de vez os elos que ligam o Partido Comunista, o Estado e o povo de Cuba.

Que a Revolução Cubana triunfe ou não dê certo por si mesma. Que os homens e mulheres cubanos optem, ou não, por outro modo de produzir riquezas e reparti-las entre si. Cuba é uma nação soberana e o povo cubano, e somente ele, tem o direito de legislar sobre si mesmo. Qualquer interferência de um país sobre outro é um crime inafiançável, à luz da consciência mundial. Mas o dos Estados Unidos contra Cuba é, infinitamente, mais.

Artigo

Rui Leitão

iurleitao@hotmail.com | Colaborador

“A sabedoria começa na reflexão”

Essa frase não é minha, foi proclamada pelo filósofo Sócrates, mas expressa uma grande verdade. Ninguém pode se considerar uma pessoa com sabedoria se não for alguém que se dedique a refletir sobre a vida. Viver constantemente interrogando a si mesmo é condição primeira para se alcançar o conhecimento profundo das coisas. Já dizia Coralina que “o saber se aprende com os mestres, e a sabedoria só com o corriqueiro da vida”.

Vivemos sempre sendo cobrados por nossa consciência. E estamos, a todo instante, procurando respostas que nos permitam ter um bom relacionamento com a realidade ao nosso redor.

É preciso que busquemos compreender “o porque”, “o que” e o “para que”, de tudo que esteja relacionado ao nosso modo de viver. Só assim conseguiremos analisar erros e acertos e firmarmos aquilo que pode ser compreendido como “pensamento próprio”.

Essa discussão que estabelecemos com nossa consciência, pode evitar que sejamos vítimas de manipulação e passemos a emitir opiniões e agir de acordo com o que pensam outras pessoas. Quando nos damos ao exercício da reflexão, ganhamos a capacidade de elaborar nosso próprio pensamento.

Nos tempos atuais, somos perigosamente influenciados pela propaganda midiática e pelos discursos ideológicos construídos com a intenção de “fazer nossa cabeça”. Há o risco de nos tornarmos “massa de manobra” para atendimento de interesses nocivos a nós mesmos, sem que os

percebamos. Começamos a defender ideias que não são nossas e que sequer nos beneficiam.

Daí a importância da reflexão permanente sobre o mundo em que estamos envolvidos. Nunca devemos deixar sem respostas convincentes as perguntas existentes no nosso íntimo. A preguiça de pensar, questionar, refletir, torna o homem ignorante e presa fácil dos poderosos. Afinal de contas, somos seres pensantes, o que nos permite estar preparados para conviver com a realidade que nos circunda. Quem não reflete sobre as suas motivações, erros e acertos, corre o risco de entregar a outros a construção de sua própria história. A reflexão tem função libertadora, ela nos livra da condição de “marionetes”.

A reflexão oportuniza o indivíduo decidir por mudanças na convicção do que realmente

precisa fazer. Assim ganhamos maturidade intelectual e psicológica para encontrarmos caminhos novos na vida. Refletir antes de agir é estabelecer um pensamento consciente que garante seguir em frente evitando tropeços. Tem uma frase de Mário Quintana que acho muito interessante: “O passado é lição para refletir, não para repetir”. Se for necessário repetir, que façamos como resultado de uma cuidadosa reflexão.

O aprendizado nunca termina, daí a importância de dedicarmos tempo à reflexão, praticar autoanálise e olhar o mundo sem medo de sempre estar questionando. “Quem não pensa, é pensado pelos outros”, como também afirmava Sócrates.

Quando nos damos ao exercício da reflexão, ganhamos a capacidade de elaborar nosso próprio pensamento //

Crônica

Sitônio Pinto

sitoniopinto@gmail.com | Colaborador

Sombras de Adalberto

Digo essas coisas com a autoridade que tenho como portador de Parkinson. Minha mão trêmula não representa medo, pois só tenho medo da minha mulher: é feroz.

O economista Adalberto Barreto me dizia que a solução para o Semiárido seria a liberação de culturas proibidas, como a maconha (*cannabis sativa*). Não sei até onde Adalberto adivinhava, mas entendo que sua solução está em marcha. A cannabis é a fonte da canabidiol, quicá o produto mais nobre (!) da maconha, pois é uma substância medicinal, de comprovado poder de cura no tratamento do Mal de Parkinson.

Nesse aspecto, a cannabis é um dos raros vegetais capazes de debelar o mal que aflige parte da humanidade. Aquelas pessoas que você vê com as mãos trêmulas, ou com o passo curto e as pernas bambas, são portadoras de Parkinson - uma doença sem cura e de remédios com pouco efeito. Agora, surgiu o canabidiol - já usado em alguns países civilizados. Não vá pensar que é fumando baseados que se obtém o canabidiol. A droga é obtida quimicamente. Seja lá como for, vale a pena.

Digo essas coisas com a autoridade que tenho como portador de Parkinson. Minha mão trêmula não representa medo, pois só tenho medo da minha mulher: é feroz. Ela disse que ia me matar na unha. Portanto, meus amigos, parentes e leitores, estejam advertidos. Ela me ameaçou de matar-me na unha. Como é que se matam maridos na unha? Deve ser como as mulheres matam piolhos, imprensando-lhes entre as unhas dos polegares. E assim com os maridos.

Contra essa truculência das esposas, a canabidiol (ou o canabidiol) não faz efeito. Não adianta tomar overdose, a vítima pode morrer e não escapar da ira da mulher. Como diz aquela velha e sábia marcha (ou samba) de carnaval:

“Deus nos livre das mulheres de hoje em dia, desprezam o homem só por causa da orgia...” (Filosofia, ou Gosto que me enrosco, De Mário Reis e Sinhô, 1928 ou 1934.) Responda depressa: qual a diferença entre marcha e samba de carnaval, em 1928?

Eu disse, retro, que a solução se avizinha, pois os ditos vegetais estão em processo de discriminação. Veja-se a recente decisão da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). A decisão da Anvisa não tem o poder de liberar a cannabis, mas a exclui do índice das substâncias malditas. Pelo menos redime seus usuários da pecha de maconheiros.

Voltando à cannabis: Adalberto sugeriu o cultivo de plantas proibidas, como a maçã do Paraíso e a cannabis, para o Semiárido brasileiro escapar da seca. O preço final desses vegetais justificaria os caros investimentos. Veja-se o caso da transposição de águas do Rio Chico: há muito tempo que se cultiva maconha nas suas ilhas. Além do clima ser favorável à cultura da cannabis, o preço também é.

Outra: a maconha é cultivada em regiões do Semiárido como Patos e Princesa (Sertão da Paraíba). E de boa qualidade, dizem seus usuários. Quer dizer: é uma xerófila, não precisa dos canos da irrigação. Adalberto dizia ainda que o produto principal da algaroba, no Semiárido, era sombra. E eu digo que é mesmo, desde que a leguminosa do deserto seja consorciada com outras culturas como palma, capim buffel, feijão de rola e até café. Você se lembra do café sombreado?

Já vi cannabis cultivada em jardineiras, nas janelas da burguesia, na capital do País. Não posso atestar a qualidade, pois não provei. Mas era sombreada, o que enriquecia a proposta de Adalberto: maconha sombreada no Semiárido. O Planalto Central é um semiárido, há quem diga que a insolação de lá é maior que a do Saara. Haja sombra.

Domingos Sávio

savio_fel@hotmail.com

Humor

AÍ JÁ É APELAR DEMAIS...

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTEWilliam Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSARui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO

Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSARenata Ferrelha
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEMPABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 /
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

OUVIDORIA: 99143-6762

A resistência das mulheres negras continua em alta

Governo da Paraíba relembra os passos da história com a campanha "Paraíba - Mulheres negras protagonistas"

O dia 25 de julho se tornou um marco internacional de luta e resistência das mulheres negras latino-americanas e caribenhas e a Paraíba lembra os passos dessa história contra o racismo e a desigualdade lançando a campanha "Paraíba - Mulheres negras protagonistas", que leva em caráter informativo para a população paraibana a importância sobre a data e sobre o serviço do Centro da Igualdade Racial João Balula. No Brasil, também se celebra o Dia Nacional de Tereza Benguela, que no século XVIII liderou um quilombo e o fez resistir por duas décadas.

A data que leva a hashtag #25J reconhece a luta da Rede de Mulheres Afro-latino-americanas e Afro-Caribenhas junto à Organização das Nações Unidas (ONU) no enfrentamento do racismo, da violência e desigualdade sofridas pelas mulheres negras ao longo dos séculos. "Por isso, 25 de julho é um dia marcante

para refletir sobre as demandas da diversidade de mulheres negras e de fortalecimento do protagonismo delas em todos os setores da sociedade, evidenciando as lutas antirracistas", afirma a secretária da Mulher e da Diversidade Humana, Lídia Moura.

A protagonista da campanha é a pedagoga Emanuelle Costa, 38 anos, que trabalha como assessora técnica da Gerência de Igualdade Racial da Secretaria da Mulher e da Diversidade Humana. O rosto dela estará espalhado em outdoors e busdoors na Paraíba representando as mulheres negras. "Já enfrentei o racismo e essa luta é diária. A diferença é que antes eu não sabia que o que eu passava era racismo. Hoje eu sei onde denunciar, qual serviço buscar. Assim como Tereza de Benguela, tenho um quilombo simbólico para lutar, pois hoje temos o Centro Racial João Balula, que faz o atendimento à população negra", afirma

Emanuelle Costa.

Para ela, é importante que as campanhas institucionais debatam com a sociedade civil as políticas públicas de enfrentamento ao racismo e na redução das desigualdades étnico-raciais. Além da campanha virtual e nas ruas, a rádio Tabajara vai veicular um spot de rádio sobre a data. Durante todo o mês, a Secretaria da Mulher e da Diversidade Humana promoveu debates no Instagram @semhdhgovpb para discutir com especialistas ações e políticas de enfrentamento do racismo. Hoje, às 19h, também pelo Instagram, terá uma live-show com o trabalho musical de Jany Santos e Zé Reinaldo, apresentando diversidades da cultura afro-brasileira e afro-paraibana. Com atuação pedagógica da História e Artes, a musicalidade da dupla ganhou os palcos com o Ijexá, samba, reggae e outros ritmos da cultura negra.



Pedagoga Emanuelle Costa (acima) é a protagonista da campanha; para a secretária da Mulher e da Diversidade Humana, Lídia Moura (esq.), 25 de julho é um dia marcante para refletir sobre as demandas de mulheres negras e do fortalecimento do protagonismo delas em todos os setores da sociedade



Foto: Roberto Guedes

SERVIÇO

■ O Centro Estadual de Referência da Igualdade Racial – João Balula é um espaço idealizado para o acolhimento e atendimento da população afetada pelo racismo e pela intolerância religiosa, especializado em acompanhar casos que violam os direitos humanos e impactam tantas vidas, além de orientação jurídica, psico e socioassistencial.

- Rua Rodrigues de Aquino, nº 220, Centro - João Pessoa
- Telefone - 3221-6328
- Instagram - @centroracialpb
- Facebook - Centro da Igualdade Racial João Balula
- WhatsApp - (83) 99340-3946

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

A IMPORTÂNCIA DA PESQUISA ELEITORAL COMO INSTRUMENTO PARA AS TÁTICAS DE CAMPANHA

Pesquisa eleitoral reflete, de fato, a intenção de voto dos eleitores? O 'sim', como resposta, se justifica por inúmeros fatores, sendo que dois deles são primordiais: há que ser uma pesquisa feita com os critérios técnicos consagrados nas estatísticas do acerto e na qual a imparcialidade de sua condução seja um instrumento inegociável. As pesquisas erram? O 'sim', como resposta, também é verdadeiro, sendo que dois fatores, nada estimados pelos institutos de pesquisa idôneos e pelas pessoas de boa fé, não raro, são os responsáveis pela inexistência: a negligência metodológica na coleta dos dados ou, o que é pior, a manipulação do resultado. O mundo é movido a pesquisas, não necessariamente de cunho eleitoral, como sabemos. Existe uma necessidade premente - de partidos, de empresas públicas e privadas, de entidades de classe etc - para se saber o que pensa o 'outro'. E por que pensa daquele modo, em particular. Sendo essa aferição conduzida de modo técnico e ético, a probabilidade de distanciar-se do erro é imensamente plausível. No campo político, não é exceção que candidatos mal colocados falem que não acreditam em pesquisa eleitoral, mas "na pesquisa das ruas". Bem, quem admite derrota de véspera? O fato é que pesquisas sérias aferem o sentimento 'das ruas', não? "Pesquisas indicam erros e acertos nas táticas de campanha, redirecionam estratégias, incentivam desistências, forçam alianças, fornecem elementos para programas de governo e alteram a agenda dos candidatos", registra Antonio Teixeira Mendes (foto), que comandou o Datafolha por dez anos, em seu livro "O Papel das Pesquisas Eleitorais" (Cebrap).

Foto: Divulgação



FIGURANTES, NÃO!

Atualmente, superintendente da Folha, Antonio Teixeira Mendes diz, em seu livro, que "As pesquisas não podem mais ser vistas como figurantes no cenário eleitoral (...), bons resultados em pesquisas significam apoio político (...). O oposto pode representar perda de aliados, pressões intrapartidárias, apatia, crise e até mesmo desistência da disputa".

VOLTA ÀS BASES

Deputado federal por três legislaturas - de 2003 a 2007; de 2011 a 2015 e de 2015 a 2019 -, Benjamim Maranhão será candidato a deputado estadual. Essa postulação está acordada com o presidente do MDB, senador Veneziano Vital do Rêgo, que projeta aumentar a representatividade do partido na ALPB - o único deputado da sigla é Raniery Paulino.

LULA E REELEIÇÃO

"Tenho um desejo de votar em Lula, mas minha prioridade é a reeleição do governador João Azevêdo. O partido ao qual eu irei me filiar tem que ter essa postura". Do líder do governo na ALPB, deputado Wilson Filho, reportando-se à transição partidária que ele e seu grupo farão quando da abertura da janela partidária, no próximo ano.

A FAVOR DO FUNDO (1)

O debate sobre a manutenção do financiamento público de campanhas tem um defensor ardoroso no PT da Paraíba. "Tem que ter financiamento público, sim, para que todo cidadão possa se candidatar. O trabalhador não tem dinheiro para ser candidato, mas o empresário rico tem. Ser contra é demagogia", diz o deputado Anísio Maia.

A FAVOR DO FUNDO (2)

De outro espectro ideológico, o deputado Julian Lemos (PSL) também apoia a manutenção do fundo partidário, mas não no valor de R\$ 5,7 bilhões como está previsto na LDO, aprovada pelo Congresso. E a opinião dele converge com a de Anísio Maia: "Sem esse fundo, quem sai ganhando são os corruptos que têm dinheiro para se eleger".

"NADA MAIS ARRISCADO QUE DEFENDER O INDEFENSÁVEL"

Wilson Filho se diz confortável para fazer a defesa do governo e atribui isso à aprovação popular que a gestão alcançou em todas as regiões da Paraíba: "Dentre os membros do nosso grupo [da base], tem um que assumiu a liderança. Eu não aceitaria defender um governo no qual não acreditasse. Nada mais arriscado que defender o indefensável".

Coronel Euler Chaves,
Comandante Geral da Polícia Militar da Paraíba

“Educação profissional tem sido prioridade do Governo e da PM”

Estratégias adotadas pela PM na Paraíba servem de exemplo para o Brasil e derrubam números da violência

Iracema Almeida
iracemalubarino@epc.pb.gov.br

Ao todo, já são mais de dez anos à frente do Comando Geral da Polícia Militar e o coronel Euler Chaves, de 54 anos, segue colhendo os frutos das sementes plantadas para diminuir a violência nos municípios paraibanos. No último mês foi divulgado o ranking de segurança pública dos estados brasileiros – do Centro de Liderança Pública (CLP) – e a Paraíba, que já esteve entre os estados mais violentos do país em 2015, ficou em 5º lugar, entre as 27 unidades federativas e na 2ª posição da região Nordeste.

Atualmente, o coronel que está na PMPB há mais de 37 anos, comanda um efetivo de mais de 10,2 mil policiais militares que são lotados nas 223 cidades paraibanas. Uma missão ár-

dua, mas que ele garante ser recompensadora em poder contribuir com a segurança da população. Uma das estratégias adotadas pelo comandante foi, junto ao governador João Azevêdo, incentivar com gratificações para os militares que alcançarem as metas estipuladas pela corporação para a apreensão de armas, que variam de acordo com o tipo de armamento ou explosivo, entre R\$ 600 até R\$ 1.500.

Sua atuação na Paraíba também foi primordial para que Euler fosse o primeiro paraibano a ser escolhido para presidir o Conselho Nacional dos Comandantes-Gerais das Polícias Militares e Corpo de Bombeiros Militares do Brasil. Cargo que é resultado das políticas adotadas para reconhecer o serviço prestado pelos policiais à sociedade paraibana.



O coronel Euler Chaves está na PMPB há mais de 37 anos e comanda um efetivo de mais de 10,2 mil homens, sendo o primeiro paraibano a ser escolhido para presidir o Conselho Nacional dos Comandantes-Gerais das Polícias Militares e Corpos de Bombeiros Militares do Brasil

Foto: Evandro Pereira

A entrevista

Coronel, a Paraíba está no 5º lugar no país no ranking de apreensão de armas de fogo e, no 2º lugar do Nordeste. Como comandante geral da PMPB, a que se deve essa colocação do Estado?

Há um conjunto de fatores, como as condições de trabalho, integração e interação, formação técnico-profissional, treinamento continuado, prevenção e cuidados psicossociais, o trabalho em equipe, que permeiam muito o trabalho dos profissionais. Somando-se a uma política pública contínua que motiva as apreensões pelo treinamento adequado e também pelo pagamento de premiação aos policiais por cada arma apreendida.

Para se ter uma ideia, só a Polícia Militar apreendeu 5.526 armas de fogo em 2019 e 2020. Este ano, já são 1.615 armas apreendidas até o último dia 18 de julho. Ou seja, são mais de 7 mil armas retiradas da circulação em pouco mais de dois anos e meio.

Quais os procedimentos que a PMPB vem adotando para alcançar tal colocação?

São milhares de operações desencadeadas anualmente, focando-se a mancha criminal e as permanentes orientações da inteligência. (Operação Impacto, Nômade, Alvorada, Cidade Segura, Malhas da Lei, Risco Zero, Ônibus Seguro, Cometa, etc.)

Como a Polícia Militar vem atuando em toda a Paraíba para combater ações criminosas durante a pandemia?

Desde o início buscamos cuidar da saúde de quem protege para que pudéssemos proteger e servir com mais segurança.

Com o Projeto PREVINA-SE, adquirimos máscaras e álcool,

além de desenvolvermos uma campanha de prevenção e um protocolo de cuidados por teleconsulta com a dispensação de exames e/ou medicamentos aos militares e seus familiares, através do Fundo de Saúde.

Para prevenirmos os crimes contra a saúde pública, montamos a Operação PREVINA-SE, quando atuávamos em alguns instantes de forma integrada com outros atores públicos. Paralelamente, as operações e ações rotineiras ou especiais foram mantidas com o suporte da inteligência e estatísticas criminais.

Qual a importância que a PMPB vem dando para a formação técnica e acadêmica dos policiais? O senhor incentiva a capacitação constante dos efetivos policiais?

A educação profissional tem sido uma prioridade do Governo e do Comando desta Corporação. Os soldados são formados com mais de 1.700 h/aula em nível de tecnólogo de Segurança Pública. Já os oficiais passam três anos e saem bacharéis. Este ano, faremos um Certame Público através da Fundação Getúlio Vargas (FGV), tendo como requisito o Nível Superior. Além disso, manteremos o Bacharelado em Segurança Pública e acrescentaremos uma especialização profissional em Gestão Pública e Liderança, afora as formações que estamos mantendo com todos os cursos ordinários em funcionamento (formação ou habilitação de cabos, soldados), como também eventos de ensino para atividades específicas (capacitação em policiamento ambiental, de choque, de área de caatinga, de motos, entre outros).

De janeiro de 2019 até o fim de junho deste ano, ou seja, nos últimos dois anos e meio, foram

realizadas 9.861 formações ou capacitações pela Polícia Militar da Paraíba.

A PMPB da Paraíba é considerada umas das polícias menos letais do país. Como o senhor enxerga esse trabalho para humanizar os policiais, conscientizando-os de que ‘matar’ criminosos não é a solução para conter a violência?

É um processo e uma construção que advém como ideia desde quando comandávamos o Centro de Educação entre 2004/2008, quando buscamos a humanização do Sistema Educacional e encarando a quebra de alguns paradigmas prejudiciais ao processo ensino-aprendizagem. Já em 2009, realizamos trabalhos acadêmicos na PMBA/UEBA e na Espes/UEPB, os quais desaguarão no programa GEOIN-H (Gestão Orientada por Indicadores Humanistas), iniciado em 2012 na PMPB, e que nos ofereceu uma leitura institucional importante no processo decisório. Daí, nasce em 2015 o Espaço Viver Bem. Porém, desde o início do Comando procuramos fortalecer a valorização dos profissionais e as estruturas de correição, logística, comunitária, tecnológica e de inteligência.

Quais as melhorias implantadas na PMPB, nos últimos anos, em relação também ao bem-estar emocional dos policiais, para evitar o estresse e depressão?

A valorização do ser-policial-militar-humano é algo que envolve e envolve várias frentes da gestão. A proximidade, o respeito e a confiança interna e externa deuse em uma caminhada complexa, mas com o fim dos refeitórios separados por ciclos hierárquicos e diferenciados nas condições; a

determinação constante de cuidados com os subordinados como verdadeiros filhos; as Unidades de Polícia Solidária, que trouxeram proximidade com o cidadão; as melhorias contínuas da logística e estruturas existentes foram decisivos. Já a instalação das Unidades do Espaço Viver Bem veio coroar e aprimorar esse conjunto de ações. Apenas para ilustrar, estamos sem registros de suicídios entre ativos e inativos por três anos consecutivos. Ressalte-se que no primeiro quinquênio da década passada foram 10 e, no segundo 5, ou seja, a partir de 2015 passamos a ter um decréscimo na série histórica. Falando em bem-estar, para finalizar, é importante destacar algumas melhorias que o governador João Azevêdo proporcionou aos policiais militares, com a renovação de quase 900 veículos (entre carros e motos) de nossa frota e a construção/reforma de ambiências dignas, a exemplo de Batalhão Especializado em Policiamento com Motocicletas, Batalhão de Polícia Ambiental, Batalhão de Policiamento Turístico, a sede do Canil, a sede do Batalhão de Operações Especiais, entre outros.

Como e em quanto tempo de serviço acontece a aposentadoria do policial? Quais as vantagens que os policiais adquirem ao se aposentar?

Na Paraíba, a passagem para a reserva atualmente pode ser requerida ao completar 30 anos de serviços, tendo o direito a promoção imediatamente superior.

O senhor é presidente do Conselho Nacional dos Comandantes-Gerais das Polícias Militares e Corpos de Bombeiros Militares do Brasil... (é a primeira vez na história que alguém do Nordeste ocupa o cargo). Como

é estar à frente desse órgão e poder mostrar a todo o país as ações de sucesso implantadas na Paraíba?

Encaramos como uma missão de vida que nos honra enquanto paraibanos. Sempre que possível, temos demonstrado em reuniões do Conselho ou mesmo em conversas nossos avanços pautados no diálogo, na proximidade e no cuidar das pessoas como gostaríamos de ser tratados.

Quais suas expectativas à frente dessa gestão nacional?

Nosso foco é construir a aprovação da nossa proposta de Lei Orgânica, a qual foi longamente discutida pelos conselheiros e encaminhada às autoridades vinculadas à questão. Somando-se aos encaminhamentos realizados para termos participação em algumas áreas afins como Meio Ambiente, Inteligência, Turismo, Defesa Civil, etc. Como também participarmos do Conselho Gestor do Fundo Nacional de Segurança Pública.

Atualmente, o Brasil vive uma espécie de ‘militarização’ da política, em que diversas patentes militares ocupam cargos políticos em ministérios. O que o senhor acha dessa atuação do Exército, Marinha e Aeronáutica na gestão presidencial?

As Forças Armadas possuem quadros qualificados de profissionais para as mais diversas áreas. Particularmente, entendo que deve ser analisada a competência técnica e acadêmica para o exercício do cargo, pois apesar dos militares terem uma missão originária da Constituição Federal, são cidadãos de pleno direito para o exercício desses cargos. Ressalte-se que autoridades da sociedade civil já ocuparam o cargo de ministro da Defesa.



Foto: Divulgação

Desafios da profissão que tem a missão de transportar o país

Fundamentais para a economia, os motoristas profissionais cruzam as estradas e cidades levando pessoas e mercadorias

Carol Cassoli
Especial para A União

Transporte de pessoas, mantimentos, insumos, objetos e muitos outros itens. Esta é a principal função do profissional que, a cada viagem, carrega consigo um pouco do Brasil. Fundamentais para a manutenção da rotina da população, motoristas relembram suas conquistas e reforçam suas lutas hoje, dia da categoria. Os motoristas profissionais são aquelas pessoas que trabalham com transportes (de bens ou pessoas) e desta atividade retiram seu sustento. Esta categoria contempla, por exemplo, caminhoneiros, motoristas de ônibus, taxistas e entregadores. E, apesar de ser muito ampla, não inclui motoristas autônomos. Isto porque, para que um condutor seja considerado profissional, é necessário que o mesmo passe por capacitações e estude o funcionamento específico do trânsito em sua área.

Identificados através da sigla 'EAR' na Carteira Nacional de Habilitação; responsável por determinar que o condutor exerce atividade remunerada. E para que seus direitos sejam garantidos por lei, é necessário

///Se não tivesse motorista, não teria Brasil... mas mesmo assim as pessoas insistem em ignorar a gente. Nosso trabalho é muito importante para que, no coletivo, tudo funcione ///

que o motorista profissional atue de acordo com as diretrizes da Nova Lei de Trânsito, que está em vigor desde abril deste ano.

Para o taxista José Belinaldo, de 57 anos, no entanto, ser motorista profissional vai muito além da profissionalização do ato de conduzir. "O mais importante é transportar as pessoas com carinho, educação, responsabilidade e segurança. Não é qualquer pessoa que trabalha assim. E, para mim, isso é fundamental para você poder dizer de boca cheia que é um profissional", observa o motorista que está na ativa há 21 anos.

Chave da economia

A economista Hyollita Araújo explica que o setor do transporte é uma

das chaves para o funcionamento da economia, principalmente em um país com dimensões continentais como o Brasil. De acordo com Hyollita, a dinâmica econômica é dependente do trabalho dos profissionais deste setor não só por seu impacto direto no Produto Interno Bruto do país, mas por sua própria função de interligar os principais mercados e consumidores.

"É este setor e seus profissionais que garantem que o alimento chegue às nossas mesas não só com a ligação direta para nós consumidores finais e famílias, mas a importância também como parte fundamental do processo produtivo, garantindo o transporte de insumos e matérias-primas para a indústria", destaca a economista.

Taxista desde os 25 anos, Francisco Nascimento conduz passageiros há 30 anos e acredita que sem o motorista profissional, não há Brasil. "A gente é tudo. O motorista é quem faz o Brasil rodar com bom humor e educação, especialmente nós taxistas", destaca.

É por isso que, de acordo com a conselheira da Associação Brasileira das Empresas de Transporte Terrestre de Passageiros (Abrati), Leticia Pineschi, não há melhor forma de honra-

gear estes profissionais do que reforçar sua importância. "Os motoristas são responsáveis por manter o Brasil em movimento. Ao longo de décadas, a categoria obteve importantes conquistas em suas garantias trabalhistas e estas traduzem-se em ganhos reais para passageiros e para a segurança nas rodovias", explica Leticia.

Reivindicações

Francisco Nascimento observa que, apesar das conquistas já obtidas pela categoria, ainda há caminho para se trilhar. De acordo com o taxista, por exemplo, um dos principais passos a se dar é a inclusão e regularização dos motoristas de aplicativos que, hoje, atuam como autônomos. "Nossa maior luta é por providências quanto à regularização de motoristas de aplicativo, já que nós, que somos regularizados, arcamos com nossos deveres e responsabilidades e, mesmo estando certos, saímos no prejuízo", destaca.

José Belinaldo concorda. Para ele, a maior dificuldade enfrentada por todos os motoristas regulares é a desvalorização. "Se não tivesse motorista, não teria Brasil... mas mesmo assim as pessoas insistem

em ignorar a gente. Nosso trabalho é muito importante para que, no coletivo, tudo funcione", conclui.

Dia de São Cristóvão

O Dia do Motorista está diretamente ligado ao Dia de São Cristóvão, comemorado hoje, dia 25 de julho. No Brasil, a data é comemorada em conjunto com o Dia de São Cristóvão, padroeiro dos motoristas e do trânsito. O santo é considerado o protetor dos profissionais que trabalham no trânsito porque, de acordo com a crença católica, o santo carregou o menino Jesus durante a travessia de um rio.

CONQUISTAS DOS MOTORISTAS (ABRATI)

- Carteira assinada;
- Jornadas adequadas;
- Descanso;
- Férias remuneradas;
- Capacitação;
- Monitoramento da saúde.

Muitas famílias estão sendo beneficiadas pelo programa habitacional de João Pessoa

A prefeitura já iniciou a construção de cinco novos conjuntos habitacionais. Serão três mil oitocentos e cinquenta e duas novas moradias e isso é só o começo.

Serão 5 novos conjuntos.

3852 moradias

AGORA TEM **TRABALHO**

JOÃO PESSOA
PREFEITURA

cidade que cuida

Análise cromática identifica as cores ideais para cada pessoa

Técnica diagnostica os tons que realçam, por exemplo, pele e os cabelos, facilitando a montagem da imagem do indivíduo

Juliana Cavalcanti
julianacavalcanti@epc.pb.gov.br

A imagem sempre foi considerada importante em qualquer época. No entanto, com a ascensão das redes sociais e da produção de conteúdo digital, uma imagem adequada para determinado ambiente ou situação se tornou ainda mais fundamental. Neste cenário, as cores ganham destaque, já que é por meio delas que uma mensagem é transmitida. Com isso, cresce no mercado a técnica da análise cromática (análise de coloração pessoal), uma ferramenta de autoconhecimento para homens e mulheres.

“Um dos elementos mais importantes na hora de compor um look é a cor, pois, têm o poder de transmitir mensagens, assim como tudo o que usamos. As cores harmonizam nossa imagem e nos ajudam a atingir os nossos objetivos, sendo eles profissionais ou pessoais”, esclareceu a consultora de imagem e

estilo, analista e mentora em coloração pessoal, Micheline Almeida.

A consultoria de coloração pessoal ou análise cromática é um processo no qual o profissional vai descobrir a sua cartela de cores. A partir dessa informação pode-se conhecer quais harmonizam melhor com a pessoa, facilitando a escolha de roupas, acessórios, cabelo e maquiagem. “O que a gente veste, a cor que a gente está vestindo, vai transmitir uma mensagem para outra pessoa. Se eu tiver com um vermelho muito intenso, o nosso psicológico vai interpretar isso de uma maneira. Se tiver com um azul mais suave, vai ser de uma maneira completamente diferente”, pontuou a consultora de coloração pessoal, Camila Tejo.

Entre os benefícios do método citados por Micheline Almeida estão: valorizar a beleza natural; minimizar manchinhas e linhas de expressão; facilitar a compra de novas peças e combinar as que já

tem no armário; ajudar na escolha da cor do cabelo e maquiagem; trazer mais confiança para montar o total look, exercitando a criatividade, além de ser ideal para quem tem medo de combinar cores.

Ela orienta procurar um profissional da área para ajudar a ter conhecimento das cores que favorecem a beleza natural. Além disso, afirma que seguir a cartela ideal ajuda a suavizar imperfeições e olheiras, o que traz uma expressão mais iluminada e harmoniosa. “Também é poderosa na hora de libertar a máxima potência e criar produções ainda mais certeiras”, opinou.

A estudante de medicina e blogueira, Evilyn Almeida, procurou a técnica em abril deste ano buscando praticidade, pois gostaria de utilizar melhor as suas roupas. “Sempre tive muita vontade de fazer essa consultoria. Conheci pelo Instagram a análise cromática”

tica e achei que iria fazer muita diferença na minha vida, principalmente, quem quer uma rotina mais prática e compra muitas roupas que não usa e que ficam no guarda-roupa. Também para fazer com que elas combinem e o efeito que causa no rosto até para escolher fardamento, biquíni ou pijama”, contou.

Ao descobrir o poder das cores, ela começou a pesquisar qual profissional poderia fazer essa análise, já que, por ser algo subjetivo, o diagnóstico poderia ser equivocado. “No dia da análise, a consultora me explicava cada passo, ela só passava para a próxima etapa quando eu entendesse realmente a etapa que eu estava e se eu tivesse entendido e concordado com a decisão dela”, relatou.

O objetivo principal da análise cromática é promover uma melhora da imagem com as cores. No entanto, o método é diferente da consultoria de imagem, pois a consultoria de coloração pessoal está inserida na consultoria de ima-

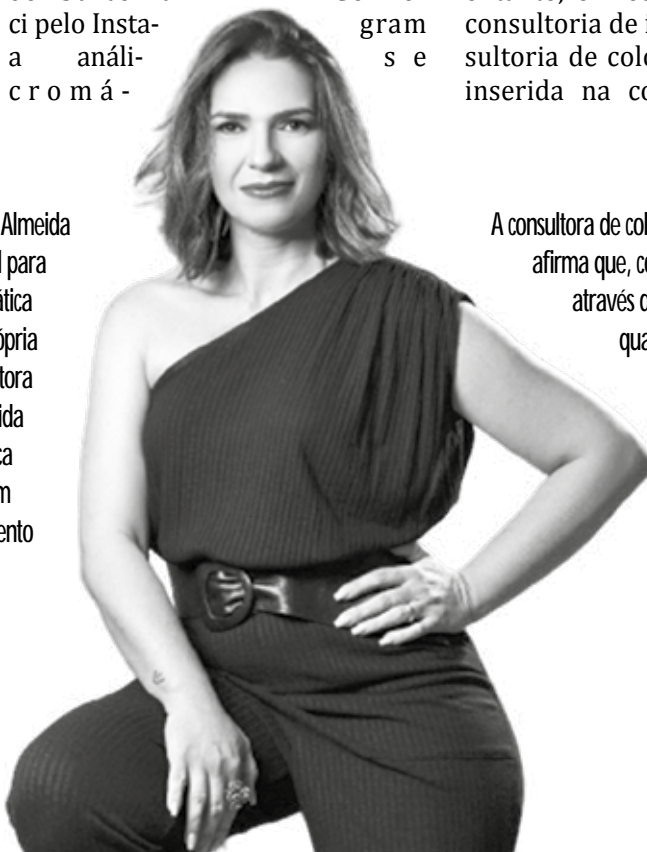
gem, sendo um dos processos para uma avaliação completa.

Micheline entende que a análise de coloração pessoal serve para detectar qual o tom ideal de cor que combina e harmoniza melhor com a pele, pois as cores tem o poder de valorizar e realçar ou simplesmente apagar, envelhecer e até deixar a pessoa com aspecto triste.

“Tenho agora facilidade de combinar as roupas e principalmente escolher bolsa e sapato. Escolher um short e uma blusa se torna muito mais prático e muito mais usável. Com a cartela de cores, eu não mudei o meu guarda roupa inteiro, mas estou começando a fazer novas aquisições e tenho percebido uma enorme diferença. Mudei a cor do cabelo depois da análise e tenho recebido muitos elogios: que estou bonita e realçou o meu rosto”, comentou Evilyn Almeida.



A estudante e blogueira Evilyn Almeida procurou ajuda profissional para fazer a análise cromática para melhorar a própria imagem; a consultora Micheline Almeida diz que técnica possibilita um autoconhecimento



A consultora de coloração pessoal Camila Tejo afirma que, com as informações obtidas através da técnica, pode-se conhecer quais cores harmonizam melhor com a pessoa, facilitando a escolha de roupas, acessórios, cabelo e maquiagem



+ Tons para as quatro estações do ano

No século 17, um professor de artes na Itália percebeu que os alunos faziam suas telas com cores específicas, retratando as características deles. A partir daí, começou o estudo da coloração pessoal que foi avançando ao longo dos anos. Hoje, a técnica é aplicada a partir do método sazonal expandido que abrange a miscigenação brasileira e é baseado nas quatro estações do ano (primavera, verão, outono, inverno).

Nestas quatro estações, cada uma se divide em três cartelas, dando um total de 12 cartelas de cores. Esta etapa, conforme Micheline, é uma das mais importantes da consultoria pessoal completa. “O diagnóstico precisa ser realizado por um profissional certificado que conheça os detalhes do método, saiba como explicar para a cliente e saiba como aplicar. Inicialmente, a gente vai ver o contraste pessoal da pessoa, que é basicamente a diferença de tons entre o tom da sua pele do rosto, o cabelo, os olhos e a sobrancelha”, afirmou Camila Tejo.

Na análise da coloração da pele são descobertos o contraste pessoal, a temperatura e a intensidade da pele. Assim, o indivíduo pode ter o contraste pessoal baixo, médio e alto. Isso significa dizer que quando vai usar uma estampa, por exemplo, ou determinada cor, se não tiver o mesmo contraste da pele, a estampa/cor vai “chegar antes de você” ou vai parecer que sua imagem está “apagada”. Com esse estudo também já pode saber como deve ser feita a maquiagem.

Já na análise da coloração do cabelo pode-se saber a sua cor base e quais tons de loiro ou vermelhos e adequam melhor. “Essa é a importância da análise de coloração pessoal: a gente saber usar as nossas cores para valorizar ainda mais a nossa beleza

natural e não ser necessário que a gente pese tanto a mão na maquiagem, pese tanto a mão no cabelo”, completou Camila. Depois do contraste pessoal, será analisada a profundidade, isto é saber se o(a) cliente fica melhor com tons claros ou escuros. Após a profundidade, o consultor verifica a intensidade, para entender se a pessoa fica melhor com tons intensos, cores saturadas, cores puras ou com cores suaves (com adição de cinza).

Por fim, ocorre a etapa de análise da temperatura: se o seu subtom de pele vai ser quente ou frio.

“Depois dessa parte da temperatura, a gente analisa se a temperatura vai ser a sua característica principal ou secundária que é o famoso subtom quente/quente ou neutro/quente e frio/frio ou neutro/frio”, ressaltou. Com essa informação percebe-se quais tons de base, maquiagem, sombras, coloração de cabelo, acessórios e roupas ficam melhor.

Ao final do estudo, é apresentada a cartela de cores, instrumento que ensina a utilizar da melhor maneira as cores ali presentes e as que o cliente gosta, mesmo que não estejam ali. Este material, geralmente disponibilizado em forma de dossiê, pode ser físico ou digital. “Para situações como formatura, casamento, saber a tonalidade do verde, do branco ou quando eu vou fazer um aniversário, alguma coisa temática eu já escolho tudo dentro da minha cartela de cores para que me favoreça”, pontuou.

Micheline Almeida destaca que a ideia não é limitar, e sim libertar. “Não pense que você precisa usar somente as cores da sua cartela, embora sejam as mais favoráveis. Alguns truques ajudam a integrar outros tons na produção do look. Evitar usar as peças perto do rosto, por exemplo. O ideal é investir em autoconhecimento, pois a técnica é muito mais eficiente do que o truque”, reforça.

Origem

Técnica surgiu quando um professor de artes viu os alunos usando nas telas cores relacionadas às suas características

Mulheres procuram mais

Segundo a consultora de imagem e estilo existe muita procura por esse serviço no Estado. Por isso, é essencial que o profissional procure se reinventar e ter um produto diferenciado e exclusivo. “Mesmo diante o cenário atual o mercado está muito aquecido. Recebo muitos pedidos de orçamentos”, comemora.

Camila Tejo avalia que este mercado em João Pessoa alcançou uma boa procura. Porém, ela afirma que produzir conteúdos nas redes sociais a aproxima dos clientes, não apenas divulgando o trabalho, mas trazendo ensinamentos. “Estou sempre trazendo dicas de cores universais para quem não tem condições de fazer a sua análise cromática agora, mas quer melhorar a sua imagem, quer saber quais roupas usar no dia a dia. É um mercado que está expandindo agora”, descreve.

Os valores do serviço variam conforme a demanda do cliente e o que ele busca a partir da sua imagem naquele momento. O perfil do público é 90% mulheres e 10% homens. A faixa etária, para é bem variada, mas geralmente contempla dos 20/25 até os 60 anos.

Benefícios pessoais

“As principais diferenças são autoconfiança e o autoconhecimento por saber que aquela roupa, cabelo, acessório está dentro da minha cartela e vão me favorecer. Você se sente segura da sua escolha. Antes, eu ficava preocupada se eu estava com olheira, linha de expressão e essa autoconfiança ajuda demais. Realmente mudou a minha vida porque comecei a perceber o impacto que as cores causam, começa a se sentir bem, você está vendo que aquela maquiagem está trazendo o seu melhor porque você escolheu as melhores cores”, elogia Evilyn Almeida.

Para ela, manter um padrão de cores promove mais praticidade ao escolher acessórios e roupas, promovendo compras muito mais assertivas. “Eu comprava muita roupa e depois não gostava, não conseguia usar, não combinava com meu guarda-roupa. Hoje em dia é uma coisa que tem diminuído bastante”, completa. Para Camila Tejo, as pessoas buscam o serviço também como uma forma de melhorar a mensagem que está passando para os seus clientes. Já os mais jovens procuram melhorar também a produção de conteúdo nas redes sociais com as cores adequadas.

Exemplos de solidariedade no combate à fome na pandemia

Entidades recolhem donativos, como alimentos e roupas, e distribuem com pessoas em vulnerabilidade social

Lucilene Meireles
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

Só sabe a dor de não ter o que comer quem passa por essa privação, quem olha à sua volta e não encontra um alimento ou não tem condições de adquirir. Essa é uma situação real nas vias de João Pessoa. Muita gente vive nessas condições, em especial moradores de rua. Uma realidade difícil, mas que sensibiliza várias organizações não-governamentais, ONGs, coletivos e grupos de amigos que se reúnem e dedicam parte de seu tempo para ajudar o próximo, apoiando as ações governamentais. Não se trata apenas de entregar o alimento, que é fruto de doações, mas também ofertar roupas, levar uma palavra de carinho e reforçar que todo ser humano é igual, mesmo diante dos

obstáculos que precisa enfrentar para sobreviver.

Algumas dessas entidades ampliaram as ações durante a pandemia, outras, por envolverem pessoas dos grupos de risco, precisaram suspender o trabalho, até porque o poder público encaminhou os moradores de rua para abrigos, oferecendo um pouco mais de segurança para quem estava totalmente exposto ao risco de contrair a covid-19.

“Ninguém tem noção do que é a realidade dessas pessoas até ir para a rua colocar o projeto em prática. Comecei há quatro anos e vou uma vez por semana. Considero muito gratificante e prazeroso poder ajudar. Eles agradecem, pede para a gente orar. É o mínimo que podemos fazer pelo próximo”, declarou a voluntária Danieli da Rocha, integrante do Coletivo Humano

do Bem. O trabalho é em parceria com a Igreja Católica, responsável pelo preparo das quentinhas que são entregues toda terça-feira.

O presidente do Coletivo Humanos do Bem, Marcelo Paiva, contou que trabalhava no projeto Noite da Ternura (@noite_da_ternura), junto à Igreja Católica. “Fui conhecer junto com alguns amigos para fazermos uma noite do bem. O projeto estava carente de voluntários, e foi aí que tudo começou”, lembrou. O trabalho já era feito pela Igreja, e o Coletivo, por sua vez, arrecadava alimentos e doava a asilos. Desde então, o grupo, que envolve uma média de 17 pessoas, realiza a entrega uma vez por semana, das 19h até 22h, começando na Feirinha de Tambaú e seguindo até o Centro.

Os alimentos são recebidos pela igreja, durante as missas, repassados para os ‘Humanos do Bem’. À tarde, os voluntários cozinham e preparam as quentinhas. O cardápio inclui cuscuz, arroz, carne, salsicha. Além disso, os beneficiados recebem água mineral e suco, além de roupas limpas. Por noite, são entregues entre 100 e 150 refeições. “Por causa da pandemia, houve uma redução do trabalho, mas com a flexibilização das atividades, vamos voltar mês que vem”, prometeu Marcelo. Ele ressaltou que o Coletivo recebe ainda alimentos perecíveis com os quais são montadas cestas básicas que também são distribuídas.



Fotos: ONG Humanos do Bem

Pandemia fez reduzir o emprego e aumentar o número de pessoas que precisam de ajuda

“A gente está no Coletivo Humanos do Bem há quatro anos e, toda semana, é uma emoção diferente. No fundo, acho que quem é mais recompensado somos nós. Perguntam como foi o nosso dia, agradecem, se preocupam quando a gente atrasa.

Infelizmente, há quem critique, questione o motivo de ajudarmos o pessoal. Para nós, a meta é saciar a fome e sempre aprendemos um pouco com eles. As pessoas precisam aprender a se doarem mais para o outro”

Marcelo Paiva
Coordenador do Coletivo Humanos do Bem

Cufa beneficiou mais de 20 mil famílias na PB

A Central Única das Favelas na Paraíba (Cufa-PB) atua em 30 favelas em João Pessoa, e também nos municípios de Cabedelo, Conde, Santa Rita e Campina Grande. São 50 voluntários diretos que atuam apenas na capital, e uma rede pelo menos três vezes esse número de voluntários pontuais.

Em 2020, a Cufa beneficiou cerca de 20 mil famílias e, em 2021, foram entregues mais de 62 mil cestas básicas. Os alimentos são fruto de doações de pessoas físicas, empresas, artistas, personalidades, conforme a coordenadora estadual e vice-presidente nacional da Cufa, Kaline Lima, que fundou a entidade no Estado em 2008, e tem muita história emocionante para contar.

“É um dilema, um desafio, lidar com tantas dores e alegrias. A dor de ver a fome e a alegria de poder minimizar com o trabalho que fazemos. Há também o sentimento de

inconformismo, porque o agradecimento é por algo que não deveria existir. Não há falta de alimentos no Brasil, o que há é má distribuição de renda, falta de responsabilidade política”, declarou.

Segundo ela, por outro lado, ver a potência das favelas em se pautarem nacionalmente e mobili-

zarem tanta ajuda tem um significado especial. “Fortalece a corrente e o entendimento da força que a favela tem no país. Movemos bilhões em consumo, precisamos estar no debate econômico e na formatação de políticas públicas”, afirmou.

Coração contra a fome

A Sociedade Brasileira de Cardiologia na Paraíba (SBC-PB) entregou donativos a algumas famílias paraibanas impactadas pela pandemia do novo coronavírus. Os alimentos foram arrecadados pela campanha ‘O Coração no Combate à Fome’ e distribuídos pela @sbcpb e Sociedade Norte-Nordeste de Cardiologia (SNNC), em parceria com o Departamento de Serviço Social da União Espírita Irmãos da Caridade.

O início da campanha foi em maio, para fortalecer a campanha virtual. A iniciativa aconteceu durante o 40º Congresso Norte-



Voluntários se sentem recompensados em poder ajudar pessoas necessitadas em situação de rua

Nordeste de Cardiologia, evento científico realizado pela SNNC. O objetivo foi arrecadar mantimentos e doações em dinheiro para ajudar famílias carentes de todo o país que têm sido diretamente afetadas pela pandemia da covid-19. A SBC-PB ajudou uma entidade no Estado.

O presidente da entidade, cardiologista Lenine Ângelo Alves da Silva, explicou que o valor arrecadado foi revertido em benefício da

comunidade União Espírita Irmãos da Caridade (UEIC), no Loteamento Cidade Maravilhosa, no Valentina Figueiredo. Os responsáveis pela União Espírita realizam um trabalho voluntário no bairro que dá suporte a cerca de 20 famílias necessitadas. “Agradecemos de coração as doações e a generosidade. As cestas básicas arrecadadas já estão fazendo a diferença na mesa de diversas famílias”, disse.



Através do QR Code veja como é possível ajudar a Cufa

Iniciativas do Governo do Estado levam alimento à mesa da população



Programas do Governo do Estado distribuíram milhares de cestas básicas com famílias carentes

Na Paraíba, uma das ações do Governo do Estado tem sido garantir o alimento na mesa das famílias que vivem em situação de vulnerabilidade social. Ao longo de 2020, com todas as dificuldades impostas pela pandemia da covid-19, foram distribuídas 142 mil cestas básicas em 2020. Em 2021, há 100 mil em execução, fazendo com que a comida chegue na mesa de quem mais precisa.

Foi criado o programa ‘Prato Cheio’, que leva alimento à população de rua e atende os municípios de João Pessoa, Campina Grande, Patos, onde são servidas 5.250 refeições. O último adicionado à lista foi Guarabira. O ‘Prato Cheio’, é executado pela Secretaria de Estado do Desenvolvimento Humano (Sedh) em

parceria com a Arquidiocese da Paraíba.

O programa ‘Tá na Mesa’ é outra iniciativa e contempla 57 dos 83 municípios que não possuem Restaurantes Populares, com refeições diárias para pessoas em vulnerabilidade social. Também realizado pela Sedh, o ‘Tá na Mesa’ fornece refeições diárias ao preço de R\$ 1. Em julho de 2021, o programa foi iniciado em Solânea, no Brejo, São José de Piranhas e Conceição, no Sertão.

O ‘Tá na Mesa’ é avaliado pelo secretário de Desenvolvimento Humano, Tibério Limeira, como o maior programa emergencial de segurança alimentar do Estado, com um investimento de R\$ 4,4 milhões. Cidades com mais de 20 mil habitantes forne-

cem diariamente 400 refeições; as que têm população entre 10 mil e 20 mil pessoas, recebem 250 refeições diárias, totalizando 25.100 por dia e a circulação mensal de R\$ 552 mil em recursos nos próximos três meses.

A iniciativa do Governo do Estado tem o objetivo de promover assistência alimentar aos segmentos mais vulneráveis da população e de fomentar as economias locais, com a contratação de restaurantes dos municípios contemplados para o fornecimento das marmittas.

Tudo isso, sem contar com as compras emergenciais da agricultura familiar nos 223 municípios, beneficiando 385 mil famílias. Foram 1.929 toneladas de tubérculos, hortifrutis, além da distribuição de peixes.



Fotos: Divulgação

Riqueza histórica, cultural e da economia de Araçagi

Com 16.921 habitantes, município localizado no Agreste paraibano faz parte da Bacia Hidrográfica do Rio Mamanguape

Juliana Cavalcanti
julianacavalcanti@epc.pb.gov.br

A cidade de Araçagi completa 62 anos de emancipação política neste mês de julho. Localizada na mesorregião do Agreste paraibano e na microrregião de Guarabira, o município está distante 109,4 quilômetros da capital João Pessoa e faz divisa com as seguintes cidades do Brejo do Estado: Duas Estradas, Curral de Cima e Sertãozinho (ao norte); Mulungu, Marí, Sapé e Capim (ao sul); Cuité, Mamanguape e Itapororoca (a leste) e Guarabira e Píripituba (a oeste).

Araçagi é considerado um município rico na agricultura e pecuária. A cultura é representada pelo artesanato bem como pelas tradicionais festa junina e a Festa de São Sebastião. A cidade tem ainda uma barragem que é referência para as comunidades da região e outras cidades.

Com uma área territorial de 232,177km² e situada a 57 metros de altitude, Araçagi faz parte da Bacia Hidrográfica do Rio Mamanguape e tem como principais afluentes os

rios Mamanguape e Araçagi, além dos riachos: Pau d'Arco, Guandu, da Nascimento, Grande, Bananeiras, Tamanduva, Barreiro, da Barra, Salgado e Taumatá. A cidade também possui os açudes Barriguda, Novo, Morgado e Violeta.

A maioria destes riachos são de regime intermitente, isto é, com água em seu curso no período chuvoso (cheias) que desaparece temporariamente na estiagem (secas). O município é caracterizado pelo clima tropical e está inserido na unidade geoambiental dos Serrotes, Inselbergues e Maciços Residuais. O período de chuvas ocorre de fevereiro a agosto e a precipitação média anual é 750 mm. A temperatura média anual oscila em torno de 25°C.

“No dia 22 de julho deste ano, Araçagi completou 62 anos de emancipação política. Não é por ser minha terra, mas é um Celeiro de Artistas a exemplo de TAM da Bananeira que ganhou o Prêmio Energisa, Wando sanfoneiro, Paula Regis e a poetisa Silvinha, todos reconhecidos a nível estadual e nacional!”, elogia a secretária.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2020, Araçagi tem uma população estimada em 16.921 pessoas. Deste número, a Prefeitura Municipal aponta que 8.760 pessoas maiores de 18 anos (incluídas no programa de vacinação) já foram imunizadas contra a covid-19.

A maioria da população vive na zona urbana. No entanto, a secretária Danielly Pessoa ressalta que cerca de 35% dos Araçagienses ainda estão localizados na zona rural. “Antes esse número era bem maior. Por conta da violência e falta de recursos as famílias tiveram que deixar a zona rural em busca de melhores condições de vida”, acrescenta.

As famílias da zona rural, inclusive, estão entre as que vivem em situação de vulnerabilidade no município especialmente durante a pandemia da covid-19. Na mesma área tem sido feita ainda a recuperação de poços artesanais para amenizar o problema de água que atinge a região.



Terra da agricultura e da pecuária

De acordo com a secretária de Ação Social de Araçagi, Danielly Pessoa Evaristo, a característica principal da cidade é a sua grande extensão territorial que limita-se com dez municípios do Brejo do Estado. Outros destaques é o seu comércio local em crescimento, além da festa de São João em Julho e a festa do padroeiro da cidade, em janeiro.

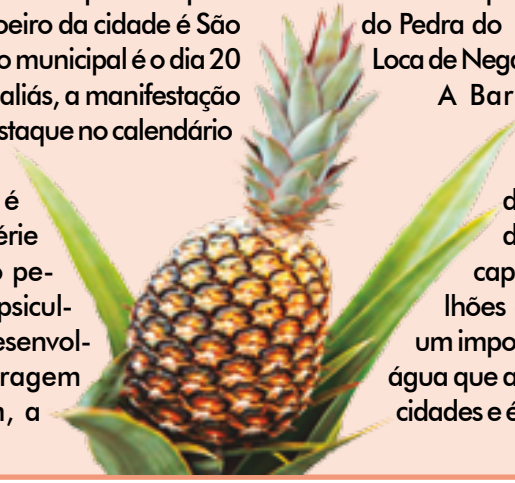
As festas tradicionais compõem a cultura da cidade, além do artesanato que tem entre os seus profissionais, Tam da Bananeira, artesã araçagiense reconhecida em toda a Paraíba. A cavalgada realizada pela Associação dos Cavaleiros e Amazonas também é um evento importante para o município. O padroeiro da cidade é São Sebastião cujo feriado municipal é o dia 20 de janeiro. A festa é, aliás, a manifestação religiosa de maior destaque no calendário municipal.

A economia é baseada em uma série de atividades como pecuária, agricultura, piscicultura, todas essas desenvolvidas devido à barragem de Araçagi. Porém, a

agricultura, fruticultura e a pecuária são os setores considerados mais fortes segundo a Prefeitura. As principais culturas agrícolas incluem o abacaxi, mandioca, cana-de-açúcar, milho, feijão e fava. Na fruticultura, o coco, manga, laranja, limão e mamão. Na pecuária, a criação de gado bovino, avicultura e a caprinocultura.

Uma atividade considerada relevante para o município é o turismo, representado pelo Sítio Arqueológico 'Lagoa do Caju', no Sítio Barra da Espingarda, na zona rural da cidade. Essa região compõe uma cartografia que atravessa diversas áreas de bacias hidrográficas e paredões rochosos como as Itaquiarias de Ingá, pedra do Pedra do Caju, Pedra da viola, Loca de Nega, até a Pedra da Boca.

A Barragem de Araçagi também faz parte do turismo municipal devido a quantidade de visitantes. Com capacidade para 63 milhões de metros cúbicos, é um importante reservatório de água que abastece essa e outras cidades e é onde ocorre a pesca.



A qualidade do artesanato produzido em Araçagi é reconhecida em toda a Paraíba



Histórias sobre a cidade e origem do nome

Conforme a Federação das Associações de Municípios da Paraíba (Famup), não existem de fato qualquer documentação ou depoimentos que possam constatar os primórdios do atual município de Araçagi. Ele era conhecido como Rio dos Araçás devido a grande quantidade daquela planta no local.

De acordo com a Prefeitura Municipal de Araçagi, a cidade surgiu em meados do Século 18.

Por volta de 1750, a região onde hoje é a sede municipal servia de passagem para os viajantes que vinham de Mamanguape e Guarabira, rumo ao Brejo e ao Sertão paraibanos. O espaço era utilizado como pousada para os mercadores e tangerinos de gado que praticavam o comércio entre Mamanguape (na época conhecida como Monte-Mor), Marí e os sertões da então província da Paraíba.

No local, eles faziam pousadas e com o passar do tempo algumas pessoas fixaram-se, construindo casas e pequenos sítios. Alguns mercadores ficaram amigos dos índios Guandus

e, assim, ficaram na região do chamado Rio dos Araçás.

Existe na cidade a história de um português conhecido como Manoel que estabeleceu-se em um lugar denominado de Tainha, onde casou com uma mestiça chamada Francisca, conhecida como dona Chiquinha. O casal teve filhos e deu origem a várias gerações.

A história popular indica que Manoel doou uma propriedade situada no Povoado do Rio dos Araçás. O português fez a doação de uma ampla faixa de terra para Jesus, Maria e José. Naquele local, surgiu Araçagi.

Segundo a Famup, inexistente

confirmação documental sobre a veracidade desse fato, já que todos os imóveis construídos no perímetro urbano de Araçagi, carecem de documento legal.

Em 1870, chega a família Melo, Padre Raulino Ricardo e trabalhadores dedicados ao progresso do povoado. Assim, edificaram a primeira casa e o templo religioso, iniciando desta forma, a construção do núcleo urbano, um dos mais importantes que integravam o Município de Guarabira. O padre Francelino Coelho Viana foi o responsável por conseguir melhores recursos para construir a capela.

A partir da união de três pessoas, João Pessoa de Brito, João Felix da Silva e Olivio Câmara Maroja, Araçagi obteve sua emancipação política em 22 de julho de 1959. A Lei Estadual Nº 2.147 é que garantiu a emancipação do município.

A palavra Araçagi é de origem tupi e significa “água de arará”, pela junção de ará'sá (“arará”) e 'y (“água”), numa alusão à grande quantidade dessa planta frutífera que se multiplicava, às margens do rio. Ao longo dos anos, a grafia foi alterada para Arassagy, Araçagi e, finalmente, para Araçagi.



Foto: Arquivo A União

“O Brasil é um país dividido”

Em entrevista exclusiva, Cristovam Buarque fala sobre Celso Furtado, desenvolvimento do NE, educação de base e outros temas

Naná Garcez
Especial para A União

O professor Cristovam Buarque foi um dos palestrantes no lançamento do livro *Celso Furtado 100 anos: Coletânea de ensaios*, organizado pelo Conselho Regional de Economia da Paraíba (Corecon-PB) e o Núcleo Celso Furtado, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Na obra ele fez uma abordagem instigante: “E agora, Celso?”. Nesta entrevista, Buarque disse, ao se reportar ao pensamento do economista paraibano e à atualidade brasileira, que “Celso Furtado é grande demais para se ter receita para os problemas imediatos, o pensamento de Celso Furtado nos dá linhas para o longo prazo e médio prazo até, mas não para essa crise imediata”. Formado em Engenharia Mecânica e Economia, Cristovam Buarque foi senador, reitor da Universidade de Brasília e governador do Distrito Federal (DF), tendo criado o Bolsa-Escola. A conversa não foi linear, mas foi muito boa. Confira!



Foto: Divulgação

Segundo o professor e economista pernambucano, é preciso que os nordestinos influenciem a mudança de rumo do Brasil

A ENTREVISTA

Na sua visão, o desenvolvimento do Nordeste não é mais uma questão do Nordeste, mas passa pelo processo de desenvolvimento do país. Celso Furtado criou a Sudene, que, hoje, não dá mais respaldo aos governos da região e surgiu o Consórcio dos Governadores do Nordeste. É uma contradição?

Celso Furtado foi o pioneiro nessa ideia e junto com pessoas da Itália, que tiveram um programa de desenvolvimento regional, ele trouxe a ideia de que, através de transferência de recursos do governo nacional para o Nordeste, poderíamos industrializar os estados nordestinos. Era uma tentativa de copiar no Nordeste, com recursos do Brasil, o êxito do Sul, principalmente de São Paulo. Até certo ponto deu resultado, o Nordeste tem uma pequena base industrial, não está na situação de 1959, quando a Sudene começa.

Mas não deu o resultado esperado e não haverá resultado para o Nordeste, senão considerarmos duas coisas: a desigualdade é uma característica do modelo de desenvolvimento do Brasil e não se consegue quebrar a desigualdade mantendo o mesmo modelo industrial. É preciso que nós, nordestinos, influenciemos a mudança de rumo do Brasil para que o Nordeste seja uma região sem desigualdade com as outras.

Eu insisto que o grande caminho para o desenvolvimento está na Educação de base de qualidade para todos. A industrialização, sem uma base educacional, não vai trazer o resultado que se espera. O Brasil precisa perceber que a Educação de base é o vetor do progresso. Eu não disse um vetor, mas, o principal vetor. Obviamente que precisa de uma economia, para financiar o progresso. O que faz o povo desenvolvido é o capital conhecimento, que vem da Educação de base, do ensino superior, de centros de geração de tecnologia públicos e privados.

O que se tem, agora, de Celso? Eu diria: vamos pensar o Nordeste como parte do Brasil, e não como região do Brasil. A unidade é o Brasil e o Nordeste é uma parte. E, educação de qualidade para todos, o resto vem... Demora, é claro, é uma estratégia de longo prazo.

O Brasil é um país diverso e, agora, bastante dividido. Que ação pode levar a reunificação e convivência democrática no país?

Não deixar que o Bolsonaro seja reeleito. Eu falei que Educação é saída para o longo prazo. Para curto prazo é, na eleição de 2022, trazer uma nova proposta presidencial para o Brasil. A continuação do governo Bolsonaro vai ser uma tragédia maior do que o primeiro governo. Porque no primeiro, e eu escrevi um livro sobre isso – *Por que falhamos* –, o Bolsonaro do primeiro governo foi eleito pelos erros que nós, democratas e progressistas, cometemos. As pessoas votaram em Bolsonaro contra nós. Não é à toa que perdi a última eleição, até por ter sido um bom senador, como reconhecem. Agora, o próximo, se Bolsonaro for reeleito, será um apoio estilado enlouquecido, integralista do século 21, vai ser pior, o eleitor vai dizer “eu gosto desse tipo de governo”. No outro, o eleitor disse “eu não gosto desse tipo de governo que está terminando”, que vem de Itamar a Temer. O eleitor disse “não” para nós. Se Bolsonaro for eleito, o povo está dizendo “sim” a essa tragédia vergonhosa, que é o governo atual.

O que é preciso fazer para evitar que Bolsonaro seja eleito?

Eu tenho uma posição diferente de muitos. Creio que devemos construir uma unidade dos democratas no primeiro turno, com Lula, com Ciro, com Dória, todos discutindo qual deles tem mais condições de vencer a eleição e quais alguns compromissos centrais que esse eleito teria. Entre esses

compromissos o que defendo é que o escolhido terá um só mandato, quem vencer se compromete a não ser candidato em 2026, deixar que os outros voltem a disputar eleição, cada um por si.

Já sem Bolsonaro, a divisão entre divergentes – Ciro, Dória, Leite, Tasso Jereissati, essa divergência é até saudável para a democracia, mas, nesse momento, essa divergência não é saudável para o Brasil, deveríamos tentar nos unirmos no primeiro turno.

O senhor exerceu vários cargos na política: senador, gestor de Brasília, reitor da UnB. Com sua experiência, o brasileiro, como cidadão, precisa de mais formação ou mais informação?

Precisa de mais formação e ser capaz de entender as informações. Temos informação em quantidade, exageradamente até e isso é bom. Mas, não temos uma população brasileira e po-nho até o que se chama de elite, capaz de entender bem a informação por falta de formação. Faço parte de um grupo que a Unesco criou, de 15 pessoas do mundo, discutindo como vai ser o futuro da Educação e um dos itens que coloco de desafio é como usar o *WhatsApp* para ler *A Divina Comédia*, como trazer a formação para dentro da informação. Os jovens, hoje, querem ler frases. Como se faz para que sejam capazes de ler os clássicos da literatura, por meio desses veículos, como *Twitter*, *WhatsApp*? Esse é um dos itens que tenho colocado, nesse grupo de 15 pessoas.

Mas voltando à pergunta da convivência democrática...

Creio que ainda não conseguimos criar um povo brasileiro como uma unidade. O Brasil é um país dividido. Foi dividido pelas capitâncias hereditárias que tinham donatários e o resto das pessoas; foi dividido durante quase toda a nossa história pela escravidão e as pessoas livres, e continua dividido, tanto que criou uma

palavra para dizer parte do povo, a palavra: povão. Acho que não existe em Portugal a palavra povão, porque tem um povo português. Tem ricos e pobres, existe desigualdade lá, mas tem um povo. No Brasil, não conseguimos ainda criar esse povo brasileiro. Temos a elite e o povão. Somos povo na Copa do Mundo e, agora nessa Copa, nem ficou povo porque teve gente que ficou torcendo contra.

E quanto à diversidade?

A diversidade é uma coisa positiva, mas a aglutinação na diversidade vem da Educação de qualidade para todos, da boa Educação, inclusive no sentido libertário, de tolerar e respeitar a diversidade. Daí, a nossa divisão. Não é só entre Bolsonaro e não Bolsonaro, entre petista e peessedebista; a divisão real, a linha que nos corta é entre a elite e o povão. O Brasil é um país que existe, mas não uma Nação que tenha surgido de fato. Em 2022, vamos comemorar 200 anos de país independente, mas não a Nação. A Nação brasileira não é construída no Congresso, é construída nas escolas, nas narrativas, nos mitos, nos heróis, no sentimento comum de Nação e o Brasil ainda não conseguiu formar isso.

A educação foi impactada pela pandemia, mudou muito a prática do ensino. Quais as prioridades, o caminho a seguir na volta à normalidade: mais tecnologia, renovação dos professores?

Como superar as sequelas que a pandemia deixou na Educação? Tenho uma visão diferente, tem muita gente colocando a culpa da desigualdade na covid. A desigualdade educacional no Brasil já era a maior do mundo, a covid vai piorar, mas a tragédia existia. O que se tem para propor é o mesmo que se tinha antes: Educação de qualidade em todas as escolas. Isso se faz de duas formas, uma no longo prazo e outra imediata.

A covid provocou muitas coisas como a evasão de alunos, que não vão voltar às aulas. Como resolver? A escola tem que ir atrás dos alunos que não voltaram. Temos que ter um programa evasão zero. A evasão existia, só metade termina o Ensino Médio. As pessoas esquecem isso. Outra medida: muitos professores não voltarão, vamos ter que ter um programa de caça, no sentido positivo, aos professores para que voltem, vamos ter que oferecer melhores salários e mais condições. Muitas escolas públicas foram depredadas, equipamentos roubados e escolas privadas fechadas. Vamos precisar de fundo para financiar a recuperação das escolas, talvez no BNDES. Isso é o imediato, pós-pandemia.

Mesmo os alunos que voltam, espontaneamente ou buscados, eles vão voltar com um buraco de conhecimento. O que se ensina de matemática aos 10 anos, se vai ensinar aos 11 anos. Ele vai ter um buraco cognitivo. Terá que ter programas especiais. As escolas vão ter que dar aulas de manhã e de tarde, dar aulas extras para recuperar o tempo perdido e um problema mais sério: haverá perda psicológica e até neurológica. O cérebro tem algumas características parecidas com os músculos. Quando se fica sem usar músculos por uma doença que lhe deixa meses na

cama, se precisa de fisioterapia e se vai precisar de neuroterapia para recuperar o que foi perdido neurologicamente, por essas crianças. Isso é o imediato e não sei se esse governo vai fazer ou vai deixar para o próximo governo.

E tem que pensar no longo prazo, para corrigir as deficiências que já existiam antes da covid. É preciso, para mim, pensar uma estratégia que leve à federalização da Educação de base no Brasil. Eu não vejo como o Brasil tenha uma boa Educação, igual às melhores do mundo, que o filho do pobre tenha uma escola tão boa quanto uma escola do rico, uma criança em Axixá, Pernambuco, ter condições de uma escola tão boa quanto uma criança em Americana, São Paulo. Para isso só se a escola for federal, do jeito que se tem em cada cidade uma agência do Banco do Brasil, é do Brasil, seja onde for; tem que ser escola do Brasil e não de Recife ou de João Pessoa. Eu só vejo saída com uma carreira federal de professor, com construção de qualidade, com equipamentos. Isso não se faz do dia para noite, vai levar uns 20 anos. Eu defendo que o governo comece adotando as escolas. Um sistema único nacional de Educação.

Celso Furtado, no discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, aborda a questão ambiental para a economia. O senhor falou que se se usa economia ecológica é porque o tema ainda não está na economia. Como vê a questão ambiental?

O Celso foi um dos poucos economistas que levantou o problema dos limites ao crescimento, por razões ambientais e da necessidade dos ambientes protegidos. Mas, não conseguiu, não era o tempo dele, e ninguém conseguiu ainda, nesses 20 anos, incorporar a natureza bruta como produto da economia. Não conseguimos criar outro indicador que substitua o Produto Interno Bruto. É preciso que, no PIB, entre, negativamente, o que o meio ambiente perde para produzir o PIB. Ainda não percebemos como decidir se constrói ou não uma represa, levando em conta o que a represa produz em energia, mas, também, o que a natureza perde por causa da represa. Já analisamos se vai inundar uma área, como proteger populações indígenas, mas, não descobrimos como tratar a natureza como um bem e não como recurso natural.

Na teoria econômica, uma árvore só tem valor cortada. In-teira não tem valor. O trabalho é que gera valor ou o mercado. Por isso que falo “E agora, Celso?” E, agora somos nós, que temos que preencher esse vazio e não dava para, naquela época, Celso pensar, porque o problema não era tão forte. A economia, no dia que realmente levar em conta a natureza, não vai precisar se chamar economia ecológica.

Há mais de 30 anos uso um termo para substituir economia, está num livro meu de 1990, chamado *A desordem do progresso*, uso a palavra “ecologia”, é a mistura do processo: ética, para dizer para onde nós queremos ir, o que indica a riqueza; eco quer dizer ecologia para tratar o processo na globalidade; “econo” quer dizer economia, para dizer a lógica. Defendo a ideia de se formular um pensamento “econológico”,

misturando ética, ecologia e economia, por isso, uma palavra só.

No centenário de Celso Furtado, na Paraíba, o tratamos como o pensador, mais que economista ou ministro e, também, porque trazia esperança, olhava um problema e buscava como solucioná-lo. Como definiria Celso Furtado?

Pensador, gostei dessa expressão. Foi um grande economista, um estadista do porte de Joaquim Nabuco, que conseguiu a Lei da Abolição, dentro do Parlamento. Celso Furtado conseguiu aprovar a Sudene, no Congresso; conseguiu aprovar o Plano Nacional de Desenvolvimento, no tempo de João Goulart; foi um pensador; um estadista, um lutador até o fim, pelas coisas que ele acreditava, escrevendo ou participando da política.

Na entrevista que o senhor fez com ele, em 1991, publicada no livro *Foto de uma conversa - Celso Furtado e Cristovam Buarque*, ali o percebi um pouco desiludido...

No último livro que a esposa dele coordenou das correspondências dele, se vê que tem cartas de 1971, 1972, em que ele já fala de uma certa desilusão com aquilo que estudou e aprendeu. Isso é característico do pensador, que pode até ser esperançoso, mas tem que ser um pouco sofredor com o que acontece no presente. Acho que Celso sofria por ver que os sonhos do desenvolvimento não estavam se realizando.

Não era apenas um problema de economia, nem de ecologia e nem de tecnologia?

Exatamente, ele começou a perceber que era cultura, economia... Quando vou a Pernambuco, vejo aqueles hotéis maravilhosos em Porto de Galinhas e vejo que a realidade da população pobre não melhorou. A maioria dos funcionários com melhor remuneração vem de fora, não necessariamente de fora de Pernambuco, vem de Recife, não tem emprego para aquelas pessoas que não estudaram. Creio que a grande falha do pensamento econômico brasileiro, não foi não entender de ecologia, isso foi de todos do mundo inteiro, foi não entender a importância da Educação. Os economistas acham que a Educação vem com progresso. É o contrário, o progresso só vem com Educação, e o Celso talvez estivesse percebendo essas coisas, por isso você o sentiu amargurado, mas todos nós somos amargurados, hoje em dia.



Imagem: Divulgação

Capa do livro ‘Foto de uma conversa – Celso Furtado e Cristovam Buarque’, obra lançada há 30 anos

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

Desigualdades sociais e educacionais

As desigualdades sociais não são naturais. Ao contrário da diversidade, que é um dado da própria existência.

No entanto, é um erro bastante comum confundir essas duas espécies de coisas. As desigualdades estão baseadas na distribuição assimétrica de bens considerados valiosos. Eles podem ser materiais como o dinheiro, terras, máquinas, meios de produção. Mas também bens culturais, poder e prestígio social. A diversidade, por sua vez, diz mais respeito à singularidade de cada pessoa e às diferentes formas de expressão da cultura humana.

É sempre bom olharmos as desigualdades a partir das lentes da história. As sociedades primitivas, por mais estranho que possa parecer aos ouvidos do senso comum, eram “essencialmente” igualitárias. Elas não possuíam trocas econômicas, relações de autoridade, Estado e divisão de classe.

As primeiras formas de desigualdades nascem paralelas à criação do Estado e ao sedentarismo decorrente da invenção da agricultura. A consequência disso foi uma maior especialização na divisão social do trabalho e a geração de um excedente produtivo destinado à manutenção da estrutura estatal, do privilégio da classe dirigente, dos religiosos e do exército.

Nesse contexto surgirá também a distinção entre trabalho intelectual e trabalho manual, que persiste até os dias de hoje. O trabalho intelectual é visto como superior e funciona como um marcador de distinção social. Durante séculos as atividades intelectualizadas foram praticamente uma exclusividade da aristocracia.

A educação formal, sistemática, escolarizada e de caráter universal, só começa a ganhar tal forma, no Ocidente, na segunda metade do século 19. É apenas na Modernidade com o estabelecimento do capitalismo e a revolução industrial que a educação escolarizada toma um caráter geral. Em grande medida devido ao mercado e à crescente complexificação das atividades de trabalho promovidas pela demanda industrial. Assim, não é errado afirmar, a escola é uma continuidade da fábrica.

A escola moderna é uma invenção, portanto, que possui a finalidade de produzir mão de obra especializada para atender à demanda capitalista e à tarefa pedagógica de disciplinar os indivíduos. Não é à toa que a estrutura física das escolas, seus sistemas normativos, o controle que exercem sobre o tempo e os

corpos, a padronização das vestimentas, guardam semelhanças com as fábricas e os presídios.

Curiosamente o ideário liberal moderno pensa a escola como uma instituição neutra, capaz de promover maior igualdade. Através da escola a ascensão social, supostamente, estaria ao alcance de todos. O sucesso e o fracasso escolar seriam explicados pela ideologia da meritocracia e do dom – que não passa de uma forma de tratar as competências escolares como se fossem qualidades inatas.

Essas ideias não se sustentam diante de uma análise rigorosa. Não precisamos de muito esforço para percebermos que a escola não é neutra. Ela expressa a cultura, os valores, os interesses e a forma de pensar da classe dominante. Os critérios de julgamento da excelência escolar têm um caráter arbitrário. Por que certas disciplinas são mais valorizadas do que outras? Por que academicamente valorizamos a música de Beethoven e não o repente? Isso nos leva a questões ainda mais profundas: o que julgamos ser o conhecimento? Como ele é selecionado, sistematizado e repassado? De que forma é produzido? Por quem? Para quem? Quais interesses verdadeiramente ele expressaria?

As pesquisas do sociólogo francês Pierre Bourdieu ficaram famosas por demonstrar que a probabilidade do sucesso escolar aumenta na medida em que há maior semelhança entre o capital cultural que recebemos na socialização familiar e o tipo de capital cultural que é valorizado pela escola. Filhos de pais letrados, donos de um capital cultural mais valorizado, tendem a levar vantagem em relação a pessoas que não tiveram acesso a esses mesmos bens culturais.

Geralmente membros das classes populares têm baixíssima confiança na ideia de que conseguirão conquistar ascensão social através da escola. Por isso que, na escola, costumam ser menos motivadas do que os filhos da classe média e da elite. Ter menor autoconfiança, disciplina e capacidade de concentração.

Bourdieu percebeu algo que costuma chocar os espíritos mais ingênuos: as relações pedagógicas estão assentadas em valores implícitos que foram estabelecidos arbitrariamente. Em outras palavras: as relações pedagógicas, em última instância, são uma forma de violência simbólica que favorece a manutenção e a reprodução das desigualdades sociais.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

A razão destruída

O filósofo e sociólogo alemão Max Horkheimer (1885-1973), no ano de 1947, ao publicar os seus dois livros *Eclipse da Razão* e *Dialética do Esclarecimento* – este com a colaboração do músico, filósofo e sociólogo alemão Theodor Adorno (1903-1969), Horkheimer apresentou a tese: “Por que a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie?”. Outra afirmação dele foi: “Quanto mais intensa é a preocupação do indivíduo com o poder sobre as coisas, mais as coisas o dominarão, mais lhe faltarão os traços individuais genuínos”. Essas teses já tinham sido apresentadas nos seus escritos: *Estado Autoritário* (1942) e *O Fim da Razão* (1941), que foram republicados com o título *Razão e Autoconservação* (1942). Nessas duas teses apresentadas, pode-se concluir: o embrutecimento quando interfere na conquista de algo, traz uma aparência falsa de liberdade e aumenta o grau de alienação do indivíduo. Dessa forma, é retirado o senso crítico do indivíduo para o questionamento contra a violência do sistema econômico ao bem-estar social. Diante dessa afirmação, pode-se concluir que Horkheimer descreve a alienação a partir da utopia. No livro *Eclipse da Razão*, ele afirma: “As potencialidades presentes de realização social superam as expectativas de todos os filósofos e estadistas que já esboçaram em programas utópicos a ideia de uma sociedade verdadeiramente humana. Ainda assim, (...) as esperanças do gênero humano parecem estar mais distantes de sua realização hoje do que nas hesitantes épocas em que elas foram formuladas pela primeira vez.”

Horkheimer sempre questionou como evitar a crueldade humana contra o indivíduo e ao bem-estar social. Ele afirmou que o avanço dos meios técnicos de conhecimentos foi acompanhado por um processo de desumanização, de modo que o progresso ameaça anular a dignidade humana. Percebe-se que o objetivo de Horkheimer foi investigar o conceito de racionalidade subjacente à nossa cultura industrial contemporânea, a fim de descobrir se esse conceito não contém defeitos que o viciam em sua essência. Ele iniciou as suas análises a partir da diferenciação entre razão subjetiva e objetiva, sendo que a primeira se relaciona à faculdade de calcular proba-



Foto: Divulgação

Horkheimer: “Progresso ameaça anular a dignidade”

bilidades, de coordenar os meios com um fim; a segunda – a razão objetiva – remete ao problema do destino humano, à organização da sociedade e à maneira de realização de fins últimos. Da tensão entre essas duas razões, com o predomínio da razão subjetiva em relação à objetiva, surgiu um pensamento transformado em instrumento. Horkheimer investigou as implicações filosóficas do processo das mudanças geradas através do surgimento da industrialização, do predomínio da técnica e da racionalização sobre a natureza humana.

O primeiro capítulo do livro *Eclipse da Razão*, intitulado *Meios e Fins*, é a discussão da razão e das formas pelas quais ela se apresentou ao longo da história humana. Horkheimer distingue entre racionalidade formal, instrumental e valorativa. A ideia desenvolvida nesse capítulo é a de que: o que chamamos de razão é o resultado do domínio de uma forma específica de racionalidade como dominação da natureza e dos homens. Nesse contexto, Horkheimer analisa a razão objetiva e subjetiva, e as causas da dimensão subjetiva ter escondido a objetiva.

A razão objetiva está associada aos fatos do cotidiano, que estão nas relações entre seres humanos, em classes sociais ou instituições sociais, também na natureza e suas manifestações. Essa razão refere-se aos valores que estão nas narrativas míticas e religiões.

A razão subjetiva é a forma pela qual a racionalidade se manifesta e aparenta ser razoável e está correlacionada aos valores e defeitos que formam o ser humano. Ela corresponde ao que o “senso comum” entende por razão. Essa razão é responsável pelo pragmatismo da existência cotidiana, por considerar que as ações do indivíduo obedecem a uma lógica que busca, pelos meios mais adequados, os próprios interesses. A razão subjetiva é formal e instrumental e está relacionada à dominação da natureza externa, tanto por meio de sua formalização e tradução em leis científicas quanto pelo desenvolvimento de meios técnicos e instrumentais, a fim de intensificar uma maior eficiência de dominação. Pode-se concluir que todos os fins estariam orientados para a autoconservação da vida.

■ Sinta-se convidado a audição do 328º Domingo Sinfônico, deste dia 25, das 22h às 0h. Em João Pessoa-PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Vamos conhecer peças e a vida do regente Dmitriy Dmitriyevich Shostakóvich (1906-1975). Ele denunciou a escassez da fome provocada pelo regime totalitário de Stalin (1878-1953). Shostakóvich enfrentou a loucura dos ditadores, a fim de superar a brutalidade humana e o esmagamento social. Ele apresentou a tragédia em suas sinfonias, entretanto, criou o otimismo como forma de construir a dignidade humana e uma sociedade humanizada. Suas peças combinaram temas políticos e sátiras sociais para denunciarem o terror e extermínio dum povo. Através da sátira, Shostakóvich usou conceitos do formalismo russo e do realismo estético russo do decreto de Andrei Zdanov (1896-1948) como forma de ridicularizar o totalitarismo soviético, diante dessa tensão, ele despertou o senso crítico no povo soviético. Diante disso, Shostakóvich recriou as angústias do interior do homem, ensurdecidas pelo símbolo da força esmagadora das perversidades dos ditadores. Suas sátiras e o seu surrealismo socialista apresentam um estilo melancólico e as influências do romantismo tardio russo, que permitiram – em suas peças – reescrever uma tristeza fúnebre e uma forte depressão. Esses sentimentos representaram o sofrimento do cidadão gerados pelos crimes e esmagamento social criados pelos Estados totalitários.

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Uns brancos
na mente

Às vezes, dá um branco. Outros dizem que a coisa está preta. E modernosos dizem que estão no vermelho. Não sei há quantas cores ando. Não sei se estou na Serra da Boa Esperança ou numa cidade em ruínas. Não sei de muita coisa, mas sei de mim. Deixei de olhar para o relógio e essa é outra assertiva. Boa, claro.

Não me apetece encontrar-me nas horas atrasadas, que alguém me alerte para elas, hora do almoço, do jantar. Detesto ficar disperso, mas tenho meus brancos, como disse a cantora Cátia de França numa *live*, que vi esta semana.

Cátia não está no topo, levemente atrevida, uma menina de 74 anos vigiada pelo pinho, sua arte nunca retórica, sua poesia nua e sentada num planeta doente que agora parece querer nos expulsar. Somos culpados. Trouxemos muito concreto para as cidades.

Por agora é onde me apetece estar, sobrevoando, nunca alheio de vez. A terra está cheia de vontade de nos expulsar. Com razão.

Não era bem Cátia, era eu feito da minha personalidade de um tempo que já foi meu, de uma história que não foi minha, mas da qual me aposto agora.

Cátia é transformadora, com uma espécie de gorro ou túnica na cabeça, cantando o teatro do ‘Coito das Araras’, num desenho lógico, erótico, suavemente amoroso. Aquilo me fascinou.

Já vi Cátia algumas vezes cantando, ela não sabe quem sou eu, nem sei quem ela é, mas sua arte de nos suprir, esse alimento, está em sua poesia. Ela é aquele lugar provável ou improvável de ter começado cedo a cantar, a compor, e não chegou no tempo das grandes cantoras.

Cátia com sua voz elástica, rasgada pelo tempo, nunca esteve tão bem. Ela nos indica sinais, não quando gravou ‘Na Ponta dos Seixas’, “Esse verde que chega a doer, águas de Tambaú, se você me deixa, eu me arreio, não brigo contigo, bem longe irei chorar, morar na ponta dos Seixas”.

Isso dela dizer eu me arreio, caio fora, dou no pé, é, talvez, o sinal mais certo de quem procura as luzes tateando pele e alma, uma língua, um seio ou por receio, da mão descer até o sexo e deixar que os corpos falem, gemam e chorem de amor.

Tão atual quanto braba, Cátia de França existe e resiste ao que temos de melhor no Brasil, uma preta com a fúria de Nina Simone, talvez fosse apenas um questionamento de outros arrancos, mais pela desconstrução da pura sacada, a que resultou da ausência dela de qualquer alusão ao topo.

Cátia tem cultura.

Quando volto a ela, na *live*, no meio dessa pandemia que mesmo quando acabar, milhares de pessoas vão estar piores, quando as portas estiverem escancaradas, o artista vai brigar ainda mais pela audiência, pelo palco.

Eu volto a Cátia porque sua música me chama, os olhos perdidos ou ensandecidos na luz do mar de Tambaú, aquele mar da canção, cujo horizonte não vai além da canção do Roberto. Cátia é foda, parece um ser mutante, ou uma personagem dos filmes de Tarantino, sempre a lutar pela estrada a fora.

Meus olhos pestanejam quando me coloco no lugar de escrever sobre o outro, mas continuo sem ver Cátia na minha tela.

Vejo ela a se aquecer ou aquecer-se em terras mineiras, numa solução para muitos sons e nada mais. Lá fora Cátia é uma arara, cá dentro uma águia que se refaz no momento necessário.

Gostaria de encontrá-la num café. Olá!

Aqui, no meu texto onde Cátia é a palavra de espanto, meu espanto, meu pranto. Cátia é chocante? Eu também *soul*.

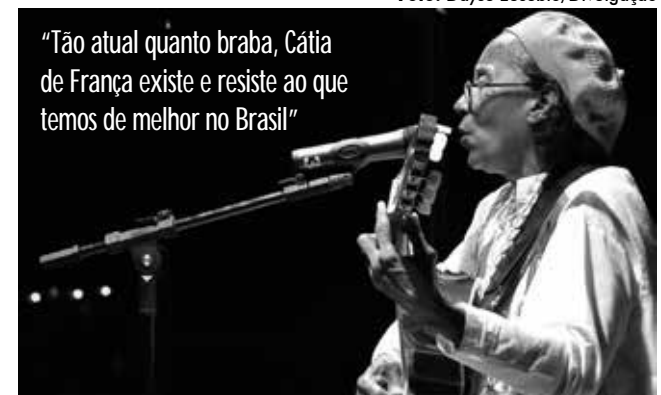
Kapetadas

1 - Você já falou algo que todo mundo discorda, a ponto de te convencer de que estava errado e no fim você estava certo?

2 - Saudade de Walter Galvão.

3 - Som na caixa: “Kukukaya eu quero você prá mim/Kukukaya mas olha esse cachorro aqui”, dela.

Foto: Dayse Eusebio/Divulgação



“Tão atual quanto braba, Cátia de França existe e resiste ao que temos de melhor no Brasil”

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

‘Butterfly Dream’: por uma metáfora poética no cinema

Que coação poderíamos encontrar entre um perfume e o cinema? Ou, mais especificamente, que afinidade poderia ter um determinado filme com uma simples colônia feminina de nome Butterfly Dream? Estranha parece ser esta conjectura, não? Mas, não é...

Razão porque tais hipóteses me fazem lembrar de um intrigante filme francês, *Parfum (O Perfume: A história de um Assassino)*, do diretor alemão Tom Tykwer, que se passa numa Paris dos meados do século 18. É a história de Jean-Baptiste Grenouille (Ben Whishaw), que nasce numa comunidade de pescadores pobres, passando anos depois a adquirir um dom espantoso de reconhecer aromas à longa distância. Ele é aprendiz de um perfumista local, interpretado pelo ator Dustin Hoffman. Na verdade, trata-se de um *thriller* com Jean-Baptiste transformado em *serial killer* para extrair de suas vítimas o aroma feminino diferenciado de que precisa para composição de perfumes franceses. É, na realidade, uma obra curiosa e intrigante. Um bom filme que recomendaria aos *cinemastas* de plantão.

Se questionarmos esse assunto, não como um enredo temático sobre o perfume, em si, rotulando uma narrativa cinematográfica, mas como uma metáfora poética, *Butterfly Dream (Sonho de Borboleta)*, que assisti esta semana *streaming* com a minha Lili, trata-se de uma realização atraente. Uma história curiosa, sensível, que se passa num lugarejo pitoresco dos arredores da Turquia, com belas imagens e climas bem vegetalista, no início dos



Foto: Divulgação

‘Butterfly Dream’ é sobre dois rapazes pobres que se apaixonam pela filha do senhor da região

anos 1940. Inclusive, sob influências não muito distantes dos horrores da Segunda Grande Guerra e de algumas doenças muito comuns à época.

Trata-se de uma produção turca de 2013, dirigida por Yilmaz Erdogan e que representou o país no Oscar, um ano depois. O tema é baseado em fatos e foi escrito pelo próprio Erdogan, sobre dois rapazes, Rüstü e Muzaffer (interpretados por Mert Firat e Kivanç Tatlıtuğ), que trabalham numa mina de carvão de um abastado senhor da região, cuja filha Suzan (Belçim Bilgin) é a grande paixão de ambos. Os jovens são também motivados pelos poemas que escrevem e tentam publicar para serem reconhecidos como verdadeiros poetas.

Mesmo sendo um drama sobre sonhadores apaixonados, esse não chega a ter um padrão shakespeariano, sobre

famílias nobres – Montéquio *versus* Capuleto. Mas, sobre classes sociais bem diferentes. Eles, de famílias pobres, e ela (Suzan) a mais admirada e rica do lugar, fazendo com que seu pai tenha sobre a filha, até de forma violenta, alguns parâmetros de convivência social. Também, por estar um dos rapazes acometido de grave doença respiratória.

De narrativa algumas vezes densa, mesmo assim, para quem curte as “veias poéticas”, é um filme que foge de muitos clássicos *happy endings*. E deve ser visto sob uma ótica diferenciada: “Um hino e uma homenagem a todos aqueles que lutaram para serem poetas numa época em que a educação era apenas para ricos...” Adentremos, pois, nesse “sonho de borboleta”. – Mais “coisas de cinema”, acesse o blog: www.alexantos.com.br.



Vídeo documentará a arte de Zezita Matos

A presidente da Academia Paraibana de Cinema (APC) será documentada no curta-metragem *Essa história não é só minha* – Um fragmento sobre Zezita Matos. Segundo dados da produção, a atriz comenta em entrevista sobre alguns de seus trabalhos no teatro, cinema e televisão, compartilhando sua trajetória de vida nesses 63 anos de atuação, a partir de arquivos pessoais.

O audiovisual é produzido pela própria Zezita e Sérgio Silveira, direção de Murilo Franco, que faz ainda a direção de arte. Outros membros da equipe: Tarciana Gomes e Édson Albuquerque na montagem, e na fotografia, além do still, a Fita Verde Produções.

Em cartaz

ESTREIAS

DUPLA EXPLOSIVA 2 - E A PRIMEIRA-DAMA DO CRIME (The Hitman's Wife's Bodyguard. EUA. Dir: Patrick Hughes. Ação e Comédia. 16 anos). O guarda-costas Michael Bryce (Ryan Reynolds) terá que abandonar sua licença sabática para proteger Darius (Samuel L. Jackson) e Sonia (Salma Hayek), o casal estranho mais letal do mundo. Enquanto Bryce é levado ao limite por seus dois protegidos, o casal Kincaid se mete em uma trama global, onde são perseguidos por um louco vingativo e poderoso (Antonio Banderas). CINÉPOLIS MANAÍRA 7: 14h30 (dub.) - 19h30 (leg.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 21h20.

UM LUGAR SILENCIOSO - PARTE II (A Quiet Place Part II. EUA. Dir: John Krasinski. Terror, Suspense e Thriller. 14 anos). Logo após os acontecimentos mortais do primeiro filme, a família Abbott (Emily Blunt, Millicent Simmonds e Noah Jupe) precisa agora encarar o terror mundo afora, continuando a lutar para sobreviver em silêncio. Obrigados a se aventurar pelo desconhecido, eles rapidamente percebem que as criaturas que caçam pelo som não são as únicas ameaças que os observam pelo caminho de areia. CINÉPOLIS MANAÍRA 7 (dub.): 17h; CINÉPOLIS MANAÍRA 9 - MacroXE (dub.): 15h30 - 18h - 20h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (leg.): 13h30 - 16h - 18h30 - 21h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 1 (dub.): 14h - 16h30 - 19h - 21h30; CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (dub.): 15h30 - 18h - 20h45; CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 16h20 - 18h15 - 20h10; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 16h20 - 18h15 - 20h10.

CONTINUAÇÃO

OS CROODS 2 - UMA NOVA ERA (The Croods: A New Age. EUA. Dir: Joel Crawford. Animação, Aventura e Comédia. Livre). Em busca de um habitat mais seguro, os Croods descobrem um paraíso que atende todas as suas necessidades. Entretanto, outras pessoas já moram neste lugar: Os Bettermans, uma família que se considera melhor e mais evoluída. À medida que as tensões entre os novos vizinhos começam a aumentar, uma nova ameaça impulsiona os dois clãs em uma aventura épica que os força abraçar suas diferenças, extrair forças um do outro e construir um futuro juntos. CINÉPOLIS MANAÍRA 2 (dub.): 13h (somente sáb. e dom.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 13h (somente sáb. e dom.); CINE SERCLA TAMBIA 5 (dub.): 15h45; CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub.): 15h45.

SPACE JAM: UM NOVO LEGADO (Space Jam: A New Legacy. EUA. Dir: Malcolm D. Lee. Comédia e Infantil. Livre). Uma inteligência artificial sequestra o filho de LeBron James e envia o lendário jogador dos Los Angeles Lakers para uma realidade paralela, onde vivem apenas os personagens de desenho animado da Warner Bros. Para resgatar o seu filho, ele precisará vencer uma partida épica de basquete contra superversões digitais das maiores estrelas da história da NBA e da WNBA. Para essa missão, King James terá a ajuda de Pernalonga, Patolino, Lola Bunny, dentre outros personagens. CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 13h45 - 16h30 - 19h15; CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 13h20 - 16h - 18h40; CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 15h40 - 17h50 - 20h; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 15h40 - 17h50 - 20h.

VELOZES E FURIOSOS 9 (F9 The Fast Saga. EUA. Dir: Justin Lin. Ação e Aventura. 14 anos). Dominic Toretto (Vin Diesel) e Letty (Michelle Rodriguez) vivem uma vida pacata ao lado de seu filho Brian. Mas eles logo são ameaçados pelo passado de Dom: seu irmão desaparecido Jakob (John Cena). Trata-se de um assassino habilidoso e motorista excelente, que está trabalhando ao lado de Cipher (Charlize Theron), vilã de Velozes & Furiosos 8. Para enfrentá-los, Toretto vai precisar reunir sua equipe novamente, inclusive Han (Sung Kang), que todos acreditavam estar morto. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: 15h15 (dub.) - 18h15 (dub.) - 21h15 (leg.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 15h15 - 18h15 - 21h15; CINE SERCLA TAMBIA 1 (dub.): 19h; CINE SERCLA TAMBIA 5 (dub.): 17h35 - 20h20; CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub.): 17h35 - 20h20; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 19h.

VIÚVA NEGRA (Black Widow. EUA. Dir: Cate Shortland. Ação e Aventura. 12 anos). Ao nascer, a Viúva Negra, então conhecida como Natasha Romanova (Scarlett Johansson), é entregue à KGB, que a prepara para se tornar sua agente suprema. Porém, o seu próprio governo tenta matá-la quando a União Soviética se desfaz. CINÉPOLIS MANAÍRA 4 (dub.): 14h15 - 17h15 - 20h15; CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP (leg.): 14h45 - 17h45 - 20h45; CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 14h30 - 18h - 20h45; CINE SERCLA TAMBIA 1 (dub.): 16h15; CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 15h30 - 18h - 20h30; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 15h30 - 18h - 20h30; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 16h15.

Serviço

• Funesco [3211-6280] • Mag Shopping [3246-9200] • Shopping Tambiá [3214-4000] • Shopping Partage (83)3344.5000 • Shopping Sul [3235-5585] • Shopping Manaira (Box) [3246-3188] • Sesc - Campina Grande [3337-1942] • Sesc - João Pessoa [3208-3158] • Teatro Lima Penante [3221-5835] • Teatro Edinaldo do Egypcio [3247-1449] • Teatro Severino Cabral [3341-6538] • Bar dos Artistas [3241-4148] Galeria Archidy Picado [3211-6224] • Casa do Cantador [3337-4646]

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

Poema e poesia

Não é a República Tcheca que precisa ser cirúrgica ao enfrentar a Holanda nessa última Eurocopa, como disse o comentarista Pedrinho, ex-craque da bola. O que tem de ser cirúrgico é o poema, para operar a poesia com o tesouro ancestral que ela exhibe e oferta, na medida exata que vai além e aquém da mais irredutível matemática.

Sempre desconfiei de que o ponto certo é incerto e inalcançável. Inatingível na sua excelência existencial, o ponto certo é o melhor lugar para o poema pousar e germinar seus frutos de ouro. É lá que a poesia se oferece, toda entregue e toda livre, musa voluptuosa e carente de seus intérpretes únicos e imperfeitos.

Lido com essa coisa misteriosa e ao mesmo tempo trivial, desde a primeira juventude. Nada, no entanto, ainda sei de seus passos herméticos, de sua luz ambivalente, de seus acidentes incontornáveis. Poesia é jogo. Jogo da vã dialética natural. Se tem metafísica, é no momentâneo das ocorrências banais, trazendo, para sua tessitura imperceptível, as camadas infinitas que perderam no que passa, esse toque de eternidade que contamina a coisa mais humilde e sacraliza o instante mais fugidivo.

Sou completamente bandeiriano. O mestre do lirismo, “o poeta menor”, com sua grandeza surpreendente, me deu lições de partir na convicção absoluta de que a poesia está em tudo. Basta mirar os horizontes do mundo, escutar o murmúrio das águas, sentir o aroma quente que brota da terra, tocar as fibras informes da paisagem, provar do sabor inestimável de um olhar amoroso, de uma carícia anônima assinalando o mapa principal na geografia do corpo.

Bandeira era poeta do corpo, da alma do corpo. Quase um naturalista refinado na ciência dos prazeres íntimos, mas também poeta de vertigens filosóficas, de verdades teológicas, de revelações e epifanias que nos atiram direto na clareira do milagre. Acredito ser Bandeira o mais simples dos poetas da língua portuguesa. Simples e sábio como um místico da imanência.

Pois bem: quero crer que para isso deva existir uma cirurgia da palavra. Seus instrumentos de ação e sua anestesia geral se fundem na manipulação desse paciente inquieto que é o poema, na sua luta mortal para encontrar, reter e recriar a poesia, transformando-a num patrimônio de todos nós e numa graça para todos.

Disse ainda há pouco que a poesia é jogo. Digo agora que a poesia é graça. E mais, é dádiva, é luz, é mistério, é descoberta, é espanto, é entusiasmo, é oferenda, alquimia, súplica, prece, eucaristia, perdão, paraíso, salvação, deidade...

Cumpra, pois, ao poema ser preciso, ser cirúrgico, para não correr o risco de perder o liame com os valores essenciais da poesia. Para não se transformar no seu epítáfio ou naquele doído amante que a trai no desassossego de sua imperfeição.

De qualquer maneira, parece, alguma coisa se perde nessa atormentada passagem da poesia para o poema, isto é, do fenômeno para a linguagem. E dói saber, ou pelo menos suspeitar de, que essa alguma coisa seria o melhor da poesia, o suprassumo, a pedra de toque, a pepita mais cobiçada, aquele incerto ponto certo.

E não sou só eu que penso assim. Dante, Camões, Baudelaire, Rimbaud, Pessoa, Borges, Bandeira, Cecília, Murilo Mendes e Jorge de Lima, só para ficar com alguns eleitos e iluminados, disseminam tal ideia pela fartura de seus versos. Seus poemas procuram ser leais à poesia, porém, eles mesmos reconhecem, aqui e ali, que a palavra falha e sucumbe ao seu fascínio intraduzível.

Esse, sim, é o dilema do poeta. O poeta cuja única missão consiste em transmutar a poesia das coisas e das criaturas; essa poesia que está aí, exposta, viva, vívida, eterna, infinita; essa poesia que se faz rigorosamente a mais encantatória das experiências humanas; essa experiência que pode ser ruína ou esplendor, no poema. Isto é, num artefato verbal limitado em si mesmo, finito em suas regras indispensáveis, incapaz de escapar à clausura da linguagem, não obstante seja a única via de acesso confiável a seus sublimes vocativos.

Cajazeiras inicia celebração do centenário de Rosilda Cartaxo

A partir de amanhã, Academia Cajazeirense de Artes e Letras promove série de eventos para lembrar historiadora



Foto: Arquivo A União

Linaldo Guedes
linaldo.guedes@gmail.com

Amanhã começa as comemorações pelo centenário de nascimento da historiadora paraibana Rosilda Cartaxo. Os eventos serão promovidos pela Academia Cajazeirense de Artes e Letras (Acal), com apoio de outras instituições e órgãos públicos. Natural de Cajazeiras, a historiadora integrou o Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (IHGP).

As homenagens começam com ocupação radiofônica com mensagem de abertura do Ano Centenário de Rosilda Cartaxo pelo presidente da Acal, Francisco Sales Cartaxo, e registro histórico da patronesse pelos acadêmicos da entidade, Ubiratan di Assis e Chagas Amaro.

Ainda na segunda-feira acontecerá uma transmissão ao vivo no perfil oficial da Acal no Instagram, com o tema "Rosilda Cartaxo: Mulheres do Oeste", com mediação da acadêmica Nadja Claudino e participações das acadêmicas Edna Cartaxo, Mariana Moreira e Irismar Gomes. Na ocasião, haverá o lançamento do DVD *A Baronesa Rosilda Cartaxo Entre Dois Amores*, produzido pelo acadêmico Aguinaldo Rolim e por Adalberto dos Santos, mostrando, através de imagens editadas e vídeos, parte da história de Rosilda Cartaxo, lançamentos de livros e outros eventos.

Na próxima terça-feira, haverá ocupação radiofônica com os acadêmicos Ubiratan di Assis e Chagas Amaro e participação especial do acadêmico Rui Leitão. Na quarta, mais ocupação radiofônica com os acadêmicos Ubiratan di Assis e Chagas Amaro e participação especial do poeta Nivaldo Amador. Na quinta, ocupação radiofônica será com os acadêmicos Ubiratan di Assis e Chagas Amaro e participação especial do professor Ciro Leandro.

Já na sexta-feira, haverá a ocupação radiofônica com os acadêmicos Ubiratan di Assis e Chagas Amaro e participação especial do professor e escritor Sales Gaudêncio. No mesmo dia acontecerá uma transmissão no canal do IHGP no YouTube, sob a mediação do vice-presidente Jean Patrício da Silva e do membro Sales Gaudêncio, sucessor de Rosilda Cartaxo na cadeira 27 daquele instituto, com participação dos membros da Acal, Francisco Sales Cartaxo, de José Antônio de Albuquerque e Edna Cartaxo, e de representantes do Instituto Paraibano de Genealogia e Heráldica. Na ocasião, haverá lançamento e distribuição aos sócios do IHGP do livro *Uma Rosa me Contou...*, de autoria de Edna Cartaxo.

Por fim, no próximo sábado, serão celebradas missas em Cajazeiras - Santuário Nossa Senhora Auxiliadora, São João do Rio do Peixe - Matriz de Nossa Senhora do Rosário, e João Pessoa - Paróquia Nossa Senhora Mãe dos Homens.

Rosilda Cartaxo Dantas nasceu em 31 de julho de 1921 e é patronesse da cadeira 37 da Academia Cajazeirense de Artes e Letras, ocupada por Edna Marlowa Cartaxo Braga, tendo sido também historiadora e escritora de renome na Paraíba. Publicou obras como *Estrada das Boiadas* (1975); *A Vila em Festa* (1981); *As Primeiras Damas* (1989); *Mulheres do Oeste* (2000); e *O Sacrifício* (2005), dentre outras.



Através do QR Code acima, acesse o perfil oficial da Acal no Instagram

Música

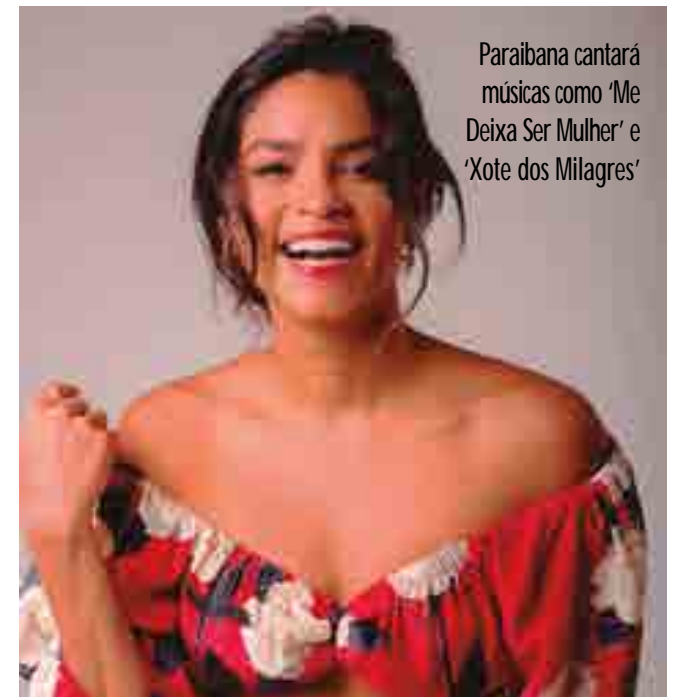


Foto: Divulgação

Paraibana cantará músicas como 'Me Deixa Ser Mulher' e 'Xote dos Milagres'

Lucy se apresentará hoje com orquestra

Neste domingo, às 17h, a Orquestra Sinfônica Heliópolis sobe ao palco do Auditório Ibirapuera ao lado dos cantores Toni Garrido e Lucy Alves. Ainda sem venda de ingressos, o concerto será transmitido ao vivo pelo YouTube.

O evento faz parte da série de concertos populares 'Heliópolis & Simoninha Convidam' e integra a 'Temporada de Concertos 2021' do Instituto Baccarelli. Com curadoria do cantor, compositor e produtor musical Wilson Simoninha, a série funde o melhor da música popular com a linguagem orquestral.

No repertório, clássicos da música brasileira na voz do fluminense Toni Garrido, como 'Chega de Saudade', além de 'Girassol', sucesso da banda Cidade Negra. Já a paraibana Lucy Alves leva seu acordeon

para a cena e canta músicas como 'Me Deixa Ser Mulher' e 'Xote dos Milagres'. Os dois ainda dividirão o palco com Simoninha com canções de Jorge Ben Jor e Milton Nascimento.

Uma das bases fundamentais do projeto da orquestra que se originou na favela é convidar artistas de diferentes estilos musicais e garantir inclusão, representatividade e diversidade de gênero e raça.



Através do QR Code acima, faça a inscrição para acesso à transmissão

Homenagens a Rosilda Cartaxo (acima) começam com mensagem de abertura do Ano Centenário pelo presidente da Acal, Francisco Sales Cartaxo (abaixo)



Foto: Divulgação

Essas coisas

Carlos Aranha
c.aranha@yahoo.com | Colaborador

Unhandeijara: um inventor que nunca se vendeu



De Falves Silva e Jota Medeiros, em Natal, passando por Paulo Bruscky e Jomard Muniz de Britto, no Recife, chegando a Paulo Klein, em São Paulo, a primeira pergunta que me fazem é sobre Unhandeijara Lisboa (foto).

Para não falar em Clemente Padin (esse, por e-mail), o grande poeta, artista gráfico e videomaker do Uruguai, que introduziu a obra do paraibano em Montevidéu.



Unhandeijara – que desde cedo nos acostumamos a chamar de Nandi – também foi quem provocou maior introdução dos saudosos compositores Belchior e Gonzaguinha na Arte Correio.

Acompanhei de perto todo esse processo, mesmo porque, fui morar na casa de Nandi, a mítica Villa 777, em Jaguaribe, por uns quatro meses. Nesse período, Gonzaguinha ficou hospedado na Villa 777 durante uns cinco dias, em sua primeira turnê, em ritmo de *on the road*, pelo Nordeste.

Meu depoimento é para localizar a importância de Unhandeijara Lisboa no

circuito mais independente e criativo das artes visuais brasileiras nos anos 70/80 do século passado. Depois as coisas começaram a despencar nacionalmente, fruto da súbita vocação brasileira em assumir uma neobarbárie cultural.

Daí, Nandi optou por uma espécie de autoexílio dentro de sua própria Parahyba do Norte, para não se misturar com "a vulgarização artística que tem ocorrido atualmente" (frase dele numa entrevista ao artista Fred Svendsen no blog do Grupo Kabra). Mas, manteve acasas as chamadas do Clube da Gravura, em Jaguaribe, até sua morte em 11 de fevereiro do ano passado.

Afora minhas considerações, a rica biografia com os *insights* locais, nacionais e internacionais de Unhandeijara Lisboa está em amplo acesso na internet. Basta pesquisar no Google, verificando-se que Nandi tem obras nos acervos de museus nos EUA, Canadá, Colômbia, Suíça, Itália, Espanha, Holanda, Venezuela, por aí...

Este texto também é fruto de uma sessão realizada na Câmara Municipal, quando foi entregue a Comenda Ariano Suassuna a Unhandeijara Lisboa, por tudo o que fez na posição de criador de uma das melhores obras brasileiras em gravura e de sustentáculo de um espaço (o Clu-

be) que causou o nascimento de valores artísticos.



Unhandeijara foi um multiartista, com uma dinâmica participação no movimento de Arte Correio, sendo o responsável pela capa da publicação Karimbada, e na aposta da xilogravura como uma maneira de fazer convergir tradição e experimentação.

Se Nandi teve posições políticas e culturais irreverentes, sejam respeitadas, pois o país precisa de criadores assim, que não compactuam com o "bun-damolismo", como foi o caso de Millôr Fernandes.

Unhandeijara Lisboa não deixou-se envolver pelo retrocesso do apenas "politicamente

correto". Vivas ao escultor, gravador, fotógrafo, gráfico e inventor que não se vendeu.

Nandi foi criador e presidente do Clube da Gravura da Paraíba (reconhecido através da Lei Estadual 7.547 de 29 de abril de 2004, como de utilidade pública). A mesma lei instituiu 14 de outubro como o Dia Estadual da Gravura, na Paraíba.

Foto: Divulgação





Foto: Reprodução/YouTube

Prefeitos começam segundo semestre com mais desafios

Postos à prova desde o início da pandemia, gestores lutam para conciliar atenção à saúde com aquecimento econômico

Iluska Cavalcante
cavalcanteiluska@gmail.com

O que um prefeito consegue fazer durante os seus primeiros meses de mandato? O período que deveria ser de articulação e planejamento, precisou ser de ação em 2021. Há um ano, a pandemia tem mudado rotinas, vidas, e também a forma de fazer política. No primeiro semestre de mandato, os prefeitos precisaram aprender a encontrar um equilíbrio entre estratégias para a manutenção de hospitais, com aberturas de comércios, vacinação e economia.

Iniciado o segundo semestre de gestão, cada ato é ainda um desafio e cada decreto, um novo dilema a ser enfrentado pelos prefeitos. Como priorizar as vidas sem esquecer de cuidar da economia de suas cidades, ou mesmo sem ceder às pressões externas?

Na opinião do cientista político José Artigas os prefeitos que assumiram a gestão no início deste ano tiveram que mudar a tradicional forma de fazer política nesse

período. "Sem sombra de dúvidas, eles entraram no meio do furacão e em muito pouco tempo tiveram que montar sua base administrativa. Não é situação normal, o prefeito começa a articular, nomear os membros, a delinear as políticas e planejar nos seis primeiros meses. Nesse caso, os prefeitos tiveram que entrar já fazendo muita coisa".

O especialista ressaltou ainda os problemas administrativos que os prefeitos encontraram, no contexto de pandemia, crise econômica e até mesmo política. "É incomparável a qualquer outra conjuntura. Uma conjuntura muito particular que tem feito os prefeitos passarem por enormes problemas administrativos e fiscais".

De acordo com o prefeito do município de Guarabira, Marcus Diogo (PSDB), assumir a prefeitura com a pandemia em andamento foi um desafio. "Porque é uma coisa completamente nova. Quem assumiu agora enfrenta um problema ainda maior do que aqueles que já vem lidando com a pan-

demia desde 2020, porque está assumindo algo em andamento", disse.

Na opinião do presidente da Federação das Associações de Municípios da Paraíba (Famup), George Coelho, o maior desafio dos prefeitos foi fazer com que a população entendesse a importância de cumprir as medidas de segurança contra a covid-19. "Ninguém estava preparado para lidar com essa situação. Fazer com que as pessoas obedecessem o isolamento, distanciamento. Cuidar de algo que jamais imaginaria que precisaria passar", disse.

Segundo George Coelho, não foi fácil, principalmente para os gestores de cidades menores lidar com o fechamento do comércio principalmente devido a sua economia frágil. "Primeiro tivemos que cuidar da saúde, mas tomar atitudes contra a economia do seu muni-

cípio é algo muito difícil. As pessoas vivem com seus pequenos estabelecimentos. A economia é muito frágil e você ter que dizer que essas pessoas tinham que fechar o seu comércio foi um momento muito difícil".

Prefeito de Guarabira, Marcus Diogo (PSDB) relata trabalho dobrado para manter saúde da população e empregos na economia da cidade



Fotos: Divulgação / Internet

Surpresa de prefeitos com problemas da pandemia foi relatada pelo presidente da Famup, George Coelho (esq.)

+ Diante do desconhecido: errar menos

Mas como saber o que é certo a se fazer? Segundo o prefeito Marcus Diogo, o desafio é diminuir os erros, já que o gestor nunca saberá exatamente quais serão as decisões plenamente corretas. "É impossível um gestor ter certeza absoluta se está fazendo o certo ou errado. O desafio está em acertar mais do que errar. Porque os erros vão acontecer com certeza absoluta, mas não são erros voluntários", disse.

O gestor ressaltou que precisou considerar o equilíbrio da economia. "Não há dúvida que a vida das pessoas está em primeiro lugar, isso é inquestionável. Mas paralelamente a isso temos que lutar pela sobrevivência das empresas, a pandemia vai acabar e depois da pandemia? Temos que ter as empresas funcionando para que não haja desemprego", disse Marcus.

Na opinião de Artigas, os gestores têm priorizado mais o mercado do que

as pessoas. "Aqui na Paraíba o que vemos são gestores incapazes de virar as costas para os financiadores das suas campanhas. No momento de catástrofe humana e sanitária, olha-se muito mais para o mercado do que para o ser humano", comentou.

No entanto, o cientista não nega o fato de que pensar na economia também é importante para a administração política. Ele ressaltou que com apoio e política de crédito é possível salvar as empresas e, consequentemente, os empregos. "Se você não se preocupar com as empresas você vai ter um impacto nos empregos. A empresa tem que ter crédito acessível, sem burocracia, juro zero, redução fiscal, renegociação de dívidas. A garantia para que essas atividades possam fechar durante algum período é essa, para que a empresa possa se recuperar para uma abertura lenta e gradual".

Cientista analisa "negacionistas"

Segundo a análise do cientista político, os gestores paraibanos tiveram suas ações submetidas a forte pressão dos setores empresariais e alguns agiram de forma irresponsável. "Tivemos iniciativas esporádicas de controle, mas a covid persiste há mais de um ano e meio e não adianta iniciativas esporádicas. É óbvio que estamos vendo uma omissão por parte do poder público. Falo de forma generalizada e é preciso destacar que há diferenças entre os graus de irresponsabilidade".

José Artigas ressaltou o caso do município de Campina Grande. De acordo com ele, as atitudes do prefeito Bruno Cunha Lima (PSD) negam soluções científicas par controle da pandemia. "O prefeito de Campina Grande é um negacionista. Alguns prefeitos empreenderam ações contrárias mesmo

ao governo estadual, pela omissão ou ação deliberada promovendo o contágio geral das suas populações".

Recentemente, a Paraíba presenciou uma "guerra de decretos" entre alguns prefeitos que não cumpriram as determinações estaduais no combate à covid-19. Enquanto o governador da Paraíba, João Azevêdo (Cidadania), decretou medidas mais rígidas, os prefeitos de Campina Grande, João Pessoa e Cabedelo, por exemplo, decidiram flexibilizar.

"O que aconteceu foram divergências políticas de acordo com os interesses representando cada um desses gestores. Se o prefeito imprime medidas mais restritivas pode ser visto como mais responsável e alheio às pressões do mercado. Esse é um indicador que sugere o grau de irresponsabilidade que os gestores vêm imprimindo", analisou Artigas.

Conversa com o GOVERNADOR

NA RÁDIO TABAJARA FM 105,5

TODA SEGUNDA - FEIRA AO VIVO, ÀS 13H

facebook.com/GovernoParaiba
youtube.com/GovParaiba

Aponte a câmera



Produção científica brasileira cresce acima da média mundial

Dado foi divulgado semana passada na 73ª Reunião da SBPC; evento marcou posse do novo secretário da entidade na PB

Márcia Dementshuk
Especial para A União

A ação democrática no Brasil, o combate à perseguição dos cientistas, os efeitos da pandemia na saúde e a posição da gestão federal no combate à pandemia, a Década do Oceano: a nação terá o que comemorar nos 200 anos da independência do Brasil?

Em nível de produção científica, sim. Dados do Observatório em Ciência, Tecnologia e Inovação (OCTI) e Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE) mostram que a produção brasileira de artigos científicos cresceu 32,2% no ano de 2020 em relação ao ano de 2015. Mais do que a produção global no mesmo período, 27,1%.

O estudo, intitulado Panorama da Ciência Brasileira 2015-2020, foi apresentado na terça-feira, 20, durante sessão especial da 73ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC).

Durante toda a semana, o evento abordou pautas em voga relacionadas à ciência no Brasil e apontou para aplicação do conhecimento científico na solução de questões que

desafiam o desenvolvimento sustentável e a democracia no Brasil.

Para a Paraíba, um dos momentos de maior atenção foi a posse do Secretário Regional da SBPC na Paraíba, Diogo Lopes, que ocorreu na última sexta-feira (23), durante a Assembleia Geral da 73ª Reunião.

Com todo o conteúdo disponível no canal da SBPC no Youtube, o evento anual da SBPC marcou pela atualidade dos temas trazidos para as mesas e a relação desses temas com a problemática social nas diversas áreas: "Todas as ciências são humanas e essenciais à sociedade".

Por outro lado, os pesquisadores comprovaram que a maioria das mortes por covid-19 seria evitável por meio de uma estratégia de contenção do vírus. O estudo foi desenvolvido pelo Centro de Pesquisas e Estudos de Direito Sanitário (Cepedisa), da Faculdade de Saúde Pública (FSP) da USP, com a Conectas Direitos Humanos, e foi discutido durante bate-papo na última quarta-feira (21).

No total, foram realizadas 32 conferências, 52 mesas-redondas, 22 painéis, qua-



Foto: Reprodução/YouTube

Diogo Lopes, secretário regional da SBPC na Paraíba, reforça a importância da representatividade associativa

tro sessões especiais e tres oficinas de bate papo. Além disso, foram oferecidos 34 WEBMinicursos, com carga horária de 8 horas, em diversas áreas do conhecimento. Na programação de apresentação de Pôsters foram ao todo, 247 trabalhos inscritos.

Ontem, sábado, ainda na programação SBPC Jovem e Família 2021, ocorreu uma série de atividades voltadas para crianças na companhia dos familiares, pelo YouTube, das 9h até o final do dia.

As Reuniões Anuais da SBPC são realizadas desde 1949, com a participação de representantes de sociedades científicas, autoridades e gestores do sistema nacional de ciência e tecnologia, para debater políticas públicas nas áreas de Ciência, Tecnologia, Inovação e Educação e difundir os avanços da Ciência para toda a população.

Diogo Lopes, secretário Regional na Paraíba, lembra de sua experiência de aproximar-se da ciência na juventude, ao filiar-se à SBPC: "Eu cursava

jornalismo, no início dos anos 2000, e trabalhei no Espaço Ciência/Museu de Ciências do Estado de Pernambuco, com o professor Antônio Carlos Pavão e me filiei à SBPC naquela época. De lá pra cá o trabalho com divulgação científica norteou minhas pesquisas e a SBPC esteve sempre como uma referência na atualização do que está em debate, especialmente aproximando a ciência do cotidiano das pessoas."

Diogo Lopes incentiva a filiação à SBPC. Ele lembra que todos e todas as pessoas

simpáticas à ciência podem associar-se. O Estado da Paraíba tem tradição em pesquisas científicas e na área de tecnologia e a representatividade associativa nacional fortalece a atuação local, diz o Secretário Regional da SBPC na Paraíba.

A filiação à SBPC é feita pela Internet, pelo site portal.sbpnet.org.br, o que concede vários benefícios ao associado, inclusive direito ao voto nas assembleias. O valor da taxa anual é acessível, com facilidades para estudantes.

“O trabalho com divulgação científica norteou minhas pesquisas e a SBPC esteve sempre como uma referência na atualização do que está em debate, especialmente aproximando a ciência do cotidiano das pessoas.”

Toca do leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Memória da Maçonaria em Itabaiana

Nos idos do passado, a marca dos quadros moral e ético das pessoas consideradas referências culturais e, também, de ações e atitudes nobres. Como uma extensão natural desse escol, apresento-vosa distinta jornalista Maria do Perpétuo Socorro Almeida, atual secretária de Cultura de Itabaiana, da família do mestre Sivuca. Ela tem um sonho, que é restaurar o velho prédio da União de Artistas e Operários de Itabaiana, transformar aquele patrimônio cultural em um centro integrado de ações artísticas. Pedeme para inteirá-la de detalhes históricos referentes àquela instituição. Quer reforçar argumentos que instrumentalizem memorial, pedindo recursos a quem de direito para essa de manda. Aproveita para dizer do regozijo em dispor de mais um espaço para seus projetos de reconfiguração cultural da cidade. Trata-se de um prédio na Praça Epitácio Pessoa, recentemente retomado pela Prefeitura, onde será instaurado o Memorial de Sivuca.

Sobre a vetusta União dos Artistas e Operários de Itabaiana, lembrei que a associação foi fundada nos idos de 1920 por um grupo de operários e intelectuais. O doutor Romualdo Palhano escreveu um livro chamado "Itabayanna - entre fatos e fotos", onde informa que, naquela época, o movimento político e sindical dos

trabalhadores estava sob os ideais anarcos sindicalistas, sendo que um dos principais instrumentos de organização social das várias correntes anarquistas eram os jornais impressos e, principalmente, o apoio à arte teatral e à música. Essas sociedades promoviam espetáculos lítero musicais, encenavam peças e promoviam conferências sobre temas relacionados à vida cotidiana desua clientela. Não por acaso, foi na União dos Artistas e Operários de Itabaiana que se instaurou o primeiro teatro da cidade, servindo também de sede para as sociedades musicais e tertúlias literárias.

Na União nasceu e floresceu o movimento musical, onde Sivuca tocou sua sanfona pela primeira vez em um recinto socialmente reconhecido e Zé da Luz declamou seus poemas pela primeira vez para uma plateia distinta. As sociedades musicais existiam em Itabaiana desde 1888, quando a vila pertencia ao Município de Pilar. Nesse tempo todo, a banda desaparece e surge como a Fênix mitológica, no dizer do historiador Sabiniano Maia. Em 1901, o trem apitou pela primeira vez na terra de Zé da Luz, sendo saudado pela banda de música liderada por Alcebíades Araújo, um dos homens mais inteligentes de Itabaiana em todas as épocas, do grupo fundador da União. Manoel Araújo, o prefeito da cidade,

pegou Alcebíades e formou uma escola de música. Em pouco tempo a filarmônica estava pronta, tocando seus dobrados e valsas no coreto da praça. O próprio prefeito tocava pistom. Nessa banda tocava saxofone um rapazinho de nome Severino Rangel, que depois ficou conhecido nacionalmente como Ratinho, da famosíssima dupla sertaneja Jararaca e Ratinho.

Não quis confessar a Socorro Almeida, mas aqui admito que ignoro o significado do esquadro e compasso no frontispício da União de Artistas e Operários de Itabaiana. Sabe-se que é um dos emblemas da Maçonaria. A União foi formada a partir dos ideais socialistas e não são poucos os pontos de divergência das duas éticas. Provavelmente alguns dos fundadores guardavam da Maçonaria os ideais de virtudes e necessidades humanas e, principalmente, os valores do associativismo mutualista. A União, com seu intento principal de ajuda mútua entre os associados, o que também caracteriza a Maçonaria. O @Esquadro e o @Compasso @exprimem também a materialidade do homem e sua espiritualidade. Cultivando a arte e assistência aos membros carentes, essa associação de trabalhadores seria uma espécie de "maçonaria popular", em que o povo produzia e participava de forma ativa da concepção e da vida associativa.



Professores e alunos de graduação e pós-graduação de cinco universidades estão estudando a fauna de répteis e anfíbios na Reserva Ecológica Olho D'água das Onças, localizada no município de Picuí, no Seridó paraibano

Pesquisadores do Brasil e dos EUA integram expedição na PB

Dados coletados podem ajudar a avaliar o risco de extinção das espécies por causa das mudanças climáticas globais

Helda Suene
Assessoria FapesqPB

Um bioma muitas vezes visto com preconceito como pobre e estéril, a caatinga é o foco de estudo de um grupo de pesquisadores de universidades do Brasil e dos Estados Unidos que está em expedição pela Reserva Ecológica Olho D'água das Onças, localizada no município de Picuí, no seridó paraibano. Nove professores e alunos de graduação e pós-graduação de cinco universidades estão estudando a fauna de répteis e anfíbios da área. Eles integram o Programa de Apoio a Núcleos de Excelência (Pronex), financiado pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (FapesqPB) e pelo Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Os pesquisadores estão capturando espécies para coletar material genético e tentar avaliar o risco de extinção dessas espécies considerando um cenário provável de mudanças climáticas. O projeto é intitulado "Passado, presente e futuro da caatinga: história, ecologia e conservação da herpetofauna frente às mudanças ambientais", sendo herpetofauna a população de répteis e anfíbios de uma área. Com os conhecimentos produzidos e divulgados, a

ideia é promover a conservação e uso sustentável da região: identificar padrões e processos da distribuição espacial e temporal da biodiversidade da caatinga; definir estratégias e ações; e formar recursos humanos altamente qualificados. O projeto está orçado em R\$ 405.230,00 oriundos do CNPq e do Governo do Estado por meio da Fapesq.

"Nessa pesquisa a gente vai coletar dados genéticos para identificar como a distribuição das espécies de hoje em dia e a diversidade genética refletem nessas barreiras geológicas que existem na caatinga", disse Daniel Mesquita, doutor em Ecologia Animal pela Universidade de Brasília (UnB), professor do curso de Biologia da UFPB e coordenador do projeto. A investigação vai analisar como as espécies estão interagindo, como se relacionam, do que se alimentam, quem se alimenta delas, em que época do ano cada espécie se reproduz, e se as populações estão aumentando ou não. Vai coletar também dados de parasitas dessas espécies, entre outras informações.

Uma das etapas do estudo em Picuí diz respeito ao mencionado "futuro da caatinga": é nela que a pesquisa está mais debruçada no estágio atual. "Estamos coletando

dados de ecofisiologia de anfíbios e répteis, analisando a temperatura máxima que os bichos podem resistir, para usar modelos de risco de extinção das espécies", explica Daniel. "A gente sabe que o tempo está mudando de forma mais acelerada e essas mudanças têm consequências nas espécies, devido a limitação de oportunidades de termorregulação, porque o ambiente está ficando mais quente". As espécies dependem da temperatura ambiental para controlar a temperatura do corpo: se fica muito frio ou muito quente, os animais tendem a ficar ativos por menos tempo. "Daí eles têm menos oportunidades para se alimentar e para encontrar parceiros e deixam menos descendentes. Isso pode fazer com que as populações fiquem menores, aumentando o risco de extinção", explicou o pesquisador.

Para Roberto Germano, presidente da Fapesq, apoiar pesquisa de excelência como essa é pensar no futuro das espécies e também das pessoas. "A preservação do meio ambiente e da biodiversidade é fundamental para a humanidade, para o bem das gerações futuras. Por isso que a Fundação tem um olhar atencioso para os grupos de excelência que trabalham com a preser-

vação do meio ambiente", ressaltou Germano.

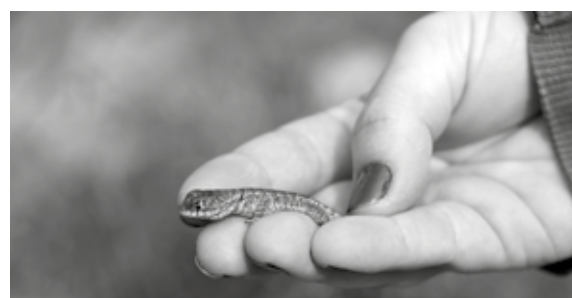
O Pronex prevê coletas em até seis localidades de caatinga. Já foram coletados dados na Serra Vermelha, no Piauí. O próximo destino pode ser o Parque Nacional Boqueirão da Onça, na Bahia – outros lugares ainda estão a definir. O projeto teve início em 2019 e se estenderá até o ano de 2022.

Além de Daniel Oliveira, o grupo de pesquisadores é composto por: Guarino Rinaldi Colli, doutor em Organismic Biology pela University of California, de Los Angeles (EUA); Frederico Gustavo Rodrigues França, coordenador do programa de pós-graduação em Ecologia da UFPB; Victor Hugo G. L. Cavalcante, professor do Instituto Federal

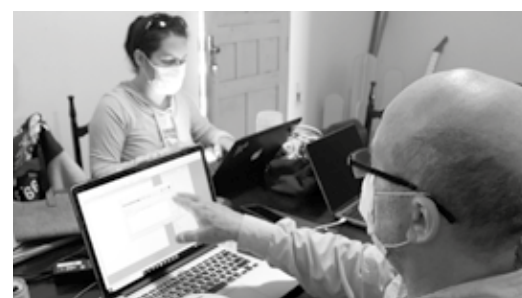
do Piauí (IFPI); Cecília Rodrigues Vieira, doutora em Biology – Insect Ecology na Utah University, de Logan (EUA); Paulo Eduardo Silva Bezerra, doutorando em Ecologia Animal pela UFRN; Tayná Barbosa Ferrari, doutoranda em Ecologia pela UNB; e Gabriel David Moura Figueiredo, graduando em Ciências Biológicas pela UFPB.



A caatinga é o foco de estudo do grupo de pesquisadores, que tem o apoio da Fapesq, do Pronex e do CNPq



Pesquisadores estão capturando espécies para coletar material genético e tentar avaliar o risco de extinção



Apoio aos núcleos de excelência

O Programa de Apoio a Núcleos de Excelência (Pronex) tem como objetivo apoiar a execução de projetos de grupos consolidados de pesquisas científicas, tecnológicas e de desenvolvimento, dando suporte financeiro à continuidade dos trabalhos desses grupos. É classificado como Núcleo de

Excelência um grupo de pesquisadores com reconhecida competência e tradição em suas áreas de atuação, capaz de funcionar como fonte geradora e transformadora de conhecimento científico-tecnológico para aplicação em projetos de relevância para o desenvolvimento do país.

Projeto de educação ambiental

Rubens Freire, secretário executivo de Ciência e Tecnologia do Estado, Roberto Germano, presidente da FapesqPB, e o deputado Buba Germano participaram do início da expedição na Reserva Ecológica Olho D'água das Onças, no dia 18. Na oportunidade, foi apresentado o projeto de Educação Ambiental que será desenvolvido na região, financiado com recursos provenientes de uma emenda parlamentar do deputado Buba – no valor de R\$ 300 mil – e executado pela Fapesq. Trata-se de um projeto voltado para a capacitação das escolas da rede pública da 4ª Região de Ensino, em Picuí.

Também participaram do encontro Luciano Pacelli, diretor do Instituto Federal do Estado da Paraíba (IFPB), campus Picuí, e Jeane Martins, a coordenadora do curso de Agroecologia do IFPB, que apresentaram o projeto de Educação Ambiental. Além deles, estavam presentes Maricleferson Gomes, gerente regional da 4ª Gerência Regional de Educação do Estado da Paraíba; Maria Queiroz, mestre em Ciências Agrárias pela UEPB e membro da Reserva, além de alguns membros da Associação Trilhas na Caatinga de Picuí (que acompanham a expedição).

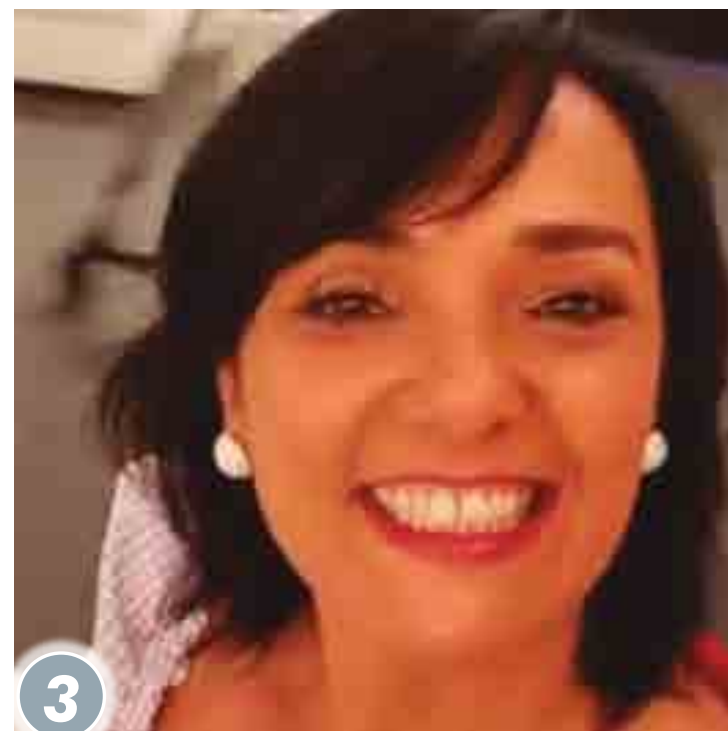
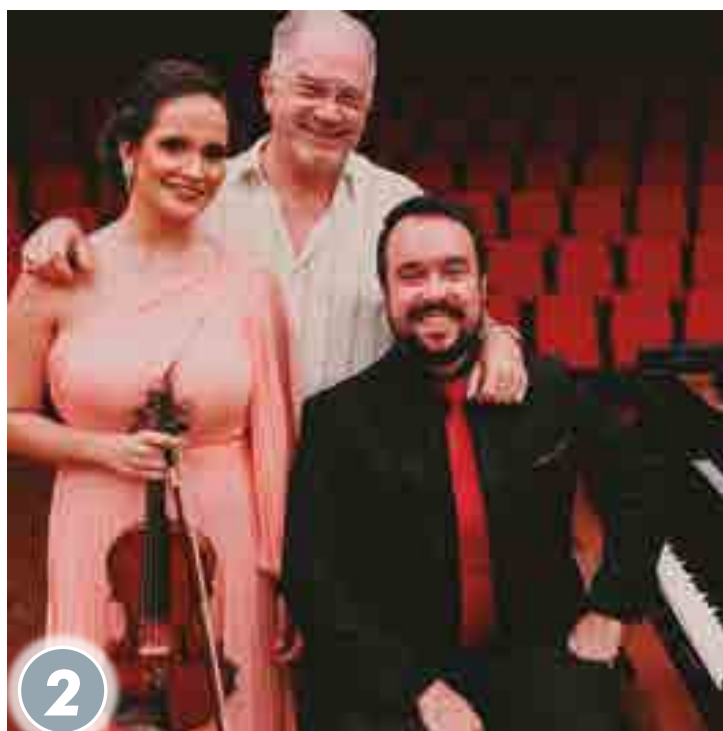
+ Caatinga ainda é pouco estudada

Apesar dos esforços nas últimas duas décadas, a caatinga ainda é pouco estudada e sua riqueza ainda subestimada. Mesmo assim são reconhecidas 3.150 espécies de plantas (788 endêmicas). Embora existam cerca de 183 espécies de mamíferos na caatinga, a riqueza do grupo é relativamente baixa quando comparada a outros. A avifauna é diversa, com cerca de 548 espécies conhecidas, distribuídas em 74 famílias, sendo que 91,96% se reproduzem na região.

Para a herpetofauna, atualmente estão descritas para este bioma cerca de 312 espécies, sendo 79 de lagartos, 10 de anfíbios, 112 de serpentes,

10 de quelônios, três de crocodilianos e 98 de anuros (que é a ordem de sapos, rãs e pererecas). Isso sem contar com os remanescentes de florestas, como os brejos de altitude e outros tipos de paisagens, que certamente contribuem muito para o incremento da sua diversidade.

Esses números devem aumentar muito, uma vez que, de acordo com dados do projeto coordenado por Daniel Mesquita, 40% do bioma nunca foram investigados, e 80% permanecem sub-amostrados, mesmo com esforços recentes, e muitos grupos taxonômicos são na verdade complexos de espécies.



1 Paula Almeida, Antônio David Diniz, Carolina Lins, Tereza Cunha, Assis Almeida, Marcelo Pinheiro de Lucena, Daniel Rodrigues, Moisés Marques, Morena Galina, Genilda Pinheiro, Roberto Pimenta, Dadá Gadelha, Marli Soares, Maurício Burity, Ana Gouveia e Georgina Luna são os aniversariantes da semana.

2 Maria Luiza Garcia, aluna do professor da UFPB, Hermes Alvarenga (foto), apresentou seu TCC para o grau de Bacharel em Música (violino), em forma de um recital que seria público, não fossem as restrições atuais. O recital, avaliado por um comitê de professores, para felicidade de seu professor, familiares e amigos, obteve total aprovação.



3 Na última sexta-feira (23), no Weekend Master, programa apresentado pela coordenadora do cerimonial da Prefeitura Municipal de João Pessoa, Madeleine Braga (foto), na TV Master, esta colunista foi entrevistada, abordando pauta sobre turismo e eventos.

4 O *coiffeur* Pierre Freitas, por conta de seu aniversário, recebeu o carinho de clientes e amigas, *enpetit comité*, no restaurante All Garden. Regado a muito carinho e com a rica gastronomia do restaurante dirigido pela empresária Venice Viriato Cunha, na foto com o homenageado e as amigas Val Nascimento e Hélia Botelho, o evento obteve sucesso total.

5 Sempre atento às oportunidades do mercado, o empreendedor e educador paraibano Janguê Diniz, fundador do grupo Ser Educacional, está mirando empresas de tecnologia para investir. Recentemente, ele adquiriu, por meio de seu *family office* Epitychia, 30% da GreatSoftwares, empresa gaúcha de tecnologia que se destaca com uma moderna ferramenta de criação de sites e landingpages, a GreatPages, considerada a mais rápida do mundo.



6 Mesmo sem ainda estar à frente do Hotel Tambaú, aguardando a decisão final da Justiça, o advogado Rui Galdino, preocupado com o estado de abandono em que se encontra o local, mandou limpar toda parte externa do empreendimento hoteleiro que é considerado um marco na história do turismo paraibano.

7 De acordo com pesquisa realizada pelo Booking.com, João Pessoa, a nossa querida Capital, está entre os cinco destinos mais requisitados e queridos por viajantes acima dos 55 anos no Brasil. Isso significa que as ações implementadas pelo Governo do Estado e a Prefeitura Municipal estão no caminho certo.

8 Para os cajazeirenses e cajazeirados que residem na comuna sertaneja e, sobretudo, para os que vivem fora, o blog Coisas de Cajazeiras, capitaneado pelos irmãos jornalistas Christiano (foto) e Cristina Moura é um bom aperitivo diário que conduz os filhos da terra do Padre Rolim a se manterem atualizados sobre os fatos e eventos cotidianos da cidade e da região.



9 Matheus Cunha, jogador paraibano que integra a Seleção Brasileira nas Olimpíadas de Tóquio, no Japão, realiza um sonho acalentado desde os seus verdes anos: representar a Paraíba e o Brasil num torneio mundial. Na foto, Matheus, entre colegas e amigos, horas antes de embarcar para Tóquio.

10 O promotor Christian Oliver, na República Dominicana, encerra, neste domingo (25), às edições internacionais dos concursos Miss Beleza Del Milênio International, Miss Turismo Intercontinental, Mister HandsomeInternational e Mister Turismo Intercontinental 2021. Hospedado no maravilhoso Whala Beach Resort, o nosso país esteve representado por Mário Rego (Mister Continente Brasil Sênior) Victor Baden (Mister Continente Intercontinental Brasil) e GlendaMonik (Miss Continente Brasil).

IMOBILIÁRIA PARAÍBA PROPERTY
www.paraibaproperty.com.br
+55 83 99302-7071

Contabilize
Consultoria e Assessoria Contábil

LIVRE-SE DAS DORES NA COLUNA SEM CIRURGIA
DOUTOR HERNIA
3204-0423
98708-8189

Produção de coco no Estado estimula geração de negócios

Considerado versátil, o fruto vem se destacando no cenário nacional, com reflexos positivos no comércio paraibano

Carol Cassoli
Especial para A União

Leite, água, óleo e flocos. Estes são apenas alguns dos produtos derivados do coco plantado na Paraíba. O fruto ainda gera outros cinco tipos de alimentos e contribui, direta ou indiretamente, para a fabricação de diferentes objetos e artigos, como tapetes, vassouras ou rações para animais. Devido à sua versatilidade, o coco tem se destacado no panorama comercial brasileiro e, em especial, o paraibano.

Apenas a água de coco, ocupou a quinta colocação entre os produtos mais exportados pelo estado na balança comercial de junho. Sozinho, o volume de bebida exportado no último mês alcançou US\$ 358.415 (cerca de R\$ 1,8 milhão) em negociações, fazendo da água de coco um dos produtos paraibanos mais procurados internacionalmente.

Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE),

a Paraíba possui 5.791 hectares de coqueiros plantados, o que corresponde a 1,75% dos coqueiros do Brasil e aproximadamente 2% das lavouras paraibanas. Apesar de pequenos, na prática, estes números significam mais de R\$ 24,3 milhões em frutos colhidos anualmente, isto sem considerar o manejo do coco para a produção de outros itens, como água ou óleo.

Segundo a professora Márcia Paixão, do Departamento de Economia e coordenadora do Projeto Comex, voltado ao estudo do Comércio Exterior, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), o coco paraibano tem ficado em evidência como parte dos nove setores do Estado com maior potencial de vendas ao mercado externo. "Por si só, esse desempenho funciona como um indicador da capacidade das empresas paraibanas de atender mercados internacionais exigentes e, para o Estado, ter um produto do setor de alimentos e bebidas com esse desempenho pode funcionar como vitrine para o mundo".

+ Qualidade e preços atrativos

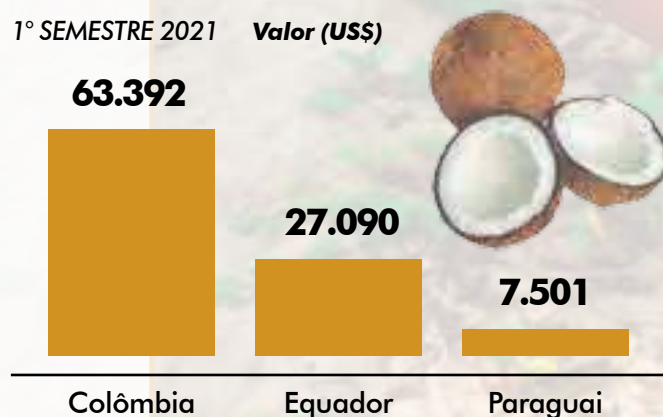
De acordo com a base ComexStat, que organiza os dados do comércio exterior brasileiro, a Paraíba começou a enviar água de coco a outros países há apenas quatro anos e, desde então, já se tornou um dos estados mais competitivos do país na oferta da bebida. Márcia Paixão analisa que o desempenho crescente na água de coco paraibana para outros países expressa, além da competitividade do produto em qualidade e preço, que o produtor tem um mercado complementar ao nacional para a sua produção.

Segundo Paixão, o produtor está atuando com um nível de eficiência operacional e comercial capaz de garantir a regularidade da oferta nas condições negociadas com seus compradores internacionais. A professora também explica que a crescente na exportação de coco e derivados revela que as empresas contam com habilidade de negociação comercial internacional e com conhecimentos de planejamento e operacionalização de exportações. Para a Márcia, outra possibilidade é a fábrica receber assessoria de empresas ou profissionais independentes que ofertam serviços de consultoria na área.

"O produtor está demonstrando que há uma padronização do produto, que está conseguindo cumprir exigências fitossanitárias do país comprador e que conta com soluções logísticas a um custo que viabiliza o negócio", destaca a professora.

Continua na página 18

EXPORTAÇÕES - Coco paraibano



Fonte: Fiep

Opinião

Jandaraci Araújo
Cofundadora do Conselho 101 | Colaboradora

O impacto social do microcrédito e a pauta ESG

Durante o tempo que estive à frente da operação do Banco do Povo Paulista (2019 - 2020), tive a oportunidade de acompanhar, in loco, o impacto social do microcrédito, mesmo que de forma indireta, pois não se trata de um benefício de transferência de renda, possibilita o aumento de renda e redução das condições de vulnerabilidade. Por ser uma ferramenta de inclusão financeira com impacto múltiplo, avaliada sob a perspectiva do desenvolvimento sustentável, possibilita a geração de renda e trabalho, principalmente públicos em situação de vulnerabilidade temporária, em decorrência do desemprego, por exemplo. E é com esse viés que se estabelece a conexão com a pauta ESG, com ênfase para o Social.

O "S" da sigla mais famosa do mercado - o social, deve ser visto muito além de um modelo assistencialista focado em doações de recursos, ou programas de voluntariado, por exemplo. Dentre as várias formas de atuar no social, vale destacar duas que são: ações que visam reduzir as vulnerabilidades da comunidade ao entorno e o cumprimento dos

ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável). Com essa perspectiva, os programas sociais de qualificação empreendedora aliados com o microcrédito, podem por tabela auxiliar no cumprimento de pelo menos sete dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU: acabar com a pobreza (ODS 1), agricultura sustentável (ODS 2), igualdade de gênero (ODS 5), promover o crescimento econômico e o trabalho decente (ODS 8), promover a industrialização, fomentar a inovação e construir infraestruturas (ODS 9), redução da desigualdades (ODS 10) e revitalizar parcerias e meios de implementação (ODS 17).

E por que fortalecer o empreendedorismo? Porque é o meio mais eficaz para promover inclusão social e produtiva, na cidade e no campo, em todas as faixas etárias, empodera as pessoas possibilitando que sejam protagonistas na construção do seu futuro. E para que o impacto do fomento ao empreendedorismo seja mais efetivo e abrangente, o microcrédito orientado tem papel fundamental.

Para contextualizar, vou citar dados do relatório GEM 2020, o número de

empreendedores iniciais motivados por necessidade saltou de 37,5% para 50,4%, o mesmo nível de 18 anos atrás. Além disso, 82% dos entrevistados alegaram que a motivação para começar um novo negócio foi a solução encontrada para ganhar a vida porque os empregos estão escassos, taxa de desemprego em alta (14,4%), e sem perspectiva de melhora no curto e médio prazo, diante de tantas crises que assola o país, além da pandemia. Empreender por necessidade durante uma pandemia é tentar vender o almoço para pagar o jantar. E ter acesso ao microcrédito, para esse público, pode ser um dos principais fatores de sucesso do empreendimento.

Várias empresas e fundações já atuam, através de suas áreas de programas sociais na pauta da capacitação empreendedora, entretanto o acesso a crédito não é contemplado, o que acaba restringindo uma maior efetividade e perenidade das iniciativas. O microcrédito aliado a outras iniciativas, pode compor o leque de ações de investimento social, fortalecendo as práticas ESG de qualquer organização. Como acredito

que para promover transformação social é preciso fazer junto, reforço o papel de parcerias e ações colaborativas para ações de impacto socioeconômico, entre o público e o privado, e principalmente entre empresas, fundações, bancos e fintechs. Atuar em parceria para criar soluções de microfinanças, que contemplem as garantias do crédito, taxas e custos coerentes com a realidade dos beneficiados.

Nessa minha jornada entre o público e o privado, tive a oportunidade de realizar várias parcerias que permitiram fomentar o empreendedorismo e dar acesso ao crédito a diferentes públicos. Cada crédito liberado para uma costureira, para uma artesã, um imigrante, um egresso do sistema prisional (oriundo dos programas de empregabilidade e qualificação), impactava negócios e famílias, gerando renda e trabalho para famílias inteiras.

As empresas devem lembrar da importância de atuar de forma estratégica para fazer impacto social positivo e principalmente que só teremos um ambiente de negócios próspero com mais inclusão e menos desigualdades.

Seca mudou perfil do produtor que mantém plantio no Sertão

Extensos períodos de estiagem fizeram com que a produção de coco praticamente sumisse das propriedades na região

Carol Cassoli
Especial para A União

No Sertão paraibano a situação se opõe à realidade evidenciada no Litoral, onde, atualmente, se encontram as maiores lavouras de coco do estado, de acordo com o IBGE. A região de Sousa, por exemplo, já foi referência pela cococultura desenvolvida na Paraíba e era responsável por, além de abastecer o Nordeste, oferecer coco para outras regiões, como o Sudeste. Hoje, no entanto, os extensos períodos de estiagem fizeram com que o coco quase fosse 'apagado' das propriedades sertanejas, restando poucos produtores na região. Outros fatores também permeiam o dia a dia do cultivo do fruto na localidade e é necessário investir na orientação dos produtores restantes.

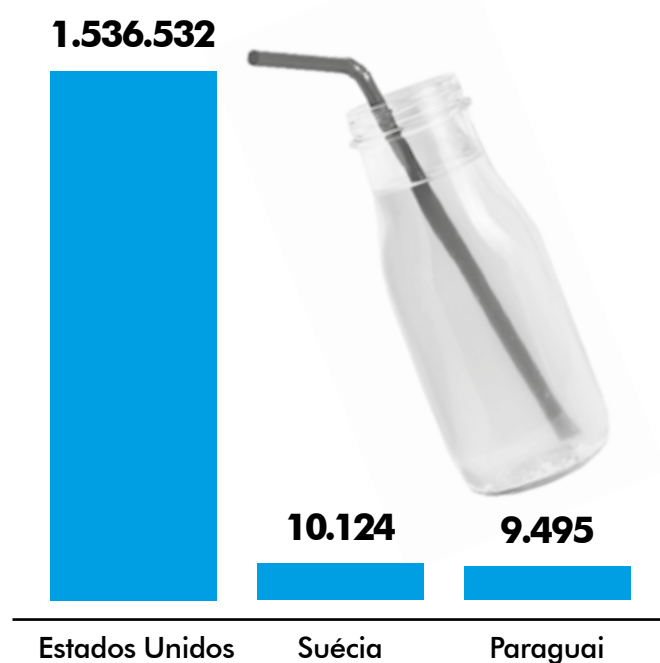
Pensando nas dificuldades de quem ainda produz coco no Sertão, o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar) oferece orientação técnica para potencializar o rendimento das plan-

tações de coco na região. De acordo com o Gerente do Departamento de Assistência Técnica e Extensão Rural do Senar, Gabriel Petelinkar, atualmente 30 produtores de coco das várzeas de Sousa são acompanhados pelos técnicos do Senar. "Recentemente encerramos um projeto com outros 180 produtores rurais e quem tiver interesse em receber assistência técnica e gerencial deve procurar o Sindicato Rural de Sousa", orienta.

Dados da Empresa Paraibana de Pesquisa, Extensão Rural e Regularização Fundiária (Empaer) apontam que, no ápice da cococultura sousense, havia mais de mil hectares de coqueiros plantados na região. Hoje, este número é bem menor e, conforme Francisco Ailton Mendes, empresário responsável pela Dino Coco (a única empresa que produz derivados de coco na região), é necessário encomendar o fruto de outras cidades do Estado para suprir a crescente demanda da fábrica.

EXPORTAÇÕES - Água de coco da PB

1º SEMESTRE DE 2021 Valor (US\$)



Fonte: Fiep

Saiba mais

De acordo com dados da Relação Anual de Informações Sociais (Rais), as duas principais empresas produtoras de alimentos de coco no Estado estão localizadas no município de Lucena e na região de Sousa. Juntas, a Coco do Vale e a Dino Coco somam cerca de 750 trabalhadores com registro formalizado.

Instalada na Paraíba desde 2010, a Dino Coco produz nove tipos diferentes de derivados do coco. Já a Coco do Vale possui um coqueiral com mais de 320 mil unidades que ocupam uma área equivalente a 2.600 estádios de futebol, responsáveis por produzir mensalmente duas mil toneladas de coco e 300 milhões de litros de água de coco.

Água de coco em alta

Dentre os diversos produtos viabilizados pela manufatura do coco, a água de coco tem se mostrado o mais competitivo. Nos últimos quatro anos, por exemplo, o país que mais procurou a bebida feita na Paraíba foi os Estados Unidos, que, segundo Márcia Paixão, tem um mercado sofisticado e altamente exigente em relação à qualidade dos produtos e práticas de comercialização, além de exigir cumprimento de uma variedade de regulamentos técnicos (como regras de rotulagem e embalagem específicas).

"Dessa perspectiva, são vários os impactos positivos das exportações paraibanas de água de coco. Empresas com participação no comércio internacional são motiva-

das a investir em melhorias e inovação de produtos e processos. Por isso se tornam mais produtivas, crescem em tamanho e na participação no próprio mercado interno, geram mais postos de trabalho e pagam melhores salários", observa.

Conforme dados da ComexStat, os Estados Unidos correspondem a nada menos que 97% do total de água de coco exportada pela Paraíba desde 2017. "Após a primeira exportação o estado alcançou valores aproximados a US\$ 4 milhões em 2018 e 2020, e poderá fechar o ano de 2021 nesse mesmo patamar se considerarmos o montante já exportado até junho (US\$ 1,5 milhão) e o desempenho evidenciado no segundo semestre de 2020", projetou a economista.



Produção do Nordeste deixa o Brasil em quinto colocado nas exportações

Por ser a maior produtora do Brasil, a região Nordeste tem 71,2% da produção nacional de coco e é responsável por colocar o país como o quinto maior exportador do fruto no mundo, segundo o Banco do Nordeste (BNB). Para isso, vários fatores contribuem para que a região ajude o país a se destacar no cenário internacional, tais quais a adoção de novas tecnologias, a presença de clima favorável e a variedade do produto plantado em solo brasileiro.

De acordo com o BNB, além de comercializar o fruto, seus produtos e subprodutos, o Nordeste também negocia sementes e mudas de coqueiros. Em 2020, por exemplo, foram negociadas mais de 2,7 milhões de mudas e sementes e a expectativa é que apenas esta negociação gere, até 2023, aproximadamente, 314 milhões de cocos.

O Banco do Nordeste observa que, para que a projeção se concretize, no entanto, é necessário que toda a região invista em técnicas e aparatos tecnológicos avançados. Além

disso, o estímulo ao aumento da produção de coqueiros já plantados é uma das necessidades apontadas pelo BNB como tendência para o incentivo governamental nos próximos anos.

O BNB salienta, ainda, que é importante considerar as características de quem produz para que o setor continue prosperando. De acordo com o banco, existem dois tipos de produtores para os quais é necessário ter atenção às especificidades de suas demandas: os pequenos (que são descapitalizados e têm pouco incentivo das políticas públicas) e os grandes produtores (que detêm indústrias para manufatura do coco).

Neste contexto, o Banco do Nordeste afirma que o financiamento de equipamentos para processar a casca do coco, incentivo à articulação e capacitação dos pequenos produtores são primordiais para que o rendimento dos dois tipos de agricultores tenham rendimentos satisfatórios. Para o BNB, o fomento às feiras livres e ao turismo histórico também são pontos a se considerar.

MERCADO INTERNO

■ Ao contrário do cultivo paraibano de coco, voltado ao manejo da água do fruto para exportação, a produção nordestina tem foco na produção de coco seco ou in natura para consumo dentro e fora do país. "As facilidades decorrentes das variadas formas de apresentação desses produtos, nas prateleiras dos supermercados ao longo de todo ano, têm promovido o aumento do consumo", destaca o estudo em produção de coco do Banco do Nordeste. Segundo o BNB, os cocos da região Nordeste são distribuídos internamente para abastecer o mercado local; contribuindo para a comercialização de coco em outras regiões, como Centro-Oeste, Sul e Sudeste. E, apesar de fornecer para o exterior também, a variação na produção do fruto no Nordeste incentivou que a região começasse a importar o fruto para que a agroindústria da região não deixasse de processar o coco e oferecer seus produtos. De acordo com o BNB, "o valor pago pelas importações de quase todos os produtos é inferior ao preço recebido pelas exportações, porque os países fornecedores, na maioria asiáticos, vendem seus produtos minimamente processados, enquanto os exportadores agregam mais valor aos seus produtos, antes de vendê-los."

Além de comercializar o fruto, seus produtos e subprodutos, o Nordeste também negocia sementes e mudas de coqueiros com outros países

Leandro Karnal,
historiador e professor

“Todo processo de autoconhecimento é um progresso”

Saber mais sobre si mesmo é ferramenta essencial para se construir uma carreira profissional, ressalta o escritor, que fala, ainda, sobre felicidade no trabalho, zona de conforto e liderança dentro da empresa

Marina Dayrell
Agência Estado

No último ano de pandemia e isolamento social é bem provável que você tenha ouvido por aí sobre a importância de se autoconhecer. Para muito além de um tema constante em sessões de terapia, o autoconhecimento é visto por especialistas como uma das primeiras ferramentas para construir uma carreira profissional.

Estratégia, plano de carreira, branding pessoal, recolocação no mercado, pivotagem e mudança de profissão, empreendedorismo: tudo passa, primeiro, pelo autoconhecimento. Quem sou eu? O que eu quero ser? O que eu quero fazer da vida? O que eu não quero fazer? Onde quero chegar? Do que eu gosto? O que me irrita? “Tudo isso é um processo de autoconhecimento. Se você iniciar o autoconhecimento pessoal, ele vai afetar o profissional, não há ninguém que seja sábio em apenas um campo”, explica Leandro Karnal, historiador e professor, que participou do bate papo com integrantes do grupo Estadão Carreira e Empreendedorismo no Telegram. O professor respondeu a perguntas sobre autoconhecimento, zona de conforto, colegas de trabalho difíceis, liderança e muito mais.

A entrevista

Qual a diferença entre o autoconhecimento pessoal e o profissional? Em que momento um se sobrepõe ao outro?

Todo o autoconhecimento, que é a base da filosofia, a primeira questão socrática, “Conhece a ti mesmo”, é um progresso, mas nós temos diferentes habilidades, nós temos habilidades distintas no campo pessoal. Há pessoas, por exemplo, que são excelentes profissionais e são maus maridos ou más esposas, maus namorados, más namoradas. Isso é possível, mas todo o processo de autoconhecimento faz avançar.

Por exemplo, o que me irrita? O que me agrada? Quais são os pontos em que eu chego ao limite?

Quais são as minhas possibilidades físicas, os meus limites físicos, meus limites psicológicos? Tudo isso é um processo de autoconhecimento. Se você iniciar o autoconhecimento pessoal, ele vai afetar o profissional, não há ninguém que seja sábio em apenas um campo.

O que fazer quando a empresa em que você trabalha se torna tóxica e começa a afetar a sua saúde? Dá para mudar sua empresa sem ter que se mudar dela? Como?

Essa é sempre uma pergunta muito complexa. Por exemplo, eu já trabalhei em escolas quando jovem, muito difíceis, muito agressivas em situações que eu diria até humilhantes, mas eu precisava daquele dinheiro. Na minha vida, especialmente no início da carreira, que eu não podia escolher, a escola podia me agredir, podia me humilhar, os alunos podiam ser agressivos,

mas eu tinha que comer, pagar aluguel, eu tinha que pegar o ônibus. Então, às vezes, o imperativo das suas necessidades se sobrepõe a isso.

Então, aí é tentar diminuir os danos. Há empresas que realmente talvez seja melhor você atrasar o aluguel e não trabalhar nelas, você não comer o que quer e não trabalhar nelas, mas nós não temos sempre escolha, nós não somos herdeiros milionários. Então, eu tenho que negociar com o real.

Você acredita que é possível encontrar felicidade no trabalho? Acredita que, em alguns casos, são as pessoas que tornam os locais de trabalho insuportáveis?

A questão é muito interessante. Primeiro, a pergunta seria: é possível encontrar felicidade? Porque quem consegue responder a isso consegue responder no trabalho, na família e assim por diante. Se você consideram felicidade de um estado paradisíaco, um Nirvana, algo que, uma vez atingido está conquistado, eu diria, não, não é possível encontrá-la nem no trabalho e nem na família, e nem sozinho.

Mas, se você considera felicidade um evento perceptível, ou seja, possível de ser aperfeiçoado, e um caminho de crescimento para um bem-estar, aí você segue o conselho do professor Shawn Achor, de Harvard, que diz que felicidade não é o prêmio, mas é o caminho para conseguir o prêmio, ou seja, você não será feliz quando for o chefe, o coordenador geral, o CEO de uma empresa. Você tem que ser feliz para crescer na hierarquia de uma em-

presa, tem que ser feliz para construir um bom casamento, você tem que ser feliz para construir um bom namoro.

Como lidar com colegas de trabalho difíceis?

Há pessoas mais fáceis e há pessoas mais difíceis. Aprender a negociar com diferentes timings, diferentes percepções de tom de voz, diferentes percepções de gentileza, educação e trato com os outros é um grande desafio de vida. Agora, quando se torna insuportável, fala-se com a pessoa e, quando se torna impossível conviver, fala-se com o RH. As pessoas difíceis, às vezes, precisam de um toque afeto e outras precisam de uma chamada formal advertida pelo chefe. Então, tem que aprender a lidar com isso.

Como as lideranças podem ajudar seus liderados a se conhecer melhor e como podem personalizar a gestão de acordo com o que motiva cada membro?

Uma das grandes habilidades de qualquer pessoa que exerce qualquer função, desde um pai até um professor, de um chefe até um político, é saber que as pessoas são diferentes, as pessoas reagem de forma distinta e que as pessoas não podem ser tratadas em conjunto. A primeira questão de um chefe é o exemplo. Se eu quero, por exemplo, pensar que eu tenho que espalhar relações mais cordiais, relações dóceis, mais simpáticas, a primeira questão é que eu sou a demonstração disso. É provável que você não contrataria um personal training, por exemplo, que fosse obeso, é provável que você desconfiaria de médico pneumologista que fumasse bastante, porque eu sou a vitrine da minha própria motivação e daquilo que eu estou falando.

Então, uma liderança ensina pelo exemplo, que a gente chama de currículo

oculto, e ela vai começar essa liderança, estabelecer diferenças entre as pessoas e aprender a lidar com isso. Pessoas não são robôs, pessoas são diferentes, alguns precisam de uma energia A, outros de uma energia B na resposta. Um chefe tem que ser inteligente e sábio. Inteligente para dominar a técnica e sábio para poder lidar com pessoas.

Como lidar ou indicar aos seus superiores no caso de perceber que sua atuação não é necessariamente no local que você tem mais aptidões ou habilidades?

É sempre complicado porque nem sempre as chefias, por exemplo, conseguem ouvir essa ideia. Se eu quero eficácia, eficiência, harmonia, as críticas construtivas são muito bem-vindas. Eu acho que

deve-se falar com franqueza que eu posso ser mais útil na posição A do que na B, porque eu tenho mais habilidades na posição A do que na B. Eu posso servir mais.

Eu posso aprender em quaisquer cargos. Seria muito bom que eu tivesse passado por vários, mas qual é o cargo em que eu posso melhor desempenhar com mais habilidade? E, se eu explicar isso com tranquilidade para a empresa, realmente vai ajudar. Se a empresa não ouve, se ela não quer no cargo que eu sou mais útil e mais produtivo, aí o questionamento é sobre a empresa. É uma empresa que funciona de uma maneira racional, de forma a valorizar seus trabalhadores? Essa é sempre uma questão. De novo, depende da minha liberdade diante do dinheiro naquela ocasião.

Como identificar que estou em uma zona de conforto ou que tenho dificuldade para sair dela? É sempre prejudicial ficar na zona de conforto?

Essa é a pergunta de um milhão de dólares, né? Zona de conforto é o seu pior inimigo. Tudo aquilo que te deixa quentinho e acomodado, não exige o melhor e vai produzir um efeito negativo no seu crescimento. Então, qual é o equilíbrio entre o que me desafia e aquilo que me deixa totalmente confortável?

A primeira pergunta a se fazer é: nos últimos seis meses você enfrentou novas habilidades e aprendizados? Nos últimos seis meses, você, naquela função e daquela

forma, conseguiu aprender algo? Foi desafiada em qualquer forma, em qualquer habilidade? Se a resposta for não,

você está em uma zona de conforto. Ela é o apogeu de qualquer trabalho, de qualquer casamento, mas ela também é o início do declínio, porque ela é uma solidificação, uma calcificação ou, em outras palavras, um enrijecimento das suas habilidades.

Então, a zona de conforto é ruim, porque ela vai deixar de desafiar e você vai gastar um capital acumulado. O problema é que não há capital infinito e quando surgir um novo desafio, uma nova conjuntura econômica, uma nova forma de ver a empresa, você pode dançar, porque você está calcificada em um cargo.

Por que na vida profissional parece ser mais fácil definir o que não queremos, mas temos dificuldade para encontrar o que queremos de fato? Como

ter mais clareza para construir uma carreira?

Eu acho que existe uma fantasia que é a ideia de vocação. Vocação vem do latim vocare que é ‘chamar’. Era concebida como modelo religioso, como a vocação de Abraão. Deus aparece, ele sai da sua terra e vai.

Não existe um campo único, absoluto, em que você vai ter clareza total de que aquela é a sua carreira. O ponto que eu me encontro hoje não é o ponto que eu pensava aos 19 anos ao concluir a minha primeira graduação. O ponto que eu me encontro hoje não é o ponto que eu imaginava quando comecei a pós-graduação. Você não vai ter uma carreira única, uma área de atuação, um conhecimento ou uma habilidade. Então, você não é um gênio da música, um gênio da dança que só pode fazer aquilo e, provavelmente, não seria feliz em nenhum outro campo. Nós somos pessoas múltiplas e, quanto mais múltiplos formos, melhor. Por isso, não existe um caminho, mas existe uma possibilidade de você saber, como eu sei, que eu sei

reirei melhor na área de humanas, na comunicação, do que na física atômica, ou seja, eu tenho grandes campos. Mas não pense que é uma coisa única, especial e que descobrindo você não terá novos desafios. Então, esteja plástico, esteja apto. Esteja sempre em crescimento, proporcione que você consiga crescer.

Oportunidade de Emprego

A TESS INDÚSTRIA, seleciona pessoas com deficiência (PCD) os interessados deverão deixar currículo na portaria da empresa na Av. João Wallig, 1187 Catolé. Campina Grande.



Projeto do Insa viabilizará uso de água da atmosfera

Pesquisa científica usa tecnologia israelense e tem a Fiocruz como parceira do Instituto sediado em Campina Grande

Iracema Almeida
iracemalubarino@epc.pb.gov.br

Água no ar? Sim! A atmosfera é repleta de moléculas que constituem esse líquido essencial à humanidade. Para amenizar a escassez de água no Nordeste, o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI), em parceria com o Instituto Nacional do Semiárido (Insa), localizado em Campina Grande, deu início ao projeto 'Água Atmosférica - Bebendo Água do Ar', que também conta com a participação da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz).

A produção da água atmosférica é feita a partir de um equipamento que captura a umidade do ar, fazendo o tratamento e armazenamento em um reservatório interno. Em seguida, a água é transferida para um depósito auxiliar, onde recebe pré-tratamento conforme preconiza a portaria do Ministério da Saúde sobre a potabilidade do líquido.

Segundo o MCTI, a iniciativa também visa avaliar como essa água pode impactar na saúde dos alunos, a partir da oferta de água potável adquirida pela umidade do ar. O proje-

to está sendo monitorado pela Secretaria de Pesquisa e Formação Científica (SEPEF), mas conta ainda com o auxílio da Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP), da Fiocruz, e da empresa israelense Watergen, que fez a doação dos equipamentos de extração.

De acordo com a diretora do Instituto Nacional do Semiárido (Insa/MCTI), Mônica Tejo, o estudo vai aplicar metodologia de avaliação em sete dimensões: sanitária, ambiental, tecnológica, mental, sociocultural, econômica e epidemiológica. "Estão sendo implantados quatro projetos pilotos de água atmosférica nas escolas. Algumas atividades de diagnóstico preliminar já estão sendo conduzidas pela Fiocruz, assim como ações de sensibilização e orientação junto às comunidades escolares", explica.

Produção da água será feita por equipamento que captura a umidade do ar, com uso de tecnologia israelense



Foto: Divulgação

Diretora do Insa, Mônica Tejo, disse que já foram iniciadas as ações de orientação junto às escolas envolvidas

SAIBA MAIS

■ Será instalada em cada escola envolvida na pesquisa uma máquina que absorve o ar ambiente através de um filtro e o resfria até seu ponto de orvalho, extraindo água através da condensação. A água é então purificada, mineralizada e estará pronta e segura para ser ingerida e usada na cantina escolar.

■ As máquinas que serão instaladas pelo projeto foram doadas por uma empresa israelense. Os equipamentos que serão usados são chamados de geradores atmosféricos, com capacidade de produzir mil litros de água por dia.

■ Segundo o pesquisador do Insa, José Esivaldo, com a implantação do projeto, os estudantes também serão acompanhados pela Fiocruz, já que o projeto visa também estudar o impacto do uso da água oriunda da atmosfera na saúde escolar.

+ Alternativa sustentável contra seca

Como o Insa, que fica em Campina Grande, possui ampla experiência acumulada com projetos no tema de recursos hídricos no semiárido, estará atuando na preparação e adequação dos pilotos nas escolas que receberão sistemas de geração de água atmosférica. "Além disso, vamos promover os treinamentos dos operadores locais, que farão a manutenção e acompanhamento dos equipamentos", pontua o gerente de Implantação do Projeto Água Atmosférica do Insa, José Esivaldo Santos.

Segundo ele, a expectativa é que as escolas estejam prontas para sediar a produção de água atmosférica a partir de setembro deste ano, dependendo do retorno às aulas presenciais, no calendário escolar. "Inicialmente, serão atendidas quatro comunidades escolares de municípios do Semiárido, selecionados a partir de critérios técnicos: Santana do Ipanema (AL), Retirolândia (BA), Monsenhor Tabosa (CE) e João Câmara (RN)", afirmou.

A diretora do Insa, Mônica Tejo, destaca que o projeto está focado em grupos específicos de alunos do Ensino Fundamental. Todos das escolas beberão da água, mas a pesquisa científica de percepção será com alunos a partir dos 11 anos de idade. Ela ressalta ainda a importância desses estudos: "O acesso à água é um direito garantido a todos os cidadãos, especialmente, em locais com escassez hídrica. Então, se faz necessária a presença de políticas públicas que garantam alternativas sustentáveis para amenizar a falta de água", diz Mônica. O Insa possui várias ações relacionadas a aplicação de unidades de reuso de rios efluentes em nível familiar e comunitário.

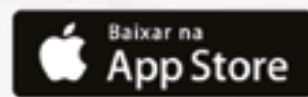
José Esivaldo Santos acrescenta que as escolas vão receber um sistema composto por dois ou três equipamentos de geração de água atmosférica, dependendo do tamanho da população escolar; além de reservatórios auxiliares e bebedouros para disponibilização de água à comunidade escolar. "Estamos finalizando o processo de contratação das empresas que realizarão o projeto e as obras de adequação em cada escola; a contratação da instalação da usina solar fotovoltaica que suplementará a energia elétrica de cada escola. Quando finalizadas essas etapas, realizaremos o transporte e instalação, seguindo o cronograma do projeto", explicou.

Foto: Divulgação



Esivaldo Santos: Insa vai treinar operadores locais

BAIXE NOSSO APLICATIVO



Siga, curta e compartilhe: [f](#) [t](#) [@](#) Rádio Tabajara
Escute em qualquer lugar: www.radiotabajara.pb.gov.br



EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO



Foto: Instagram/Treze Oficial



Foto: Reprodução/Instagram

O paraibano Edival Marques inicia a sua caminhada em direção ao pódio nos Jogos Olímpicos de Tóquio lutando contra um turco

Paraibano entra no tatame para fazer história nas Olimpíadas

Edival Marques inicia a sua participação no taekwondo em Tóquio contra o turco Hakan Recber a partir das 12 horas

Iago Sarinho
iagosarinho@gmail.com



O paraibano Edival Marques, o Netinho, começa, hoje, a sua participação nos Jogos Olímpicos de

Tóquio, lutando na categoria até 68 kg do taekwondo. O combate de abertura será contra o turco, Hakan Recber - atleta de 21 anos e vice-campeão europeu em 2018 - na Arena Nippon Budokan - localizada no centro da capital japonesa, a praça esportiva será a casa do taekwondo a atual edição das Olimpíadas, após ter sediado o Judô nos Jogos de 1964 -, em uma luta prevista para as 12h do horário brasileiro. 6º colocado no ranking mundial, o atleta, natural de João Pessoa, possui chances reais de medalha e, se chegar até a decisão olímpica, deverá lutar, fechando um dia inteiro de combates, na manhã de amanhã, por volta das 9h45.

Com todas as lutas da sua categoria ocorrendo entre hoje e amanhã, Netinho Marques é o foco das atenções da torcida paraibana para este final de semana, pois o atleta pode ser o primeiro paraibano a conquistar uma medalha nos Jogos Olímpicos

de Tóquio, aos 23 anos de idade. Se conseguir subir ao pódio, o lutador, que começou sua carreira treinando no bairro de Mangabeira, incluirá o taekwondo entre os esportes com me-

Campeão dos Jogos Olímpicos da Juventude em 2014 e dos Jogos Pan-Americanos de Lima, no Peru, em 2019, Netinho Marques é um dos atletas mais promissores do Taekwondo mundial

dalhistas olímpicos na história das participações da Paraíba em Olimpíadas. Atualmente, apenas o vôlei de praia - prata em Sydney 2000 com José Marco - e o fute-

bol - prata com Mazinho (1988) e Hulk (2012), além do ouro com Douglas Santos (2016) - registram triunfos olímpicos para o Estado.

Campeão dos Jogos Olímpicos da Juventude em 2014 e dos Jogos Pan-Americanos de Lima, no Peru, em 2019, Netinho Marques é um dos atletas mais promissores do taekwondo mundial e chega para a competição como um dos candidatos ao ouro olímpico. O paraibano, no sorteio das lutas, ficou no chaveamento B, onde seus principais adversários devem ser o chinês Shuai Zhao, 3º do ranking mundial, e o britânico Bradley Sinden, 2º do mundo.

No entanto, para chegar até a final da competição e lutar pelo ouro, Netinho precisará vencer todas as lutas. Na grande decisão, caso consiga avançar, o paraibano deverá enfrentar o favorito ao ouro olímpico, o sul-coreano, Dae Hoon Lee - medalha de prata em

Londres 2012 e bronze nos Jogos do Rio, em 2016.

Para Mestre Tomaz, presidente da Federação Paraibana de Taekwondo Olímpico (PBTOK) e responsável por revelar o lutador paraibano, as chances de medalha são reais.

"O chaveamento onde Netinho ficou, foi positivo. A maior parte dos adversários que ele deve enfrentar dentro da sua chave, são conhecidos dele e lutadores que, em algum momento, ele já os derrotou dentro dos eventos internacionais, a exceção é o sul-coreano, mas esse, só poderá ser adversário em uma eventual final olímpica. Netinho vem evoluindo muito nos últimos anos, é um lutador que está em ascensão, não será fácil, mas quatro lutas o separam de uma medalha e ele está muito bem preparado para representar a Paraíba e o Brasil da melhor forma", afirmou Mestre Tomaz.

ORIGEM DO ESPORTE

A origem do taekwondo ou taekwon-do vem da Coreia e significa literalmente: "O caminho da ação dos pés e das mãos". Seu propósito é a autodefesa, treinando o corpo e a mente. O taekwondo possui princípios, deveres, filosofia e uma cultura moral baseados no respeito, com o objetivo de construir um lugar para todos. Suas técnicas são baseadas em princípios científicos, por isso se pode dizer que o taekwondo é arte, ciência e esporte. As suas origens podem ser rastreadas há mais de 1300 anos na Coreia, em um sistema de combate conhecido como tae Kwon. O surgimento do taekwon-do tal como conhecemos hoje se localiza na segunda metade do século XX. Em dia 11 de abril de 1955 foi institucionalizado o nome de taekwon-do, depois de um extenso trabalho de anos de estudos e pesquisas desenvolvidos por seu criador, o já falecido general Choi Hong Hi. Seus conhecimentos prévios de karatê e tae-kyon, incorporando, além disso, os princípios da ciência moderna, em especial os da física de Newton, permitiram-lhe criar uma arte completamente nova, dinâmica e poderosa. Hoje em dia é um desporto difundido em todos os continentes. É uma forma de luta em que se prioriza a execução de pontapés sobre o uso dos punhos, e para evitar ferimentos graves, os participantes devem usar equipamento de proteção e o combate acontece num tatame. Tatame (ou shiai-jō) é usado como designação para o local revestido com o piso homônimo, onde se praticam artes.

Treze tem a chance de entrar hoje na zona de classificação

Time paraibano é amplo favorito contra o Caucaia, no Amigão, depois da goleada sobre o adversário na última rodada

Ivo Marques

ivo_esportes@yahoo.com.br

A vitória de goleada no último final de semana sobre o Caucaia devolveu ao Treze a esperança de ainda conseguir uma das quatro vagas do grupo 3 para a segunda fase da Série D. Mas para tanto, o Galo terá de vencer praticamente todos os jogos e ainda torcer por outros resultados. Neste domingo, o time tem a oportunidade de confirmar mais três pontos contra o mesmo Caucaia, a única equipe que o Alvinegro conseguiu vencer até o momento, e que é lanterna do grupo. O jogo está programado para as 16 horas, no Estádio Amigão, em Campina Grande, com arbitragem de Victor Lucas Pereira Silva, de Goiás, tendo como assistentes os paraibanos Gleydson Francisco e Paulo Ricardo Alves Farias.

Com oito pontos e a três da zona de classificação, só a vitória interessa ao Galo na partida de hoje contra o Caucaia. Apesar da goleada na casa do adversário, o técnico Wellington Fajardo não espera moleza e por isso tentou conter qualquer excesso de confiança no elenco para esta partida. O lateral Ferrugem já está focado na partida e com o mesmo pensamento do treinador.

“Na partida de ida, nós é que fizemos o jogo ficar fácil. Mas, não esperamos facilidade aqui. Nunca é demais lembrar que o Caucaia tirou pontos de Campinense, ABC e América, então todo cuidado é pouco. Nós encontramos a vitória na hora certa e

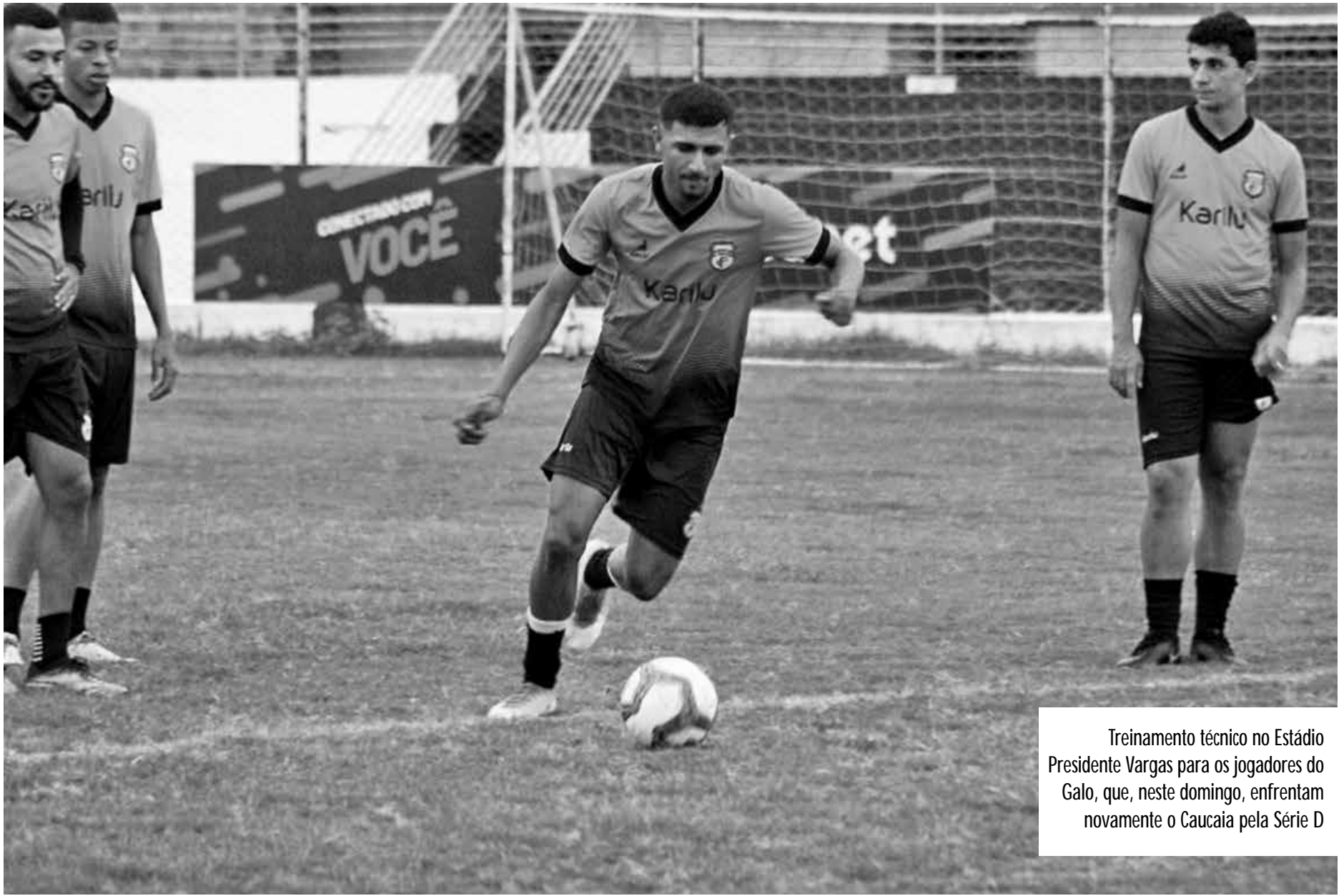


Foto: Instagram/Trezeoficial

Treinamento técnico no Estádio Presidente Vargas para os jogadores do Galo, que, neste domingo, enfrentam novamente o Caucaia pela Série D

Oito

pontos tem o Treze na competição, mantendo chances de classificação à segunda fase

temos que continuar vencendo, só assim, conseguiremos a nossa classificação”, disse o atleta.

Para Anderson Gindre, não foi apenas na última partida que o Treze jogou bem na competição. “Nós já estávamos no caminho certo, só que não estávamos conseguindo as vitórias. Agora que conseguimos, temos que seguir assim e mais motivados

para buscar novas vitórias, e consequentemente a classificação”, afirmou.

Sem nenhum problema técnico ou disciplinar, Wellington Fajardo vai poder contar com o time completo e tudo indica que contra o Caucaia, neste domingo, será o mesmo time que jogou no Ceará. Então, o Treze deve começar a partida com a seguinte escalação: João Guilherme,

Marlone Euler, Viana e Levi; Ian Barret, Gerônimo, João Ananias, Anderson Gindre e Iago Martins; Wallyson Bahia e Ferrugem.

Caucaia

Após duas goleadas para times paraibanos, o Caucaia veio para Campina Grande em busca da reabilitação e de sua segunda vitória sob o comando do treinador Carlos

Júnior. Apesar das goleadas, ele não sinalizou mudanças em sua formação para a partida deste sábado. O que resta é aguardar a divulgação oficial dos titulares que vão enfrentar o time paraibano.

Uma provável escalação da Raposa Metropolitana é a seguinte: Uoston, Ednei, Davi, Kelven e Márcio Goiano; Castro, Michael, Pedro Cobel e Vanderlan; Vítinho e Gênesis.

Na Arena PH12

João Pessoa sedia Copa Nordeste de Futebol de 7

Ivo Marques

ivo_esportes@yahoo.com.br

João Pessoa está sediando, pela segunda vez, a Copa Nordeste de Futebol de 7. A competição teve início na última sexta-feira, com a participação de 24 equipes dos estados da Paraíba, Rio Grande do Norte, Pernambuco e

Alagoas. Os jogos estão sendo disputados na Arena PH12, no bairro dos Funcionários, e neste domingo serão disputadas as semifinais, no período da manhã, e a grande final, no período da tarde.

A Copa Nordeste de Futebol de 7 é organizada pela Brasil Fu7, empresa nacional especializada em eventos es-

portivos. Os jogos estão sendo todos na categoria adulto e algumas equipes contam com a participação de jogadores profissionais e alguns que ainda buscam uma oportunidade de jogar nos clubes profissionais dos estados nordestinos. A Paraíba está participando da competição com 8 equipes:

Chelsea, Leonel, Domi, Real Parahyba, Danone, Real Jampa, Cruzeiro e CSP.

As 24 equipes estão divididas em 4 grupos, com 6 clubes cada. No grupo Branco estão o Zitrono-PE, Dep. Alagoano-AL, Betesporte-PE, Alecrim-RN, C.A Baixada-RN e Chelsea-PB. No grupo amarelo estão o Leonel-PB,

Domi-PB, Real Parahyba-PB, VR-PE, Mala-PE e Paris-RN. O grupo azul é composto por Danone-PB, ABC-RN, Somagol-RN, Santa Helena-PE, Os Linguarudos-PE e Real Jampa. Já o grupo verde é formado por Recife-PE, Walmites-PE, Sport-PE, APG-RN, Cruzeiro-PB e CSP-PB

Segundo um dos orga-

nizadores do evento, Paulo Henrique Carneiro da Silva, de 55 anos, a competição este ano está sendo disputada com menos equipes e sem acesso do público, por causa da pandemia. “Nós estamos com um protocolo rígido. Todos os participantes têm de usar álcool gel e máscaras. Só os jogadores e árbitros podem tirar a máscara na hora do jogo. Nenhuma pessoa pode entrar na arena, se o nome dela não estiver na lista, e cada equipe tem os 7 jogadores titulares, mais 5 apenas na reserva e comissão técnica”, disse Paulo, que já prevê no próximo ano uma nova competição com a presença de mais equipes e torcedores.

“Queremos evitar muita aglomeração, mas se Deus quiser, no próximo ano, vamos ter em torno de 40 equipes com jogos nessa arena aqui nos Funcionários e em outra lá no Altiplano. Cada uma possui dois campos, dando condições de realizarmos 4 jogos de cada vez. Vamos trazer também toda uma estrutura com arquibancada para o público, etc”, disse o organizador.

Foto: Reprodução/Instagram



A Copa Nordeste de Futebol de 7 é organizada pela Brasil Fu7, empresa nacional especializada em eventos esportivos, e acontece na Arena PH12

Isaquias Queiroz,
canoísta

“Vamos entrar na água para brigar pelo ouro”

Objetivo do canoísta é sair dos Jogos Olímpicos como maior medalhista do Brasil nesta edição, feito obtido na Rio-2016

Paulo Favero
Agência Estado

O canoísta Isaquias Queiroz quer sair dos Jogos de Tóquio novamente como o maior medalhista do Brasil nesta edição. Ele já obteve esse feito na Olimpíada do Rio, em 2016, quando subiu três vezes no pódio. Mas faltou a medalha de ouro, que ele busca garantir agora no Japão nas duas provas que vai disputar: no C1 1.000m e no C2 1.000m, ao lado do parceiro Jacky Godmann. “Sei que pode parecer ganancioso, mas cinco anos de trabalho precisam ser coroados”, disse.



A entrevista

Qual a sua expectativa para os Jogos de Tóquio?

São as melhores possíveis e estou bem feliz por ter chegado até aqui. Me preparei o máximo, sempre me cuidando, graças a Deus não tive nenhuma lesão grave e estou só esperando o dia da competição, que é dia 2, no C2.

Acha possível repetir o desempenho dos Jogos do Rio e subir ao pódio novamente?

Só eu sei o quanto treinei para evoluir para ganhar a medalha. E espero ganhar. A expectativa é ganhar a medalha de ouro. Não sei se vem uma ou duas. A gente não vai entrar na água para brigar pela prata ou bronze, vamos pelo ouro. É um objetivo meu, e do Lauro, por tudo que fizemos, então quero o ouro no C1. Já no C2 temos feitos ótimos treinamentos com o Jacky, evoluímos, e acho que vamos brigar por medalha, só não sabemos qual a cor. Sei que pode parecer ganancioso, mas cinco anos de trabalho precisam ser coroados.

Você não terá em Tóquio seu antigo técnico, o Jesus

Morlan, que faleceu, e seu parceiro Erlon de Souza, que se machucou. Como será competir com essas duas ausências importantes?

Meu trabalho e o meu foco são conquistar as duas medalhas. Com o Erlon, eu também tinha chance de medalha, e o Jesus sabe o que ele fez pela gente aqui no Brasil, então não queremos deixar passar em vão. Queremos coroar com pódio essa homenagem a ele, então tem de ser duas medalhas.

Foi duro ver que o Erlon iria ficar fora da Olimpíada por causa do problema físico?

A gente se esforçou bastante, e sei que é muito triste treinar quatro anos e ficar fora da Olimpíada. Não é toda vez que a gente tem a possibilidade de participar de um evento grandioso como esse. Agora o Erlon está se recuperando para tentar ir para os Jogos de Paris. Mas no momento o objetivo é Tóquio e estou muito concentrado nisso.

Como foi sua reta final de preparação no Brasil?

Fiz um treinamento bem

pesado, teve um dia até que saí da água vomitando. Mas pelo treinamento que fizemos, estou bem confiante de que pode chegar uma medalha.

Como é a relação com sua nova dupla, o Jacky Godmann?

Ele ainda é um pouco tímido, ele trava nas entrevistas. Mas estou conversando com ele e falando: ‘Seja mais você’. Aqui todo mundo é brincalhão, até o Erlon. Acho que é o estilo baiano, que leva as coisas de uma forma leve e sempre tem brincadeira.

Como você lida com a fama que a canoagem te proporcionou?

Agora estou mais acostumado, mas acho que não é fama. Eu sinto que é reconhecimento ao meu trabalho, fama é com ator. Eu vejo o pessoal vibrando quando ganho a medalha, então quero ter mais reconhecimento ainda. E sempre vou lembrar das várias pessoas que me ajudaram na carreira.

Você costuma fazer algumas tatuagens. Gosta de mostrar sua vida no corpo?

Sim. Eu acabei de fazer o rosto da minha esposa, tenho ainda o nome da minha mãe, uma figura maior, tenho também na costela uma tatuagem que é uma sombra minha remando. Também tatuei uma marca que queria alcançar, que era 3min46s, mas depois já fiz 3min44s e preciso atualizar. E depois de Tóquio quero fazer uma do meu filho e da minha mãe.

Como é lidar com essa distância da família neste momento?

Sinto muita falta, porque quando estou com meu filho costumo brincar muito com ele. Ele fica brincando de caubói e o Sebastian gosta de ir no barco, quer ir sentadinho e ver eu remando. Para mim é muito bom estar com a família.

Fisicamente, como você está para a Olimpíada?

Estou muito bem. Tento manter o padrão físico e estar entre 84 kg a 85 kg. Acho que estou mais magro que no início do ano, com menos gordura, mas mais forte. Acredito que estou no peso ideal de competição.

Três

vezes no pódio da Rio 2016 podem ser repetidos agora, em Tóquio

Isaquias Queiroz diz estar muito bem fisicamente e pronto para brigar por medalhas nas Olimpíadas de Tóquio a partir do dia 2



Brasil e Costa do Marfim entram em campo pelo torneio olímpico

Seleção vem de vitória sobre a Alemanha por 4 a 2 e os africanos bateram a Arábia Saudita por 2 a 1 na estreia

Foto: Lucas Figueiredo/CBF



Da Redação

A ansiedade da estreia já passou. Após a vitória contra a Alemanha, a Seleção Olímpica terá um novo desafio neste domingo, a partir das 5h30, quando enfrenta a Costa do Marfim. A cada dois dias, o time brasileiro entrará em campo em jogo válido pelo Torneio de Futebol. Por isso, a comissão técnica tem aproveitado esses intervalos para recuperar bem os jogadores e corrigir os erros visando a sequência da disputa. Ontem, André Jardine fez o único treino antes do jogo válido pela segunda rodada da fase de grupos do Torneio de Futebol dos Jogos de Tóquio. O Brasil joga contra a Costa do Marfim, no Estádio Internacional de Yokohama. Em caso de vitória, a Seleção Olímpica adianta a classificação para as quartas de final. Os africanos também venceram na rodada de estreia. Bateram a Arábia Saudita por 2 a 1.



O treinador não descarta fazer mudanças para o confronto de domingo. Na quarta, ele declarou que é provável que a equipe que iniciou as Olimpíadas não seja a mesma que irá terminar.

O Brasil é líder do Grupo B, seguido pela Costa do Marfim, que também venceu na estreia. A equipe canarinho encerra a participação na fase de grupos dos Jogos na próxima quarta, quando encara a Arábia Saudita, às 5h (de Brasília).

O paraibano Matheus Cunha teve uma boa participação no jogo contra a Alemanha, mesmo tendo perdido uma penalidade

Mulheres assumem o protagonismo nos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020

Paulo Favero
Agência estado

Se nas últimas edições dos Jogos Olímpicos o protagonismo do evento ficou com dois homens, Michael Phelps e Usain Bolt, desta vez o bastão deve ir para duas mulheres: Katie Ledecky, da natação, e Simone Biles, da ginástica artística. Ambas devem ampliar suas coleções de medalhas olímpicas e sair de Tóquio como as maiores atletas da Olimpíada. Além disso, a tenista japonesa Naomi Osaka é a maior estrela da delegação dos anfitriões dos Jogos.

Essa troca de reinado se dá em um momento favorável às mulheres no esporte.

No Japão, a participação feminina será recorde na quantidade e proporção de atletas e mostra um caminho sem volta para a igualdade de gêneros no esporte. E isso só foi possível porque o Comitê Olímpico Internacional (COI) decidiu diminuir as vagas masculinas e ampliar a oferta de modalidades para as mulheres.

Do contingente de quase 11 mil atletas, 48,8% do total são mulheres, enquanto os homens representam 51,2%. A previsão é que na

próxima edição dos Jogos, em Paris, em 2024, as vagas sejam divididas pela metade, levando a uma participação recorde das mulheres nos Jogos. E até por isso o fato de as grandes estrelas em Tóquio serem mulheres aumenta essa expectativa pela igualdade

“Isso é incrível e acho que podemos crescer ainda mais. Eu sou de uma modalidade que quase não é praticada por mulheres no Brasil e meu objetivo é inspirar outras garotas. Quero poder olhar para trás e ver que ajudei outras atletas a chegarem longe”, comenta Ana

Sátia, atleta brasileira da canoagem slalom “As mulheres podem fazer muita história nesta edição”, continua

Se nos Jogos do Rio-2016 a ginasta Simone Biles, dos Estados Unidos, já chocou o mundo ao ganhar quatro medalhas de ouro e uma de bronze, em Tóquio ela tem tudo para superar esse feito e sair da Olimpíada como o grande nome do evento. A expectativa em torno dela é tão grande que a ginástica artística foi incluída como evento de alta demanda, como a cerimônia de abertura ou final masculina do basquete, por exemplo.

BRASIL HOJE NAS OLIMPIADAS

- 1h - Canoas k1 feminino - eliminatórias
- 2h - Tênis de mesa masculino e feminino - eliminatórias
- 3h - Vôlei de praia masculino e feminino - fase de grupos
- 3h10 - Ginástica artística feminino - classificatória
- 5h - Judô masculino e feminino - eliminatórias
- 5h30 - Brasil x Costa do Marfim - futebol masculino - fase de grupos
- 6h - Badminton masculino e feminino - fase de grupos
- 7h - Natação masculino e feminino - classificatória
- 8h - Vôlei de praia masculino e feminino - fase de grupos
- 08h20 - Ginástica artística feminino - classificatória
- 9h45 - Brasil x Coreia do Sul - Vôlei feminino - fase de grupos
- 19h - Surf masculino e feminino - eliminatórias
- 21h - Vôlei de praia masculino e feminino - fase de grupos
- 21h - Esgrima masculino - eliminatórias
- 21h - Brasil x França - handbol masculino - fase de grupos
- 21h - Skate street feminino - tudo
- 22h - Badminton masculino e feminino - fase de grupos
- 22h - Tênis de mesa masculino e feminino - eliminatórias
- 22h30 - Natação masculino e feminino - classificatória
- 23h - Judô masculino e feminino - eliminatórias
- 23h - Tênis masculino ou dupla - eliminatórias
- 2h30 - Tênis de mesa masculino e feminino - eliminatórias

Foto: Marcelo Cortes / Flamengo

Flamengo tenta quebrar tabu contra o São Paulo

Da Redação

A 13ª rodada do Campeonato Brasileiro da Série A tem sequência neste domingo com a realização de mais seis jogos com destaque para o clássico Flamengo x São Paulo, às 16 horas, no Maracanã. A última vitória do Flamengo já tem mais de três anos: 2 x 0 pelo Brasileirão de 2017 no dia 2 de julho. Ano passado, o rubro-negro sofreu com o time paulista não só no Brasileirão, mas também na Copa do Brasil. Apesar de campeão em 2020, o

Mengo perdeu na última rodada por 2 a 1 e foi beneficiado pelo empate do Corinthians contra o Internacional para se sagrar bicampeão. Agora com o técnico Renato Gaúcho, que vem de três vitórias, vai tentar quebrar esse tabu. Os outros jogos deste domingo são Atlético-MG x Bahia, às 11 horas; Fortaleza x Bragantino, às 16 horas; Santos x Atlético-GO, às 18h15; Athletico-PR x Internacional, às 18h15 e Sport x Ceará, às 20h30. Amanhã mais dois jogos: Juventude x Chapecoense, às 18h; e Cuiabá x Corinthians, às 20h.



Jogadores do Flamengo enfrentam o São Paulo pelo Campeonato Brasileiro da Série A neste domingo, a partir das 16h, no Maracanã



Arquitetura da capital com marca italiana

Arquitetos e engenheiros deixaram sua terra natal e começaram a desembarcar na PB há mais de 130 anos

Juliana Cavalcanti
julianacavalcanti@epc.pb.gov.br

Construir a vida no Brasil foi o motivo que atraiu muitos italianos para o país a partir do final do século XIX. Entre eles, vieram técnicos com formação em Arquitetura ou Engenharia em busca de um mercado de trabalho que precisava dessa mão de obra especializada. De acordo com a mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) Maria Helena Azevedo, há registros que apontam a presença dos imigrantes italianos na Cidade da Parahyba desde 1890, quando foi criada a 'Società Italiana di Beneficenza XX Settembre', no qual 20 de setembro é a data nacional italiana.

"Durante um seminário de história da cidade e do urbanismo, em 2010, assisti a uma conferência do professor Vittorio Cappelli, da Universidade da Calabria, que estava mapeando os arquitetos e os mestres de obra italianos que atuaram no Brasil no final do século XIX e começo do século XX. Em sua pesquisa, ele citou profissionais que atuaram em João Pessoa", relata a pesquisadora da UFPB.

A arquiteta esclarece que os arquitetos italianos ou de origem italiana só começaram a trabalhar em João Pessoa nas primeiras décadas do século XX, quando as cidades brasileiras passavam por reformas urbanas que tinham o objetivo de torná-las mais salubres e também de embelezá-las. "Havia, então, a necessidade de técnicos capacitados a conduzir esses trabalhos, o que acabou atraindo profissionais liberais da Arquitetura e da Engenharia que por aqui se estabeleceram ou que aqui viveram por alguns anos, deixando a marca de seu trabalho nas nossas ruas e praças", detalhou.

A presença desses imigrantes ou de seus descendentes trouxe alterações significativas na Arquitetura e no espaço urbano da capital paraibana. Segundo a especialista, ainda hoje existem nas ruas da cidade edifícios projetados por nomes como Hermenegildo di Lascio, Paschoal Fiorillo, Giovanni Gioia ou João Batista Tony, por exemplo.

O próprio Mario Glauco di Lascio é filho de Hermenegildo di Lascio e, a partir dos anos de 1950, seguiu a profissão do pai, sendo responsável por obras importantes para o município. "Ele é um arquiteto que tem uma obra muito significativa e já em sintonia com os moldes da Arquitetura moderna brasileira", completa a pesquisadora.

Fotos: Ortilo Antônio



Prédio da Academia de Comércio Epitácio Pessoa é um dos projetos elaborados por Hermenegildo di Lascio



Um dos palacetes na Rua das Trincheiras



Agência do Banco do Brasil, na Gama e Melo



Sede dos Correios e Telégraphos (Paço Municipal)



Associação Commercial da Paraíba



Loja Maçônica Branca Dias



Orfanato Dom Ulrico



Pavilhão do Chá, na Praça Venâncio Neiva

Foto: Reprodução

Hermenegildo di Lascio, de origem napolitana, foi um dos que mais atuou na capital paraibana



A partir da década de 1950, Mario Glauco, filho de Hermenegildo, seguiu a profissão do pai



Foto: Reprodução

+ Uma extensa produção em JP

Hermenegildo di Lascio foi um dos que mais trabalhou em João Pessoa. De origem napolitana, estudou Arquitetura em Buenos Aires e chegou na Cidade da Parahyba em 1916. É um dos arquitetos com produção mais extensa na cidade e atuou na iniciativa pública e privada. "Fixou residência na Rua Direita, atual Duque de Caxias e aqui desenhou a modenatura da sede dos Correios e Telégraphos (atual Paço Municipal de João Pessoa)", descreve Maria Helena.

Modenatura é a arte de traçar os perfis; disposição harmoniosa do conjunto de molduras que integram as superfícies da arquitetura, tendo por fim efeitos estéticos criados pelo movimento das saliências e reentrâncias, pela relação entre cheios e vazios e pelo jogo da luz e da sombra.

Ele também projetou e construiu edifícios como a Associação Commercial da Paraíba, a Academia de Comércio Epitácio Pessoa, a Loja Maçônica Branca Dias, a agência do Banco do Brasil, na Rua Gama e Melo, a Capitania dos Portos, o Orfanato Dom Ulrico e a sede da Imprensa Oficial (berço de A União). Esse último foi demolido e, em seu lugar, hoje existe a Assembleia Legislativa, na Praça João Pessoa. Ainda projetou a Praça da Independência e o pavilhão que permanece no mesmo local, cuja finalidade era abrigar as autoridades nos desfiles cívico-militares que comemoravam datas como o 7 de Setembro, de modo especial em 1922, no Centenário da Independência. Di Lascio foi sócio do paraibano Avelino Cunha na empresa de Engenharia e Arquitetura Cunha & Di Lascio, cuja sede ficava na Rua Maciel Pinheiro. A construtora executou diversos trabalhos, entre eles os palacetes na Rua das Trincheiras, principalmente no trecho que hoje corresponde à Avenida João da Mata.

"Inclusive, quando a cidade começou a se expandir em direção a Tambiá, ele projetou e construiu um palacete para a residência de sua família na Avenida Monsenhor Walfredo Leal, onde é possível observar em sua fachada a colonata e elementos decorativos que remetem à arquitetura italiana. Esse edifício hoje é ocupado por uma gráfica", ressalta a estudiosa. Outro italiano é Paschoal Fiorillo, que fez o projeto de urbanização do Pátio do Palácio, que passou a se chamar Praça Venâncio Neiva em 1917. O projeto definiu para a nova praça jardins, tendo também uma fonte com esculturas em mármore, um coreto e um ringue de patinação. "Na época do governo João Pessoa, a praça passou por uma intervenção e o arquiteto Giovanni Gioia projetou ali um pavilhão com a função de oferecer à população da cidade o 'chá das cinco', ficando o edifício conhecido como Pavilhão do Chá", detalhou a pesquisadora.

João Batista Tony, por sua vez, era filho de italianos e nasceu em São Paulo. Aos dois anos de idade retornou com os pais para a Itália e por lá viveu até se formar engenheiro industrial pela Universidade de Turim. Voltou ao Brasil para trabalhar nas Indústrias Matarazzo e foi transferido para a fábrica de cimento da Paraíba. No estado, casou-se com uma paraibana e teve filhos. Ele atuou no mercado da construção civil, tendo realizado projetos de casas na Rua das Trincheiras e na Rodrigues de Aquino.

"Tony também projetou edifícios de uso misto na Praça Aristides Lobo. Em geral, os seus projetos foram construídos a partir da segunda metade dos anos de 1930 e são marcados por linhas geométricas que remetem ao art deco", observa a arquiteta.

A saga dos arquitetos e engenheiros italianos na Paraíba continua na segunda parte desta reportagem na edição do Caderno Almanaque do próximo domingo (1º).

Mauro Luna



Mauro Luna militava na imprensa oposicionista e isso sempre lhe trouxe problemas diversos, mas nunca desistiu de suas ideias

Jornalista, poeta e escritor é considerado um dos expoentes da cultura e da educação campinense

Hilton Gouvêa
hiltongouveauij@gmail.com

A pequena estatura do adolescente Mauro Cunha Luna impunha respeito entre os colegas de aula e, posteriormente, de redação e dos recitais poéticos. Daí porque, segundo informa o jornalista, historiador e escritor Gilson Souto Maior, ele é considerado uma das maiores culturas de Campina Grande – a segunda maior cidade do Estado da Paraíba, situada a 126 quilômetros de João Pessoa –, onde nasceu em 27 de julho de 1897. Os veículos de comunicação da época disputavam a publicação de seus escritos, por saberem que atraíam a curiosidade de centenas de leitores.

Filho de Baltazar Gomes Pereira Luna e Maria Santana da Cunha, esse jornalista, poeta e compositor casou-se com Augusta de Almeida Luna, formando uma união matrimonial feliz. A inteligência pródiga e as boas notas que obtinha no Colégio São José, sob a instrução do professor Clementino Procópio – um célebre advogado de Campina Grande –, somaram pontos para que Mauro Luna, aos 15 anos, fosse nomeado redator do jornal A Voz da Borborema, um dos periódicos pioneiros do Estado. Editou seu próprio jornal em 5 de setembro de 1915, aos 18 anos, batizando-o de Renascença, que circulou apenas por três anos.

Em seu primeiro número, o Renascença saiu com 12 páginas, contendo oito sonetos de Mauro Luna. No ano de 1916 fundou o semanário A Razão, que circulou até 1918. De caráter extremamente político e de oposição, esse jornal trouxe problemas diversos para Luna. Ele não desistiu de suas ideias oposicionistas, embora tenha dado uma pausa em seus empreendimentos jornalísticos para fundar, em 1921, o Colégio Olavo Bilac, que funcionaria até no ano de 1932. Reacendendo seus penhores literários, lançou o livro 'Horas de Enlevo' – sua única publicação da espécie –, em 10 de maio de 1924.

Um dos sucessos alcançados por Luna neste livro foi o elogio do influente escritor e político José Américo de Almeida, seguido de outros renomados da área, como João Ribeiro, Afonso Celso e Raul Machado. Uma de suas variações profissionais – fala-se que nasceu da necessidade de aumentar os ganhos – foi a de ter sido diretor da Biblioteca Pública de Campina Grande e professor dos Colégios Pio XI e Imaculada Conceição (Das Damas). Teve a honra de ser convidado para compor o hino desse último educandário, responsável, pela educação de muitas mentes femininas sábias de Campina Grande.

Disputado

Veículos de comunicação da época competiam por suas publicações, que atraíam os leitores

A trajetória de um homem que não ria, mas atraía amizades

“Em 31 de outubro de 1942, ele confessou publicamente se sentir honrado e orgulhoso de ter sido eleito membro da Academia Paraibana de Letras (APL), para ocupar a vaga deixada pelo brilhante jornalista Irineu Joffily”, afirma Gilson Souto Maior. “O padre Mathias Freire o empossou através de procuração. Mauro Luna morreu pobre, aos 46 anos, em 23 de novembro de 1943. Os jornais de Campina Grande publicaram com destaque a data de sua morte”, adiantou Gilson.

Nos anos seguintes, quando sua morte era lembrada por amigos, sempre havia quem o descrevesse como ele realmente era. Antônio Mangabeira o descreve assim: “(...) Era fisicamente, de pequeno porte. Poucos músculos lhe cobriam os ossos. Tinha ombros desnivelados e apresentava sempre um rosto pálido. Ele renunciou a todas as expansões de alegria (...) Passava por Campina Grande conservando a visão baixa, indiferente aos fatos que se encenavam nas ruas. (...) Ele não tinha o riso nos lábios. Mas, em maravilhosa retribuição, possuía uma alma cheia de afetos e de comunicabilidade, servindo de magnífico consolo para as pessoas que se aproximavam de seu cerne”. Campina Grande o homenageou batizando uma escola pública com seu nome e uma rua no Bairro da Conceição.



Colégio Imaculada Conceição, mais conhecido como Colégio das Damas, onde Mauro Luna também atuou como professor

Foto: Ascom/PMCG

Vida de poeta

O escritor Rau Ferreira descobriu, nos anos do tempo, o poema 'Seios', publicado no 'Almanach de Pernambuco', em 1920, quando Luna tinha 23 anos:

Niveos pomos gentis, amêndoas, filhas
Do amor, fonte nutriz da vida humana
Vos, força ingente que de outrora força emana,
Magnéticos chamais as doces trilhas
Que tendem à existência soberana
Vosso aroma seduz, como a tirana
Emanação das treads manceuilhas.
Em voz palpita a vida, em voz palpita
Toda força nutriz das sensações,
Que conduz ao viver e à morte excita
Venusos seios de sutil pador:
Quando presos vos vejo, entre os rendões,
Gozo a voluptia de uma estranha dor.

De acordo com Rau, Luna também compôs uma ode ao Campinense Clube, cujo texto permaneceu inédito muitos anos na Paraíba, por ter sido publicado em jornais de Recife (PE):

Ouço um brando rumor pela amplidão em fora,
Um rumor que, sublimem,
Com doçuras ideais, todas as almas vence...
Ouço. E meu coração, que se agita em plethora
Esquece de repente o mundo, – dor e crime
Para saudar cantando o egrégio campinense!
E me fico a cismar e o rumor mais se agita
Recesce vibra mais
Como se, para mim, rompesse, de momento,
Uma bela alvorada, esplêndida, bendita...

Angélica Lúcio



angelicallucio@gmail.com

A recém-criada e bem-vinda editoria de Interação da Folha

Há pouco mais de um mês, o jornal Folha de São Paulo anunciou a criação de uma editoria de Interação. Com a empreitada, o veículo objetiva alcançar um contato mais próximo com o leitor. Quem assumiu o cargo de editor de Interação e Redes Sociais foi o jornalista Mateus Camillo (na foto), que é especialista em distribuição de conteúdo em plataformas digitais.

A inovação da Folha tem foco no on-line, mas não só. Conforme matéria publicada no próprio jornal, a editoria de Interação será responsável por gerenciar todos os canais de contato da Redação com os leitores, incluindo Painel do Leitor, as contas da Folha em redes sociais, moderação de comentários e o Folhaleaks, canal para envio de denúncias.

“A ideia é aprofundar o trabalho de redes sociais que já fazemos e trazer o leitor e seguidor cada vez mais perto do jornal”, comentou Mateus Camillo ao anunciar no LinkedIn seu novo posto. Com a iniciativa, o jornal também quer estimular o debate qualificado em todas as suas plataformas.

Ainda caberá à editoria de Interação centralizar o recebimento de mensagens dos leitores e leitoras por meio de e-mail, aplicativo de mensagem e até carta, se assim alguém preferir.

Com a criação da nova editoria, a Folha de São Paulo busca também reforçar o vínculo com seu público, que é bem numeroso. Somente no primeiro trimestre de 2021 o site da Folha agregou um universo de 24 milhões de visitantes únicos. Uma das prioridades da nova editoria será estimular a troca de ideias, buscando também que o leitor se sinta parte de uma comunidade enquanto estiver em uma plataforma da Folha, seja digital ou impressa.

É notório que, com as redes sociais, a audiência também ganhou mais poder de “fala” e se sentiu autorizada a interagir mais com a redação. Esse cenário, aliás, já era previsto por Judith Brito e Ricardo Pedreira, no livro ‘A Força dos Jornais – Os 30 anos da Associação Nacional de Jornais no processo de democratização brasileiro’, lançado em 2009: “O mundo continua a demandar informação uni-



Foto: Instagram

directional, do emissor para o receptor, como no passado, mais quer, mais ainda, interagir, participar, opinar, apoiar, criticar”. Doze anos depois do que Brito e Pedreira escreveram, muito mudou no mundo da comunicação, em especial do universo digital, mas o entendimento de

que é preciso, mais e mais, interagir com a audiência só se fortalece.

A editoria de Interação pela Folha de São Paulo é mais que bem-vinda, principalmente quando sabemos que a maioria dos veículos interage pouco e ruim com seu público. Conforme a pesquisa ‘Potencial de membership e de relacionamento com o usuário nas redações brasileiras’ (Orbis Media Review/2020), apenas 34,9% dos jornalistas brasileiros atuantes em redação afirmaram ter interagido com os usuários de seus veículos no mesmo dia ou na mesma semana em que responderam o formulário. O mesmo estudo, que ouviu 123 profissionais, apontou que mais da metade dos jornalistas ouvidos aceitaria dedicar, no máximo, uma hora por semana para interagir com os usuários e 61% preferem fazer isso respondendo mensagens de forma individual.

Mais: 17% não lembravam quando tinha sido a última vez que responderam a um comentário ou mensagem enviados pelo usuário, e 10% dos colegas disseram que não gostariam ou não se veem interagindo com a população. Pasmem: 11% confessaram não ter sequer o hábito de ler o feedback do público. Enfim, como jornalistas, estamos pecando, e muito, em não interagir mais e melhor com nossa audiência. Que venham mais inovações como a da Folha!

Tocando em frente

Professor Francelino Soares



francelino-soares@bol.com.br

Ainda a Guarânia – Cascatinha & Inhana

Rebuscando a mente, resolvi reouvir algumas guarânias que insistem em ficar gravadas na minha memória musical. Em sendo assim, não havia como não retornar à dupla que impulsionou o gênero no Brasil, os inicialmente cognominados como “Os Sábios do Sertão”. Para quem leu a coluna anterior, fica evidente que o slogan está vinculado ao estilo sertanejo de fazer música, mesmo porque os dois, o sertanejo e a guarânia, muito fazem aproximar os vários aspectos que caracterizam um gênero ou estilo rítmico.

Antes da formação da dupla, Francisco dos Santos (Araraquara-SP, 1919 – São José do Rio Preto-SP, 1996), desde a juventude, já navegava no universo musical, interpretando modinhas sertanejas, canções dolentes e valsas, acompanhando-se ao violão, além de ser exímio baterista, um artista, portanto. Apresentando-se em circos mambembes, chegou a formar uma dupla, no Circo Nova Iorque, com um amigo, este cognominado de Chopp. Como a cerveja da época se chamava Cascatinha, nada mais adequado do que formarem, os dois, a dupla Chopp e Cascatinha... A dupla fez sucesso e tornou-se famosa na região. Daí, em 1941, resolveu agregar uma voz feminina, formando o Trio Esmeralda. A tal voz femi-

nina viria a ser a de Ana Eufrosina da Silva Santos (Araras-SP, 1923 – São Paulo-SP, 1981), apelidada familiarmente de Inhana, por um processo de assimilação vocabular onomástica (InhANA). Ela era solista de um grupo musical formado por seus irmãos.

O “meio artístico” interiorano os fez se aproximar artística e musicalmente. Por amor e – digamos – por conveniência musical, resolveram casar-se naquele mesmo ano e, ainda como Trio Esmeralda, devido ao sucesso interiorano e ao incentivo de admiradores, rumou para o Rio de Janeiro, em 1942, vindo a se apresentar em diversos programas radiofônicos, como na Rádio Mayrink Veiga (César de Alencar) e na Rádio Nacional (Renato Murce). No mesmo ano, Chopp separa-se do trio, restando, então, a dupla, que ingressou no Circo Estrela Dalva, excursionando pelos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo, sempre obtendo projeção e enorme sucesso. Tanto é que, contratados por um novo circo, o Imperial, nele trabalharam por cinco anos.

Em 1947, vamos encontrá-los já atuando na Rádio América (São Paulo) e, em 1950, a dupla foi contratada pela Rádio Record, onde atuou por doze anos. Contratados pela gravadora Todamérica em 1951, conheceram Zé Fortuna, que formava uma

“dupla sertaneja”, com o irmão Euclides (Zé Fortuna & Pitangueira), sendo aquele o autor e mentor da primeira gravação (“Frontereira”) dos estreantes no disco, fazendo-se antever o rumo do repertório abraçado por Cascatinha & Inhana: a guarânia, com forte influência da música sertaneja.

Em 1952, com Cascatinha já como diretor artístico da gravadora, veio o salto mágico, com a gravação que deu início ao grande sucesso do seu repertório: um 78 rpm, com nada mais nada menos do que ‘Índia’ e ‘Meu Primeiro Amor’ e alcançando uma marca imbatível para a época: trezentas mil cópias. Consagrados como dupla musical, como era costume para artistas em destaque, figuram no filme ‘Carnaval em lá maior’, de Ademar Gonzaga e TV Record, que contou no elenco também com Walter D’Ávila, Renata Fronzi, Ataulfo Alves, Adoniran Barbosa, entre outros. Como citado em coluna anterior, segue-se uma carreira de que constam cerca de trinta discos (78 rpm) e uma dezena de LPs.

Aos curiosos e/ou apreciadores do gênero, fazemos referência a dois espetáculos da dupla: o primeiro, gravado pela TV Cultura, em 1973, dirigido por Fernando Faro, cujo encarte ilustra esta coluna, e o segundo, gravado no Teatro Alfredo Mes-

quita (SP), em 1978. Em ambos, faz-se uma retrospectiva de sua carreira.

E “pra não dizer que não falei” de Paraíba, por aqui, o sucesso da dupla foi revivido na Rádio Tabajara quando, na década de 1950, o sucesso ‘Índia’ tinha lugar cativo nos programas dominicais de auditório, com a interpretação do megassucesso a cargo do quarteto Tabajaras do Ritmo, composto pelos irmãos Walderedo, Waldenice, Wilmar e Waldenira Nunes de Brito, que cantavam a exaustão os sucessos de Cascatinha & Inhana.

Foto: Reprodução



COM O CHEF **WALTER ULYSSES**

Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Linaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de tvê e rádio locais e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

@walterulysses
chefwalterulysses@hotmail.es

Assombração na gastronomia

Ainda é de assustar o número de estabelecimentos fechados, lojas para alugar e espaços comerciais ainda para alugar, e que não irão reabrir por conta do efeito da primeira fase da pandemia e desta recente fase de mudanças e de fechamentos.

Uma pesquisa do IBGE e outras associações do ramo gastronômico atualiza informações e ações de sobrevivência adotadas pelos empresários no que se refere à reabertura, financiamentos junto aos bancos negociados com o governo federal, utilização de benefícios trabalhistas e demissões, negociação de aluguéis, delivery e entre outros tópicos. Além de tudo isso, ainda têm empresas que, mesmo com a ajuda do governo, ainda não conseguiram sair do vermelho e muitas estão repassando seus pontos ou tentando negociar.

Recentemente estive em um restaurante em Jacumã, no Conde, e a proprietária me falou que, entre pousadas, hotéis e estabelecimentos do ramo em gastronomia, existem mais de 90 estabelecimentos à venda e em negociações. Fico a imaginar o desemprego.

A reabertura foi cautelosa. A maioria preferiu a abertura gradativa, junto com o comércio e o início só foi de 57,5%, e não teve alteração de crescimento.

Em relação aos financiamentos com bancos negociados pelo governo federal, só 11,9% dos empresários conseguiram algum desses recursos anunciados até agora.

Dos contratos de trabalho, 83,3% dos estabelecimentos utilizaram a suspensão do contrato. Isso é um número muito preocupante, enquanto as demissões subiram para 57,1%, e esse número continua a subir cada dia mais.

Das empresas que mantiveram as portas fechadas, os empresários avaliaram que 40% dos estabelecimentos deverão encerrar as atividades em definitivo, pois não compensa mais reabrir, não conseguem pagar as contas por completo. Os que pagam aluguéis, 67% deles conseguiram negociar redução e até parcelar o débito para um pagamento posterior, foi feito um acordo entre as partes.

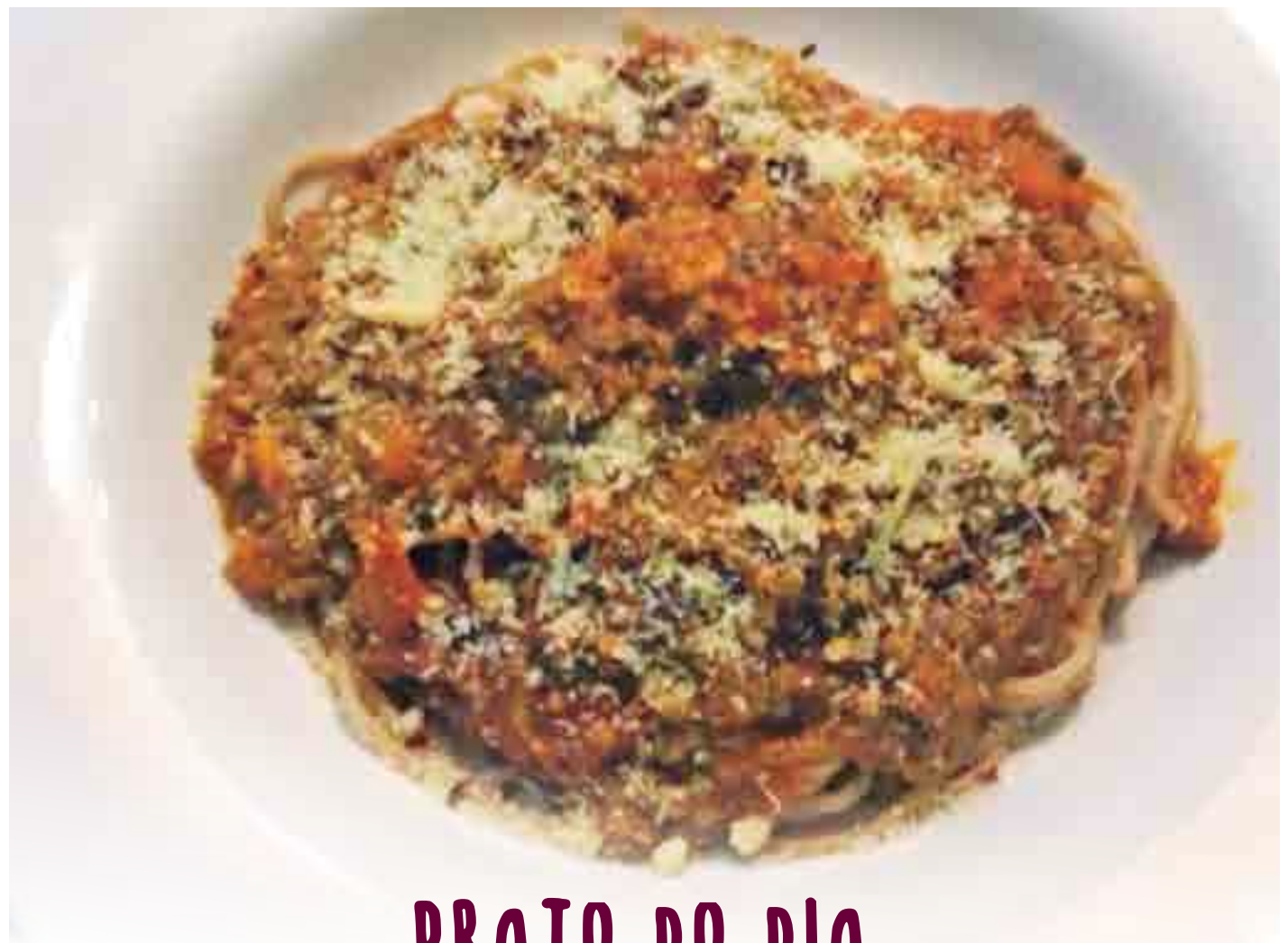
Dos que trabalham com entregas - o famoso delivery -, 73,5% deles estão trabalhando nessa modalidade e tentando regularizar suas empresas para ficarem legais nos tributos, mas, como fazer isso, quando todos os dias tem um alimento diferente? No total das empresas de gastronomia que trabalham com os aplicativos, 80% estão insatisfeitos com o atendimento dos app. O iFood é o campeão de reclamações de maneira em geral. Porque não se responsabiliza com o produto da empresa e a reclamação vem a ela e não ao aplicativo.

Muitas empresas estão sendo cobradas pela distribuidora de energia e 66,7% delas estão sendo cobradas pela média de consumo de energia elétrica, anterior a todo caos passado e são muitas. Há cortes de energia elétrica... tira-se de um lugar e se coloca em outro... e o "buraco" vai aumentando.

Se já estava difícil restabelecer, a coisa está cada dia ficando pior. No comércio em geral, a matéria-prima está mais difícil de se encontrar e com valores absurdos a cada dia que se passa. É de doer no coração. Numa caminhada ao Centro da capital, se vê refeições sem balança, a preço de R\$ 10,00. Não se sabe mais a quem recorrer. A culpa é do dólar? Ou o governo federal facilitou para as grandes empresas e hoje está ficando impossível sobreviver em meio ao caos que o país se tornou? É uma súplica sem fim: empresários doentes, com síndrome do pânico, depressão, crises de ansiedades. É muito mais além da pandemia!

Não está fácil, é um grito que ecoa por este jornalista que trabalha na área e passa por muitas empresas e sofre junto da mesma forma. É preciso uma solução para ontem, pois amanhã será tarde demais.

Só no tempo bom de nossa infância, quando acreditávamos no desenho animado da Liga da Justiça, que vinha e resolvia o problema, pois hoje não se tem a quem recorrer.



PRATO DO DIA

Espaguete à bolonhesa caseiro

INGREDIENTES

- Sal e pitada de pimenta a gosto
- 1 kg de carne moída de sua preferência
- 1 de cenoura grande cortada em cubos
- 1 cebola grande ralada
- 1 pimentão verde bem picadinho
- 1 tablete de caldo de bacon
- 2 colheres de chá de manjeriço e a mesma medida de orégano desidratado
- 2 xícaras de polpa de tomate
- 1 colher de sopa de óleo vegetal
- 1 colher de chá de canela em pó
- 4 tomates bem maduros cortados em cubos
- 1 folha de louro ou 1 colher de chá de louro

Modo de preparo

- Comece este molho à bolonhesa caseiro picando a cenoura, a cebola, os pimentões e os tomates bem fininhos. Depois leve uma panela com óleo ao fogo alto, junte a cebola com os pimentões finalmente picados e os tomates, e deixe refogar. Quando o refogado começar a ganhar cor, acrescente o tablete de caldo e misture tudo.
- É importante mexer o refogado de vez em quando com uma colher de boa qualidade, para que os ingredientes não grudem na panela e não queimem.
- Em seguida, adicione a carne moída e a cenoura, baixe o fogo e continue mexendo constantemente até cozinhar. Enquanto isso pode temperar com pimenta moída a gosto e a canela em pó.
- Quando a carne estiver pronta, adicione a polpa de tomate junto com um pouco de água, as ervas e o louro. Deixe que o molho reduza. Lembre-se de cozinhar em fogo baixo, dessa forma os ingredientes cozinham pouco a pouco.
- A última coisa que tem de fazer para garantir um molho à bolonhesa caseiro e delicioso é, depois de todos os ingredientes estarem cozidos, desligar o fogo e deixar repousar por cerca de 20 minutos antes de servir. Sirva com espaguete como a foto ou com um bom purê de batata e batata palha.

QUENTINHAS

O McLanche Feliz, em parceria com a Warner Bros, apresenta itens inéditos inspirados no novo filme 'Space Jam: Um Novo Legado' em nova campanha desde o dia 21 de julho. O lançamento contará com dez brinquedos para celebrar a estreia do longa-metragem e promover entretenimento e diversão para os momentos em família. Os brinquedos já podem ser encontrados nos restaurantes da rede, que seguem operando pelo McDelivery e Drive-Thru em todo o país.

Composições equilibradas
Junto com seu compromisso em garantir momentos de diversão e aprendizagem, a companhia também mantém o compromisso de oferecer produtos de alta qualidade e os melhores ingredientes. Em 2019, o McDonald's renovou sua proposta de menu infantil para oferecer uma opção ainda mais equilibrada, diminuindo as quantidades de sódio, gorduras, açúcares adicionados e incorporando mais frutas e vegetais.

PITADAS A GOSTO



Muita gente pensa que tomate é um legume, mas não, tomate é fruta. Apesar de ser fruta, é um dos vegetais mais consumidos em todo o mundo. Muitos imaginam que o tomate anda pelas mesas do mundo há muito tempo. Ledo engano.

Até perto de 1900, os melhores cozinheiros europeus ainda desconfiavam que ele fosse venenoso, como são alguns membros das solanáceas, sua família botânica. Inicialmente era cultivado apenas para efeitos ornamentais.

Quando os tomates chegaram ao Velho Mundo, ainda não se sabia o que fazer com eles, uma vez que eram muito ácidos para comer como fruta.

Foi aí que um chef da corte espanhola, chamado Antônio Latine, resolveu usar o fruto misturando tomates, cebolas e óleo de oliva para criar um molho. Aí surgiu os molhos variantes do tomate.